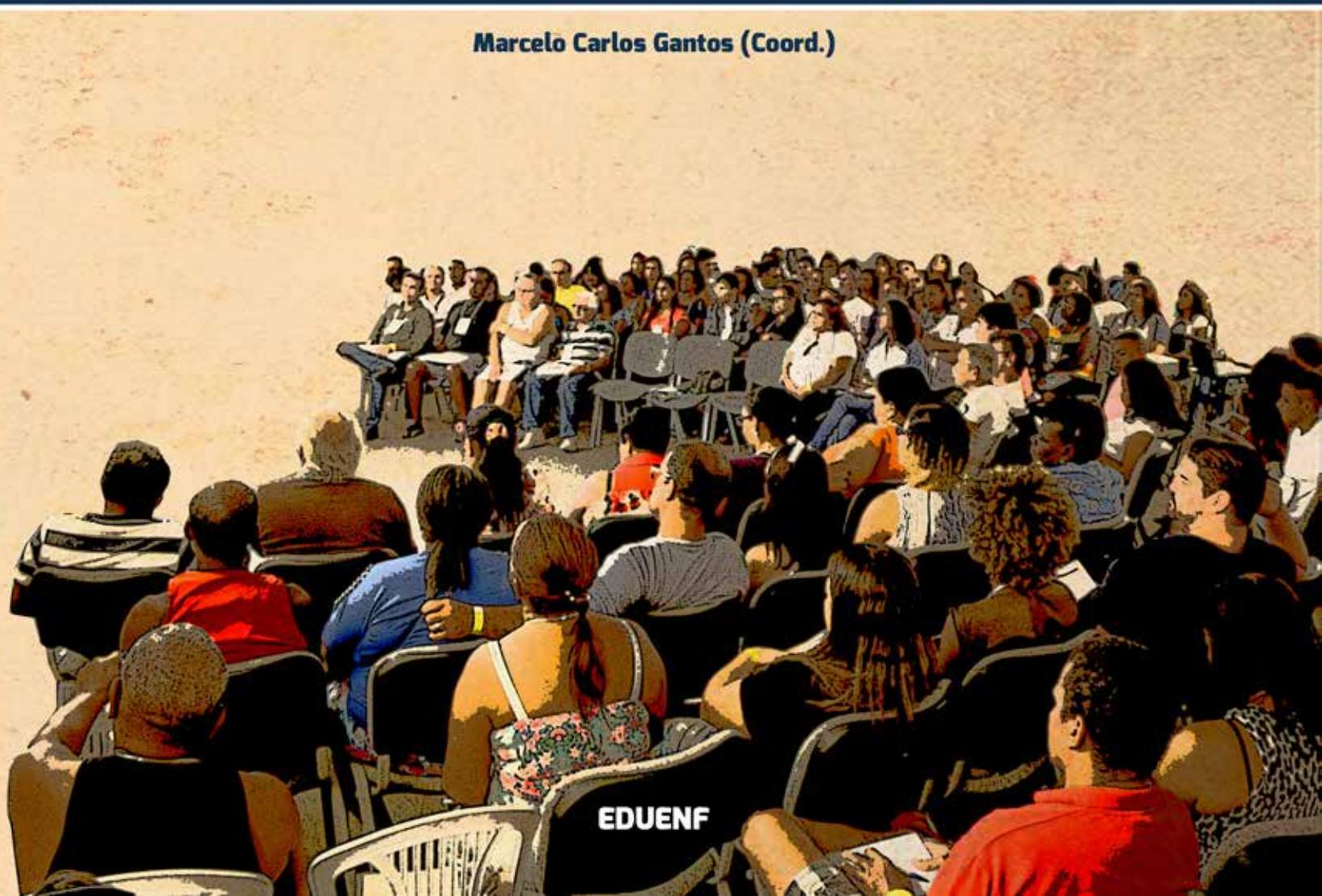


Projeto de Educação Ambiental  
**Territórios do Petróleo:**  
**ações para o**  
**controle social dos *royalties***

Marcelo Carlos Gantos (Coord.)





**Projeto de Educação Ambiental  
Territórios do Petróleo:  
ações para o controle social  
dos *royalties***



Marcelo Carlos Gantos (Coord.)

**Projeto de  
Educação Ambiental  
Territórios do Petróleo:  
ações para o controle social  
dos *royalties***

Campos dos Goytacazes, RJ  
2019



Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Preparada pela Biblioteca do CCH / Uenf

P964 Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo  
: ações para o controle social dos royalties /  
coordenação de Marcelo Carlos Gantos.– Campos  
dos Goytacazes, RJ : EdUENF, 2019. 244 p. : il. –  
(Coleção Educação e Ensino).

ISBN :978-85-89479-44-8

1. Educação Ambiental. 2. Licenciamento  
Ambiental. 3. Controle Social. 4. *Royalties*  
(Petróleo). 5. Ações Pedagógicas. I. Marcelo  
Carlos Gantos (Coord.). II. Título.

CDD: 304.28



Editora da Universidade Estadual do Norte  
Fluminense Darcy Ribeiro

**Conselho Editorial**

Leonardo Rogério Miguel (editor-chefe)

Maura da Cunha

Ricardo Bressan-Smith

Sergio Arruda de Moura

Nilson S. Peres Stahl

Maridelma de Sousa Pourbaix

**Coleção:**

Educação e ensino

© Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Os capítulos são de inteira responsabilidade dos autores.



**Reitor:**

Luis Cesar Passoni

**Vice-reitora:**

Teresa de Jesus Peixoto Faria

**Diretor do Centro de Ciências do Homem:**

Marcelo Carlos Gantos

**Coordenadora do Programa de Políticas Sociais (Uenf):**

Denise Cunha Tavares Terra

**Realização:**

Petrobras e Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais (Uenf)

**Coordenação Geral do projeto****Territórios do Petróleo:**

Marcelo Carlos Gantos

**Coordenação Pedagógica:**

Silvia Alicia Martínez

**Petrobras:**

Unidade de Operações de Exploração e Produção da Bacia de Campos – UO-BC

**Revisão:**

Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle

Paula Mousinho Martins

Rodrigo da Costa Caetano

Silvia Alicia Martínez

Simonne Teixeira

**Capa, projeto gráfico e programação visual:**

Marcus Cunha

**Colaboração na seleção de Imagens:**

Paulo Henrique Rodrigues Damasceno

**Coordenação da obra:**

Marcelo Carlos Gantos



A realização do projeto Territórios do Petróleo é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA



# SUMÁRIO

## Introdução

Marcelo Carlos Gantos

19

## PARTE 1

### Etapa de Sensibilização

23

#### Capítulo 1

### Totem interativo & educativo: informação na ponta dos dedos

25

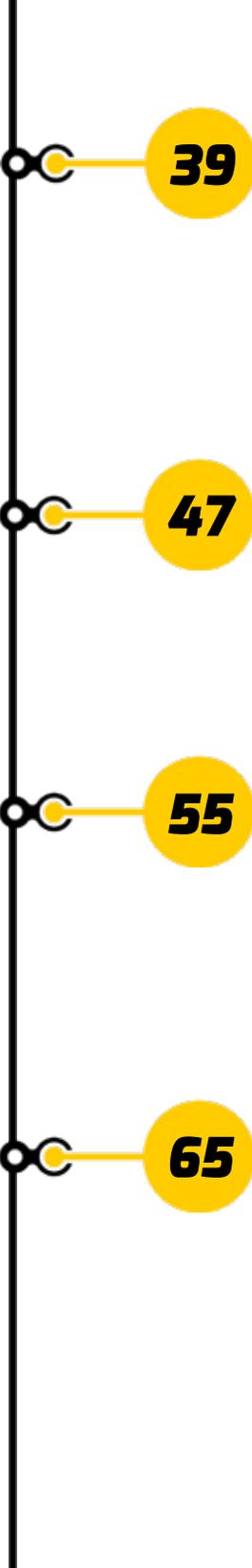
Teresa de Jesus Peixoto Faria e  
Rodrigo da Costa Caetano

#### Capítulo 2

### Jogar para todo mundo ganhar

33

Ana Paula Teixeira Barreto, Isabela Mariz, Kamila  
Louzada Rangel e Mirian Rachel de J. Soares, Paula  
Mousinho Martins, Simonne Teixeira.



**39**

Capítulo 3

## **O uso da energia na Linha do Tempo**

Simonne Teixeira, Paula Mousinho Martins, Ana Paula Teixeira Barreto, Carine Lima dos Passos, Jânio de Oliveira Silva Júnior e Mirian Rachel de J. Soares

**47**

Capítulo 4

## **Teatro no “Territórios”: o cidadão sobe ao palco**

Paula Mousinho Martins e Simonne Teixeira

**55**

Capítulo 5

## **A gente se vê no cinema: documentários socioambientais na Caravana**

Paula Mousinho Martins e Simonne Teixeira

**65**

Capítulo 6

## **A Mesa-Redonda e a participação social em debate**

Nayara Seabra e Marcelo Carlos Gantos

Capítulo 7  
**Oficina do que somos e  
do que queremos ser**

Silvia Alicia Martínez e Leandro Fernandes Viana

**73**

Capítulo 8  
**O desafio da participação a partir da  
Reunião de Devolutiva (RD)**

Silvia Alicia Martínez

**83**

Capítulo 9  
**Territórios em Movimento: rumo às  
comunidades**

Ana Paula Teixeira Barreto, Carlos Javier C. Galán,  
Jânio de Oliveira Silva Jr., Kamila Louzada Rangel,  
Leandro Fernandes Viana, Mirian Rachel de J. Soares,  
Ana Paula Filgueira, Carine Passos, Elizabeth Porto,  
Isabela Mariz, Lucimara Souza, Maria da Conceição  
Pavão, Moira Pessanha e Renata Leandro.

**89**

**A Caravana**

**107**

- 
- 109** **PARTE 2**  
**Etapa de Formação - Oficinas**
- 111** Capítulo 10  
**A fotografia “revelando” impactos socioambientais e políticas públicas**  
Rodrigo da Costa Caetano, Teresa de Jesus Peixoto Faria e Paulo Henrique Rodrigues Damasceno
- 121** Capítulo 11  
**Licenciamento e educação ambiental na gestão pública**  
Paula Mousinho Martins e Simonne Teixeira
- 131** Capítulo 12  
**Na trilha do controle social sobre o uso dos *royalties***  
Denise Cunha Tavares Terra e Joseane de Souza

Capítulo 13  
**Oficina de redes, mídias e ... questões  
inconvenientes**

Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle e  
Marcus Vinicius Santos Cunha

**145**

Capítulo 14  
**Educomunicação no dia a dia  
da Vigília Cidadã**

Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle

**155**

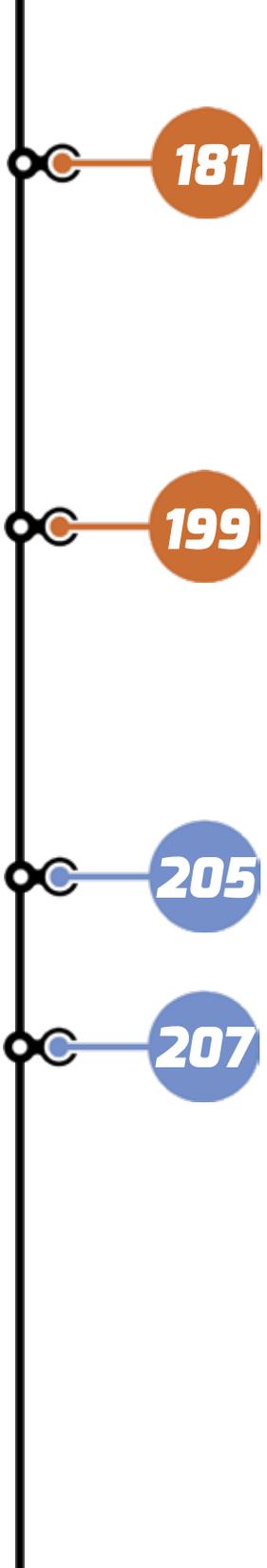
**PARTE 3**  
**Etapa de Avaliação**

**165**

Capítulo 15  
**Avaliação, revisão, reinvenção: o  
permanente aprendizado do projeto  
Territórios**

Silvia Alicia Martinez e Carmem Imaculada de Brito

**167**



**181**

Capítulo 16

**Ações avaliativas e percepções sobre a aprendizagem no PEA Territórios**

Danielle Nogueira Batista, Carmem Imaculada de Brito e Silvia Alicia Martinez

**199**

Capítulo 17

**A avaliação como termômetro da ação e bússola para o planejamento**

Michelle Nascimento Weissmann e Marcelo Carlos Gantos

**205**

**PARTE 4**

**À guisa de epílogo**

**207**

Capítulo 18

**Os Núcleos de Vigília Cidadã: conceitos e concretizações**

Marcelo Carlos Gantos e Silvia Alicia Martinez

**Poema**  
**Territórios de quê?**  
Ana Paula Souza Filgueira

**221**

**APÊNDICE**

**225**

**Princípios, valores e diretrizes**  
**de funcionamento dos**  
**Núcleos de Vigília Cidadã**

**227**

**Referências**  
**bibliográficas**

**233**



Este livro trata do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Territórios do Petróleo: *royalties* e vigília cidadã na Bacia de Campos, desenvolvido por meio da gestão compartilhada entre a Petrobras e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), sob supervisão do Ibama, como parte das medidas mitigadoras do licenciamento ambiental federal dos seguintes empreendimentos marítimos de exploração e produção de petróleo e gás da Petrobras na Bacia de Campos:

- FPSO Cidade do Rio de Janeiro – Poço-RJS-409, concessão de Espadarte, LO 594/2007;
- FPSO Cidade de Rio das Ostras – Bloco Exploratório Aruanã, concessão BM-C-36, LO 1037/2011;
- P-65 – Campos de Enchova, Bonito, Enchova Oeste, Bicudo, Piraúna e Marimbá, RLO 206/2002;
- P-47 – Campo de Marlim, Bacia de Campos, RLO 477/2005;
- P-61 – Campo de Papa-Terra, LO 1196/2013;
- P-63 – Campo de Papa-Terra, LO 1196/2013;
- projeto de Escoamento de Gás para Cabiúnas - Gasoduto Rota Cabiúnas, LI 1001/2014.
- FPSO Cidade Campos de Goytacazes - Campo de Tartaruga Verde, LO 1451/2018

A obra tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas ao longo dos dois primeiros anos do projeto, resgatando a memória de um percurso pedagógico sem precedentes no âmbito do Licenciamento Federal. Esse tra-

balho de reconstituição foi possível graças à documentação produzida e compilada pela equipe do projeto: os relatórios técnicos das atividades, as avaliações da coordenação pedagógica, as inúmeras imagens registradas por todo (a)s, além das nossas próprias lembranças enquanto participantes. Embora realizado a partir da universidade, não se trata de um livro com pretensões teóricas ou acadêmicas, daí sua linguagem coloquial e direta, endereçada em primeiro lugar àqueles que protagonizaram as experiências descritas, enriquecendo-as com sua contribuição. Nesse sentido, o presente livro *Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo: ações para o controle social dos royalties* dá continuidade ao livro anterior, *A Caravana Territórios do Petróleo: Ressignificando a educação ambiental na Bacia de Campos* (GANTOS, 2016), onde foram apresentadas as diretrizes teóricas e metodológicas da proposta de ação-intervenção educativa do projeto Territórios do Petróleo, bem como de suas diversas atividades, desde a Caravana até as oficinas de formação. O presente volume reporta como esse conjunto de ações foi efetivamente colocado em prática, vivenciado e avaliado, num olhar retrospectivo.

A primeira parte do presente volume narra a história de uma experiência inovadora no âmbito dos PEA promovidos pelo processo de licenciamento ambiental federal na região da Bacia de Campos, a saber: a realização de uma Caravana itinerante dedicada a disseminar conhecimentos e despertar a conscientização socioambiental nos moradores desta região geográfica. Ao longo de 11 meses, a Caravana percorreu por duas vezes os dez municípios fluminenses abrangidos pelo projeto Territórios do Petróleo (Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Campos dos Goytacazes, Carapebus, Casimiro de Abreu, Macaé, Quissamã, Rio das Ostras e São João da Barra), com o intuito de sensibilizar suas populações para o exercício de uma cidadania mais ativa e crítica em relação aos impactos da indústria do petróleo e gás nas suas localidades.

A visão crítica de educação ambiental adotada pelo PEA Territórios do Petróleo questiona acima de tudo as apropriações desiguais e injustas implicadas em todas as formas de produção de mais-valia, desde as propriamente econômicas até as expropriações simbólicas ancoradas nas formas de produção social. Ela é crítica porque questiona a validade das formas de pensar subjacentes aos atuais dispositivos políticos hegemônicos, isto é,

as figurações culturais que legitimam assimetrias e ocultam as relações de poder sobre as quais se sustentam, convertendo diferenças em desigualdades e construindo desigualdades como diferenças. Ela é crítica também porque denuncia as construções teórico-metodológicas escondidas atrás do véu da neutralidade técnica e dos critérios de verdade que instituem hierarquias de poder.

Em nove capítulos, será relatado como essa experiência de divulgação de informação e promoção de cidadania, repleta de desafios, emoções e muito trabalho, ocorreu e se desdobrou; ou seja, de que modo uma equipe conseguiu, com muita cooperação e dedicação, viabilizar a execução das atividades-fim do Primeiro Ciclo do PEA Territórios do Petróleo. Não obstante as múltiplas frentes de trabalho empreendidas na primeira etapa do projeto (Sensibilização), a Parte I deste livro restringe-se às ações educativas que fizeram parte da programação da primeira volta da Caravana: Circuito Ambiental (Totens, Jogo, Linha do Tempo); Mostra de Cinema Ambiental Territórios em Foco; atividade teatral Territórios em Cena; Mesa-Redonda; Oficina do Futuro e Oficina Devolutiva. Encerrando a primeira parte há o capítulo que descreve a segunda volta da Caravana, de dimensões mais restritas que a primeira volta (Capítulo 9 - Territórios em Movimento: rumo às comunidades), e em seguida apontam-se os nomes das pessoas que participaram do dia a dia da caravana.

Já a parte II do livro contempla o momento seguinte às duas passagens da Caravana, denominado Etapa de Formação. Em cinco capítulos, será apresentado como foram executadas as Oficinas de Formação realizadas nos dez municípios após a finalização da etapa itinerante da Caravana, que tiveram o propósito de preparar a constituição dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC). Vale dizer que essas Oficinas desempenharam um papel pedagógico imprescindível dentro do plano de ação do PEA Territórios do Petróleo, qual seja, o acolhimento e preparação dos indivíduos mobilizados e selecionados ao longo das duas passagens da Caravana. Nas Oficinas, foram aprofundados os principais conceitos e questões focalizados pelo projeto, e disponibilizadas as ferramentas necessárias para a consecução de seu objetivo maior: mitigar a desinformação da população a respeito da origem e da utilização das rendas petrolíferas (*royalties* e participações especiais) pelos poderes públicos municipais, incentivando o controle social dessas receitas em escala local.

O intuito das Oficinas foi, assim, contribuir para a preparação dos participantes para exercerem o papel de agentes multiplicadores de informações nos futuros NVC municipais. Ao final do Primeiro Ciclo do projeto, os NVC estavam prontos para serem consolidados ao longo do Segundo Ciclo, dando continuidade ao cumprimento da condicionante legal do licenciamento ambiental.

A parte III do livro desenvolve, em três capítulos, uma reflexão circunstanciada sobre a experiência e as propostas que subjazem à metodologia empregada nas avaliações das atividades referentes às Etapas de Sensibilização e de Formação citadas acima. Ao mesmo tempo, essa terceira parte explicita a concepção pedagógica do projeto à luz dos seus pontos de partida, analisando os resultados obtidos e vislumbrando as perspectivas para sua continuidade no ciclo vindouro.

Finalmente a parte IV abriga, à guisa de epílogo, uma breve caracterização dos 10 NVC enquanto espaços privilegiados de articulação, execução e desenvolvimento das atividades pedagógicas inerentes ao PEA Territórios do Petróleo no seu segundo ciclo, ainda vindouro.

Fechando essa última parte, temos um poema escrito por membro da equipe, elaborado para ser recitado em uma atividade muito importante para o projeto, o “Encontro Regional para Intercâmbio e Integração de Experiências”, que aconteceu nos dias 16 e 17 de abril de 2016, em Campos dos Goytacazes.

A título de apêndice, foram anexados “Os princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos NVC”, discutidos e elaborados por cada município a partir de uma base comum realizada pela equipe técnica do projeto. Como exemplo, apresentamos o documento feito pelo NVC de Macaé, escolhido aleatoriamente dentre os demais para compor o presente livro.

Este livro compila a memória dos primeiros dois anos do projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo, processo que envolveu um número significativo de colaboradores e de público em geral, o qual se pensou homenagear nestas páginas.

Boa leitura!

## PARTE 1

# Etapa de Sensibilização

A Etapa de Sensibilização desdobrou-se em quatro momentos distintos, embora algumas vezes concomitantes:

**1)** Ida dos técnicos sociais aos dez 10 municípios abrangidos pelo projeto, antes da instalação da Caravana. Nesta atividade, os técnicos visitavam pessoalmente as comunidades apontadas pelo **Diagnóstico Participativo** do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC) como detentoras de maior desinformação em relação às rendas provenientes dos *royalties* e participações especiais das atividades petrolíferas. Nessas visitas, buscava-se contato com lideranças comunitárias, escolas, associações de bairro etc., de modo a apresentar-lhes o projeto Territórios do Petróleo e convidá-las a participar das atividades da Caravana, assim que esta estivesse montada no município. Esse processo foi sendo aprimorado ao longo do tempo, a partir do aprendizado cotidiano e paulatino das feições inéditas do PEA Territórios do Petróleo na história dos projetos de Educação Ambiental coordenados pelo Ibama; afinal, nunca se havia realizado uma Caravana similar no âmbito do licenciamento ambiental.

**2)** Contato institucional realizado previamente com as prefeituras municipais, no sentido de viabilizar a instalação da Caravana em espaços públicos escolhidos em função de sua centralidade e acessibilidade. Embora o objetivo fosse favorecer a maior diversidade e quantidade de visitantes possível, algumas vezes a determinação dos espaços ocorreu em função da disponibilidade oferecida pelas prefeituras.

### PARA SABER MAIS:

O Diagnóstico Participativo (DP) do PEA-BC foi um processo que envolveu pessoas, grupos e instituições em 14 municípios da Bacia de Campos. Seu objetivo foi levantar informações sobre os impactos socioeconômicos das atividades marítimas de petróleo e gás vivenciados pelos habitantes desses municípios. O DP foi realizado pela Petrobras como uma exigência do IBAMA que acompanhou e orientou todo o processo, de acordo com as diretrizes da Nota Técnica CGPEG/DILIC/IBAMA 01/10

(PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS, 2014).

3) Realização das atividades da primeira volta da Caravana: Circuito Ambiental, Mostra de Cinema Territórios em Foco, Atividade Teatral Territórios em Cena, Mesa-Redonda e Oficina do Futuro.

4) Segunda volta da Caravana, com atividades mais restritas que a primeira.

A operacionalização da Etapa de Sensibilização exigiu um grande esforço das equipes técnicas do projeto, na medida em que estas tiveram que se dividir entre as visitas às comunidades (mobilização), os contatos junto às prefeituras e as atividades fixas da Caravana nas suas duas voltas. Enquanto uma equipe contactava as prefeituras, outra cuidava da montagem e das atividades fixas da Caravana e uma terceira já estava mobilizando os potenciais participantes no município que viria a sediá-la em seguida. Ao longo de aproximadamente 11 meses, essas quatro ações da Etapa de Sensibilização (mobilização, contatos institucionais e duas voltas da Caravana) foram realizadas em cada um dos dez municípios abrangidos pelo projeto.

Na primeira volta, a Caravana foi instalada em espaços públicos de grande circulação. Já a segunda volta priorizou distritos que não haviam sido alcançados pela primeira volta: Barra do Furado e Machadinha (Quissamã), Fundão (Carapebus), Açú (São João da Barra), Cantagalo (Macaé e Rio das Ostras), Barra de São João (Casimiro de Abreu), Tamoios e IFF (Cabo Frio), Mato Alto e Figueiras (Arraial do Cabo), Rasa (Armação dos Búzios). Assim, a segunda volta percorreu os mesmos municípios da primeira, mas fixou-se em localidades diferentes, e não contemplou todas as atividades que foram realizadas na primeira passagem, dadas as circunstâncias mais limitadoras desse segundo momento.

O espaço interno da Caravana foi pensado de modo a possibilitar a circulação organizada do público pelos diferentes locais dedicados à fruição do conhecimento. Nestes ocorreram as atividades denominadas Totens Interativos, Linha do Tempo e Jogo Colaborativo, componentes do chamado Circuito Ambiental. A Mostra de Cinema Ambiental Territórios em Foco, a Atividade Teatral Territórios em Cena, a Mesa-Redonda, bem como a Oficina do Futuro e as Reuniões Devolutivas completavam as atividades da primeira volta da Caravana. Uma das funções dessas duas últimas atividades (Oficina do Futuro e Devolutivas) era reiterar o convite para o público participar da etapa seguinte (Formação) do projeto.

# Totem interativo & educativo: informação na ponta dos dedos

• Teresa de Jesus Peixoto Faria  
• Rodrigo da Costa Caetano

Os três Totens digitais instalados na Caravana do projeto Territórios do Petróleo integravam o Circuito Ambiental, articulando-se ao Jogo e à Linha do Tempo. Enquanto elementos lúdicos, importantes para atrair a atenção do público, os Totens tinham o papel de fortalecer as ações de sensibilização e de fornecer fácil acesso às informações pertinentes ao controle social, à apresentação institucional e ao licenciamento ambiental. Além disso, consideravam a contextualização histórica, geográfica e econômica, abrangendo desde a escala local à regional, com o intuito de estimular a reflexão nas perspectivas política e cidadã do uso dos *royalties* em prol do desenvolvimento.

As informações contidas nos Totens poderiam ser alcançadas “clitando”, na tela dos três monitores dispostos na parte central da tenda, os *links* referentes aos seguintes itens:

- ◆ Petrobras;
- ◆ Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC);
- ◆ Licenciamento Ambiental;
- ◆ Uenf;
- ◆ Municípios (breve histórico e dados socioeconômicos).

Totens Interativos digitais no ambiente da Caravana Territórios do Petróleo, Quissamã, em 05/12/14. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



O caráter interativo e até mesmo intuitivo dos totens, junto com a intermediação dos técnicos do projeto, facilitou a acessibilidade ao conteúdo, dirimindo qualquer dúvida relacionada ao modo de navegação. Os totens permitiram que as informações fossem apreendidas com autonomia, tanto pelo público espontâneo/flutuante, quanto pelo público das visitas organizadas, principalmente turmas de escolas acompanhadas dos respectivos professores.

Totens interativos digitais consultados no ambiente da Caravana, Casimiro de Abreu em 10/04/15. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



- Os Totens Interativos foram vistos como uma novidade, impressionando positivamente o público participante. O recurso tecnológico foi bastante explorado, embora alguns participantes, não habituados a utilizar dispositivos eletrônicos para comunicação e leitura na *Internet*, tenham se revelado tímidos.

- ◆ Os Totens, assim como outros elementos da estrutura instalada, colaboravam para suscitar nos munícipes o interesse pelo projeto, despertando curiosidade.

O conteúdo acessado no Totem variava segundo o perfil do visitante e de acordo com o município onde estava instalada a Caravana.



Consulta aos Totens na abertura da Caravana na Uenf, Campos dos Goytacazes, em 27/11/2014. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Também aferimos, analisando os Relatórios da Caravana (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2014a, 2014b, 2015a, 2015b, 2015c, 2015d, 2015e, 2015f, 2015g, 2015h) e acompanhando parte das atividades localmente, que os conteúdos mais acessados nos Totens, no conjunto das 10 Caravanas, foram:

- ◆ Dados socioeconômicos. Normalmente os visitantes faziam comparações entre os orçamentos e o valor dos *royalties* dos diferentes municípios.

Também relacionavam os orçamentos com a qualidade dos serviços públicos existentes nos seus respectivos municípios. Alguns estudantes de determinados municípios normalmente mencionavam as condições materiais de suas escolas, ressaltando a situação das instalações;

- ◆ População e o valor de *royalties per capita*, bem como o nível de dependência dos municípios com relação aos *royalties*.

Indicamos dois *sites* que tratam, dentre outras informações, das questões populacionais e socioeconômicas dos municípios do Estado do Rio de Janeiro, a saber: o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Cidades (<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>) e o da Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro – CEPERJ (<http://www.ceperj.rj.gov.br/>).

É interessante ressaltar que o momento de interação com os Totens era a ocasião onde se observou que os participantes foram bem incisivos nas discussões, especialmente quando a passagem pelos mesmos se dava ao final do Circuito Ambiental.

Constatamos que nas reflexões provocadas por meio das consultas aos Totens um conteúdo era reiteradamente relacionado a outro, e em vários discursos os temas estavam ligados aos problemas locais. Como exemplos, citamos as injustiças sofridas no decorrer da instalação do Porto do Açú, em São João da Barra, e os altos valores dos *royalties* e participações especiais recebidos em Campos dos Goytacazes.

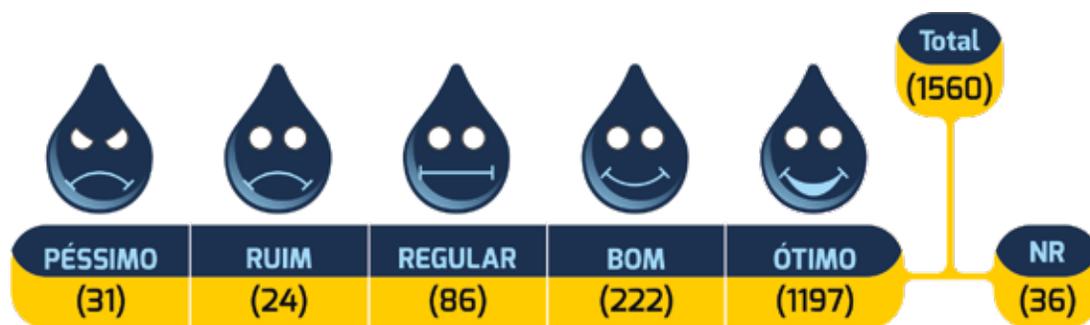
Percebemos, a partir da leitura dos Relatórios, que, ao participarem integralmente do Circuito Ambiental, as pessoas compreendiam melhor as temáticas e, na sua maioria, preocupavam-se com o problema da dependência dos *royalties* no município, contextualizando melhor o conteúdo à realidade local.

Todos os municípios contemplados no projeto Territórios do Petróleo, ainda que de maneira diferenciada, projetam o desenvolvimento contando com os recursos financeiros dos *royalties* e das participações especiais para execução do orçamento anual municipal.

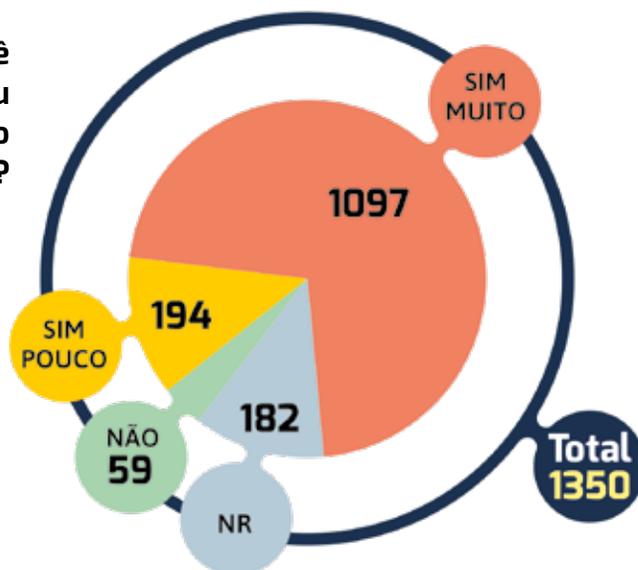
Quanto à avaliação, observamos que o Totem, na primeira volta da

Caravana Territórios, contou com a visita de 1.560 (mil quinhentos e sessenta) pessoas. Já na segunda volta, recebeu 687 (seiscentos e oitenta e sete) visitantes. Os diagramas a seguir também nos permitem considerar que os resultados foram satisfatórios, apesar de alguns visitantes não passarem pelos Totens, como determinados estudantes por conta do horário destinado à visitação pela escola. Isto pode ser verificado no conjunto de relatórios desta atividade nos 10 municípios.

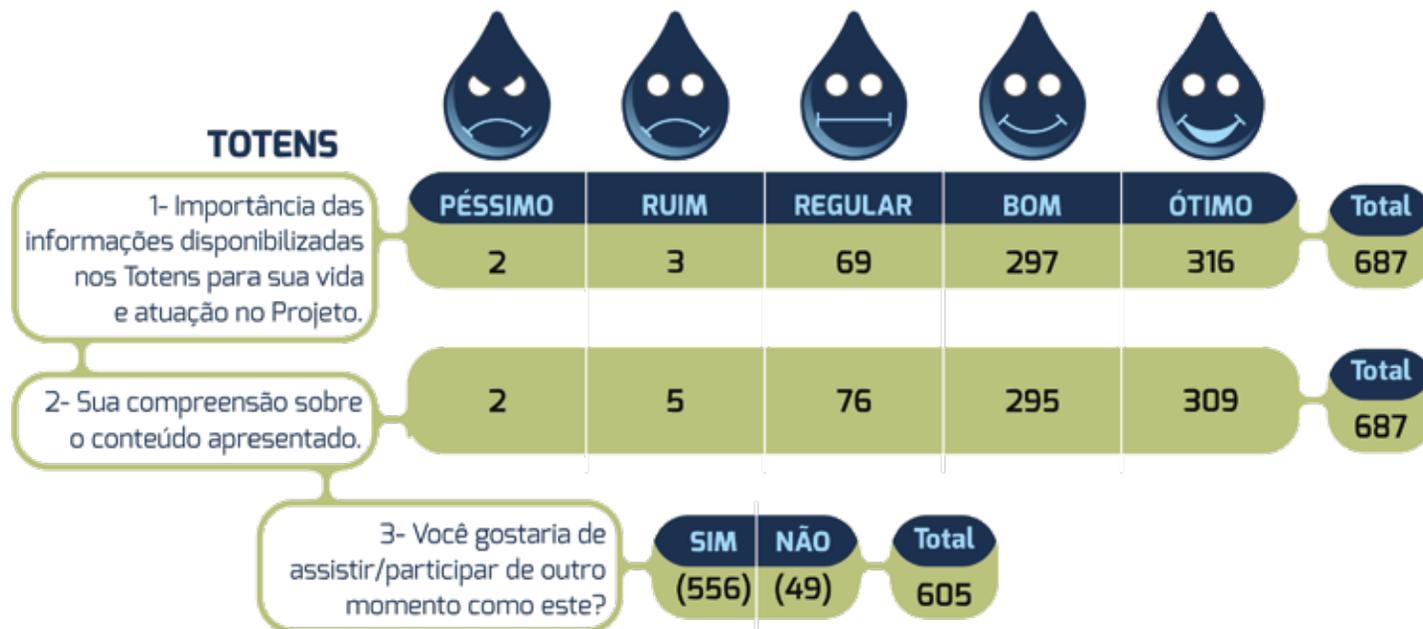
### Diagrama 01 - Avaliações do totem na primeira volta da caravana Como você avalia o totem?



Você aprendeu algo novo no Totem?



## Diagrama 02 - Avaliações do totem na segunda volta da caravana



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

A opção de inserir uma estação de totens digitais no contexto da Caravana Territórios do Petróleo, integrada ao Circuito Ambiental, alcançou seu objetivo de sensibilizar e motivar os visitantes a receberem informações que o projeto propôs-se a difundir para superação do déficit informacional existente sobre *royalties*, visando ao controle social e à cidadania.

Conceitos pertinentes e conhecimentos gerais também foram veiculados no Totem, que no geral subsidiou a compreensão e a conscientização acerca das temáticas e das problemáticas levantadas no projeto, contextualizadas na perspectiva relacional e interdisciplinar em prol do controle social vindouro. Instituições importantes, como a Uenf e a Petrobras, estavam bem representadas nas informações mais candentes aos olhos da população participante.

Da impressão geral baseada nos Relatórios, depreendemos a importância da atualização dos dados e da variação na forma de consulta

aos equipamentos, resultante da dinâmica da equipe técnica moldada no tamanho e no interesse de cada grupo visitante. Além disso, observa-se a relevância, para os participantes, das informações a respeito da arrecadação e da dependência dos *royalties* por parte dos municípios, da capacidade de comparação entre os municípios e da associação com o jogo colaborativo do Circuito Ambiental. Algumas vezes, os visitantes realizaram reflexões sobre a aplicação dos recursos oriundos dos *royalties* em educação, saúde e infraestrutura, por exemplo.

O público espontâneo da Caravana se concentrava mais nos Totens, ficando à vontade, e quando as dúvidas apareciam, geralmente procurava a mediação com um membro da equipe. Alguns estudantes se mostraram preocupados com o novo marco regulatório e sua reverberação no repasse dos *royalties*. Houve, ainda, registro de estudantes atentos à redução das receitas provenientes de *royalties* destinadas aos municípios.

### **Em síntese**

Consideramos o Totem um instrumento da cidadania, pois contribuiu para atenuar a desinformação com cultura e interação relativamente àqueles que participaram efetivamente da atividade. Concebido com linguagem e imagens facilitadoras do processo cognitivo, o Totem na Caravana foi uma iniciativa que visa colaborar para a transformação da realidade por meio da aprendizagem em cada município contemplado pelo projeto Territórios do Petróleo. As análises comparativas e o senso crítico-reflexivo exercidos a partir da experiência da “ponta dos dedos” revelaram avanços na conscientização.



# Jogar para todo mundo ganhar

- Ana Paula Teixeira Barreto
- Isabela Mariz
- Kamila Louzada Rangel
- Mirian Rachel Soares
- Paula Mousinho Martins
- Simonne Teixeira

Parte do Circuito Ambiental da caravana Territórios do Petróleo, o jogo intitulado Territórios em Ação foi desenvolvido de modo coletivo por professores da Uenf e pelos técnicos do projeto Territórios do Petróleo. Nos encontros realizados de modo colaborativo e horizontal, a equipe decidiu desenvolver um jogo similar ao de tabuleiro em que as peças seriam os próprios participantes. A proposta do jogo era fortalecer a ideia de cooperação, onde as tarefas, para serem alcançadas plenamente, deveriam ser realizadas em grupo. Esta perspectiva tem por base a ideia de que para a efetividade do controle social, o coletivo tem mais chances de sucesso do que o indivíduo.

A proposta era que o jogo devia configurar-se como uma atividade geradora de prazer, mas que também tinha objetivos claros, como estimular a cooperação e consolidar a aprendizagem sobre as questões pertinentes ao Circuito Ambiental – licenciamento, educação ambiental, controle social e *royalties*. Assim, o jogo se articulava estreitamente às outras atividades do Circuito Ambiental, contribuindo para a socialização e o estabelecimento de comportamentos e relações cooperativas.

### Um jogo de cooperação? E quem ganha?

Pretendeu-se, deste modo, que fosse um jogo de cooperação, em que o trabalho em equipe se mostrasse necessário para se alcançar as metas propostas. O objetivo era despertar e incentivar uma maior conscientização sobre a importância da participação e da colaboração para atingir as metas. Vale ressaltar que a ideia de cooperação não pressupõe aqui que todos possuam os mesmos objetivos, mas sim que há objetivos



que são comuns e que, quando alcançados produzem satisfação em todos da equipe.

Para tanto, é importante ver o outro jogador como parceiro e não como adversário; por isso os participantes devem jogar uns com os outros e não uns contra os outros. O que está em jogo é o desenvolvimento de uma consciência ambiental crítica, e a mensagem de que somente com a organização e a participação de todos é possível enfrentar os desafios comuns.

A realização do jogo deu-se invariavelmente sob a condução dos monitores, que mediarão os lances e os momentos reflexivos, após uma breve explanação preliminar sobre cada tema abordado. Sua tarefa era levar os participantes a compreenderem as regras e diversas fases do jogo e incentivar a participação colaborativa.

### **Como fazer para que todos ganhem?**

O jogo tinha como formação inicial três grupos, sendo que cada um deles devia escolher um dos caminhos do tabuleiro. Após o sorteio para definir qual grupo daria início, o monitor fazia uma introdução explicitando os conceitos a serem trabalhados ao longo da partida. Em seguida eram dirigidas perguntas às equipes a respeito dos temas sorteados a partir do lançamento de um grande e vistoso dado.

Quando as respostas eram corretas, andava-se uma casa. Se o grupo compartilhasse a pergunta com outro grupo, aumentavam as chances de acerto na resposta e, conseqüentemente, de todos avançarem juntos uma casa. Quando erravam, em compensação, permaneciam estacionados até a rodada seguinte. O jogo só terminava quando todas as equipes alcançavam a casa final. À medida que cada equipe concluía o percurso, automaticamente passava a ajudar as outras equipes. A atividade durava aproximadamente 30 minutos e nela participaram pessoas de diferentes faixas etárias, de modo que os monitores tinham que ter o cuidado de adequar a linguagem



para grupos de crianças de pouca idade. Outro recurso utilizado para ampliar a compreensão dos temas abordados foi a inclusão de temas relacionados ao município. As pessoas de mais idade em geral se limitavam a observar, sem entrar no jogo.

Num primeiro momento, era comum entre os participantes certa insegurança para responder perguntas sobre temas tão novos para eles. No entanto, como a resposta devia ser coletiva, o debate era estimulado pelos monitores, de forma a construir e sedimentar o conhecimento.

Crianças jogando.  
Fonte: projeto  
Territórios do  
Petróleo (2014-  
2016).

Nesse processo os participantes ficavam mais envolvidos e descontraídos, soltando-se para responder as questões.

Ficou perceptível que principalmente os jovens participantes conseguiam estabelecer relações entre os conteúdos da Linha do Tempo, dos Totens e as perguntas feitas pelos monitores durante o jogo. Inclusive os relatórios apontam o fato de, quando o jogo era realizado depois das outras atividades, os participantes apresentarem maior desenvoltura nas respostas.

De modo geral, observou-se uma fácil compreensão e rápida colocação em prática do conceito de *cooperação* pelos participantes. No entanto, quando isso não ocorreu, foi interessante observar a mudança de atitude daqueles que começavam competitivos, mas no decorrer da atividade logo assumiam uma atitude colaborativa, percebendo a importância da cooperação para se alcançar objetivos coletivos.

Vale resgatar alguns registros do relatório referente à atividade do jogo:

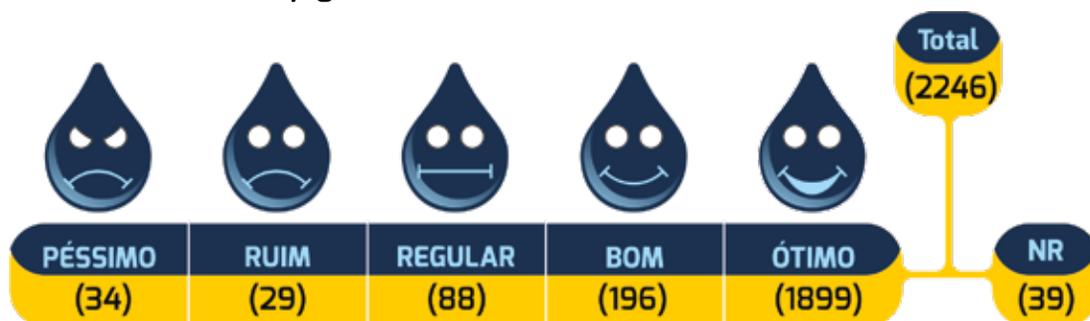
**Uma aluna interveio dizendo que esse dinheiro é um impacto positivo, mas, se mal aplicado, torna-se um impacto negativo, pois fica concentrado na mão de poucos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, pág. 8).**

**Ao fim, foi extremamente positivo perceber que todos entenderam a proposta do jogo, que é prioritariamente a cooperação. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, pág. 25).**

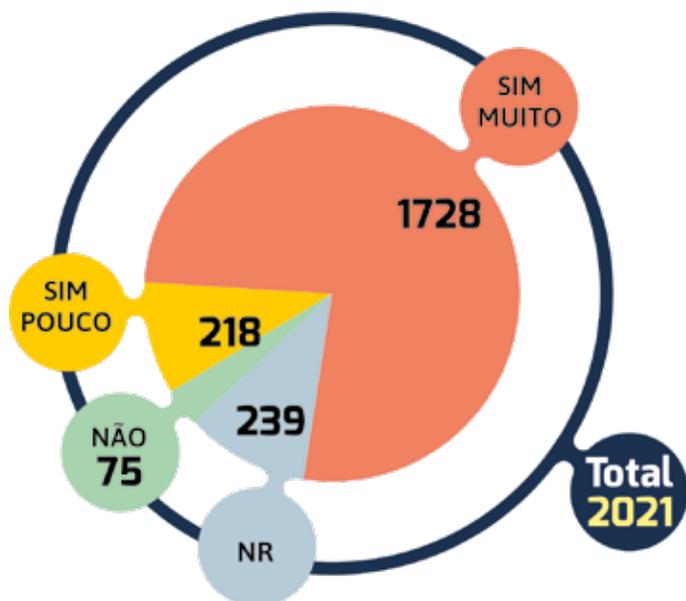
A avaliação do jogo por parte dos participantes foi positiva, como pode ser visto no diagrama a seguir, com um alto índice de participantes que o consideraram ótimo e bom (um total de 2.095 pessoas num universo de 2.246). Na segunda volta da Caravana, o jogo não foi realizado em todos os municípios, dependendo da disponibilidade de espaço para instalação da lona (tabuleiro) do mesmo.

## Diagrama 01 - Avaliações do jogo na primeira volta da caravana

Como você avalia o jogo?



Você aprendeu algo novo no jogo?



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



## CAPÍTULO 03

# O uso da energia na linha do tempo

- Simonne Teixeira
- Paula Mousinho Martins
- Ana Paula Teixeira Barreto
- Carine Lima dos Passos
- Jânio de Oliveira Silva Júnior
- Mirian Rachel de J. Soares

A Linha do Tempo, uma das principais atividades do Circuito Ambiental da Caravana Territórios do Petróleo, buscou destacar, por meio de uma narrativa histórica, a apropriação pela humanidade de diferentes recursos energéticos, com destaque para os hidrocarbonetos (petróleo). A narrativa procurou matizar diversas questões como: o desenvolvimento de tecnologias para otimizar o uso dos recursos naturais capazes de gerar energia; o desenvolvimento da indústria do petróleo e suas implicações sociais, econômicas e ambientais; o crescente aproveitamento de energias renováveis utilizadas desde o princípio pelas sociedades humanas a partir de novas tecnologias; e, por fim, relacionar estas questões aos temas centrais do projeto. Tais temas estiveram presentes nos painéis do licenciamento, da educação ambiental, do controle social e dos *royalties*. A Linha do Tempo ainda buscou pontuar os fatos históricos e sociais da humanidade como um todo, por compreender que a atual configuração política e social é fruto de um processo histórico de acumulação de conhecimentos que se inter-relacionam e se ressignificam em diferentes contextos, sociedades e culturas.

Recuperar a proposta inicial da Linha do Tempo é importante para se avaliar a repercussão da mesma na Caravana e buscar entender em que medida ela favoreceu a apreensão do conteúdo principal proposto pelo projeto. A ideia era permitir não apenas a compreensão sobre a importância dos recursos energéticos e sua relação com o processo civilizatório, mas também, e principalmente, perceber como a evolução do conhecimento (ciência e tecnologia) caminha *pari passu* com a apropriação dos recursos energéticos. O conteúdo da Linha do Tempo deveria, portanto, favorecer a reflexão sobre os usos dos recursos energéticos na atualidade, permitindo também ao público, concomitantemente, compreender o avanço das conquistas e dos



Visitantes ouvindo a monitora explicar sobre a Linha do Tempo. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

direitos sociais, e explicitando a importância do exercício da cidadania plena e ambientalmente sustentável.

Levando em consideração o aspecto pedagógico do espaço expositivo, a compreensão do tema foi pensada para acontecer de forma associativa e articulando aprendizagem e entretenimento. A apresentação dialogada entre o monitor e o público, apoiada nos princípios propostos pelo educador Paulo Freire (2014), buscou estimular no público a compreensão de que o petróleo é uma dentre as diversas fontes de energia utilizadas pelo

homem no desenvolvimento da civilização, ligando-se intimamente aos avanços científicos e tecnológicos. Foi enfatizada também a importância da construção social dos “marcos regulatórios”, que pretendem regular a exploração dos recursos naturais, assim como as formas de preservação do meio ambiente.

Para complementar a Linha do Tempo, foram montados quatro painéis que abordavam os temas centrais do projeto, já mencionados anteriormente: licenciamento, educação ambiental, controle social e *royalties*. Esses painéis foram montados para não sobrecarregar a Linha do Tempo com excesso de informações e dar maior ênfase aos temas norteadores do projeto. Esses painéis serviram, sobretudo, de apoio complementar ao público flutuante, que circulava aleatoriamente pelo Circuito Ambiental e podiam assim compreender e esclarecer questões centrais trabalhadas ao longo de todas as atividades presentes na Caravana.

Os relatórios produzidos pelos monitores (Cf. RELATÓRIOS DA CARAVANA DO PROJETO TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015) deixam claro que a dinâmica de condução da Linha do Tempo foi um instrumento privilegiado para o público dirimir dúvidas sobre pontos que não haviam sido abordados na exposição. Em alguns municípios, foi observado que os jovens se apropriavam das informações oferecidas na Linha do Tempo associando-as a outras atividades da Caravana e ao seu próprio município.

Destacamos algumas passagens extraídas dos relatórios com as considerações dos técnicos que acompanharam as atividades para melhor ilustrar a sua dinâmica.

**A metodologia utilizada pela técnica na atividade da Linha do Tempo foi dialógica. Alunos e comunidade interagiram com a apresentação de uma maneira conversada e à medida em que as perguntas eram respondidas, aumentava o interesse por outros marcos históricos contidos na Linha. Tanto os jovens como as pessoas mais velhas contribuíram com intervenções, mas, de uma maneira em geral, os adultos interagiram mais. Os marcos mais discutidos foram o surgimento da gasolina,**

**do carro e a descoberta do petróleo. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2014, p. 6).**

**A Linha do Tempo diz respeito à evolução da sociedade relacionada à evolução do uso das energias e esses temas podem levar posteriormente as pessoas a criarem discussões, como, por exemplo, a conquista pelas mulheres do direito ao voto. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2014, p. 6).**

A participação do público pôde ser percebida pelas muitas perguntas feitas durante a atividade ao monitor. A apresentação dialogada funcionou como uma eficiente ferramenta para atrair e concentrar a atenção do público, que frequentemente começava distraído, mas ao final demonstrava interesse.

Com a ajuda do monitor, os visitantes relacionavam as efemérides históricas com as ações do projeto Territórios do Petróleo. Como exemplo, podemos citar o marco histórico da Revolução Francesa, que foi associado às propostas do projeto no que diz respeito à importância da organização comunitária em prol da luta pelos direitos humanos. Essas correlações permitiram um melhor entendimento das propostas e objetivos da Caravana, como atesta a seguinte passagem extraída dos relatórios:

**Revolução Francesa. Um dos visitantes disse que para tantos direitos serem conquistados, muitas lutas foram travadas no mundo. Ele complementou que a comunidade não deve se apossar somente dos direitos, pois atrelados a eles existem muitos deveres a serem cumpridos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 11).**

A Linha do Tempo recebeu a participação de famílias, jovens estudantes, crianças menores de dez anos de idade, idosos, quilombolas, assentados e pescadores, entre outros. Isto impôs aos monitores a

necessidade de terem versatilidade na capacidade de “traduzir” os episódios para diferentes públicos. Entre os jovens, chamaram muita atenção os episódios relacionados aos carros e aos temas associados ao uso da energia para fins bélicos. As crianças menores ficavam impressionadas com os “monstros do céu” (representações do céu desde a Antiguidade até as potentes imagens atuais do universo). Além disso, membros de uma comunidade quilombola aproveitaram os temas relacionados à atividade canavieira na região e o escravismo para abordar a importância e o papel do negro na sociedade brasileira.

Assuntos que também se relacionam aos conteúdos escolares eram destacados com entusiasmo pelos estudantes. Quando havia participação de professores acompanhando as turmas de estudantes, observou-se um aproveitamento maior, tanto dos alunos, quanto dos professores, sendo mais destacados os temas como a escravidão, Revolução Francesa e Industrial e as Guerras Mundiais que são assuntos abordados em sala de aula, gerando conseqüentemente importantes discussões. Também foram temas centrais de debate questões referentes à colonização do Brasil, à escravização e à contínua exploração dos povos indígenas e de outros povos tradicionais, bem como o uso de matrizes energéticas alternativas. Em algumas ocasiões, os professores solicitaram a Linha do Tempo para utilizar em sala de aula.

A Linha do Tempo possibilitou em muitos momentos uma maior compreensão dos períodos econômicos vivenciados no Brasil, principalmente no tocante aos do açúcar e do petróleo. Como a grande maioria dos participantes da atividade era de uma região que no passado foi um expoente econômico do açúcar, foi importante vincular tal passado opulento ao momento presente. Tal protagonismo econômico foi ilustrado na Linha do Tempo por grandes investimentos na região, por exemplo: a instalação do primeiro engenho movido a vapor em Quissamã, o fato de Campos dos Goytacazes ter sido a primeira cidade da América Latina a ter energia elétrica pública etc.

Por isso os monitores sempre procuravam instigar uma reflexão sobre a participação da comunidade na riqueza gerada na região. Não raro essa reflexão levava à conclusão de que a população, de modo

geral, encontrava-se marginalizada nesse processo de riqueza. Muitos chegaram a apontar o fato de que grande parte dessa população era de indivíduos em condição de escravidão, o que impossibilitava uma luta por direitos.

Ao se contrastar o ciclo do açúcar com o do petróleo vivido no presente momento, verificou-se que algumas estruturas ainda apresentam semelhanças entre si, como a condição marginal e vulnerável em que muitas comunidades ainda vivem, apesar de habitarem a região tida como a capital nacional do petróleo. A partir desse contraste e atrelando-o às temáticas do projeto, apontava-se a importância da participação social, trazendo à tona a discussão referente aos *royalties* e a necessidade do controle social sobre tal compensação financeira.

Devem-se destacar alguns trechos dos relatórios onde a riqueza das experiências foi observada pelo técnico encarregado na ocasião.

**Aproveitando a rica troca de experiências na atividade, os presentes traçaram um paralelo entre o período de opulência econômica proporcionado pelo cultivo da cana-de-açúcar com o vivido hoje no ciclo econômico do petróleo. Em ambos os ciclos, a renda concentrou-se em determinados setores sociais, deixando a base social marginalizada em relação às riquezas e benefícios. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 14).**

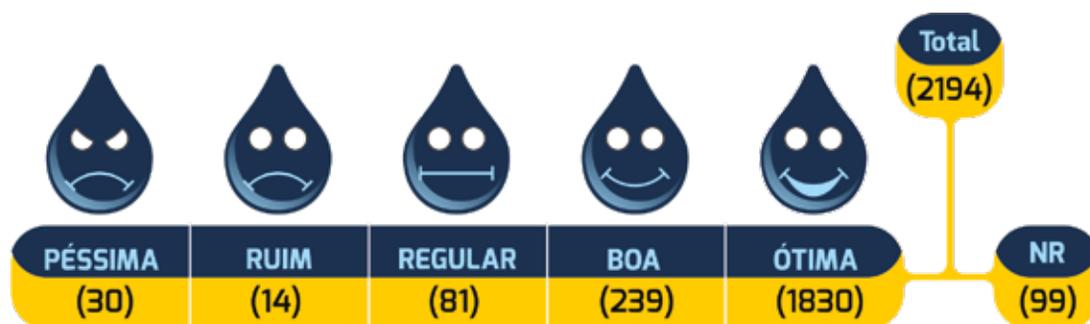
**Um dos quilombolas presentes ressaltou a necessidade da atuação social para impedir a estratificação e a exploração social. Nesse momento foi apontada a importância do projeto Territórios do Petróleo enquanto difusor de informações que há muito são abordadas nas mídias sem o mínimo de aprofundamento. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 14).**

A disposição dos eventos na Linha do Tempo favoreceu a compreensão dos participantes sobre o tardio surgimento da legislação ambiental e a importância de se compreenderem os marcos jurídicos que garantem os direitos de conservação do meio ambiente, assim como a mitigação dos impactos causados ao meio socioambiental.

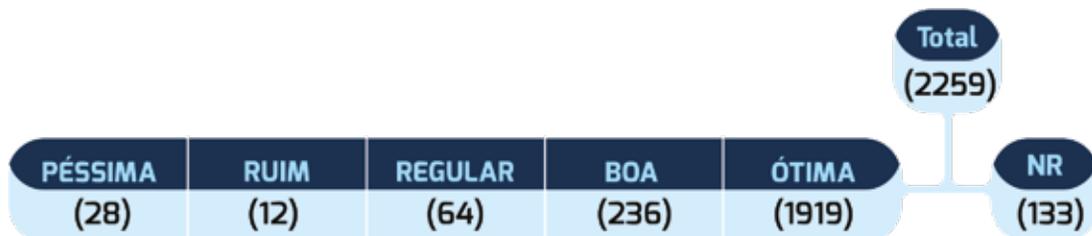
Segundo observaram os monitores, as imagens e textos na Linha do Tempo atraíram a atenção do público, que passava longo tempo fazendo uma leitura, individual ou em grupo. Isso veio ao encontro do que era esperado pela proposição inicial da atividade, ou seja, que as informações fossem apresentadas de forma clara. Interessante notar que algumas leituras por parte do público fugiram ao planejamento da atividade.

Os resultados das avaliações nos permitem afirmar que a proposta da Linha do Tempo alcançou adequadamente os objetivos iniciais e agradou ao público. Do total de 2.194 pessoas que participaram da linha do tempo, 2.069 avaliaram como boa e ótima esta atividade e de um total de 2.259 participantes, 2.155 consideraram bom e ótimo o conhecimento adquirido com a Linha do Tempo. Na segunda Caravana os números são compatíveis 681 pessoas de um total de 718 consideraram boa e ótima as informações disponibilizadas na linha do tempo, sendo que 633 do total de 722 consideraram boa e ótima a compreensão de seu conteúdo. Esta observação vale para as duas Caravanas e pode ser conferida nos diagramas a seguir:

### Diagrama 1 - Avaliação da linha do tempo na primeira volta da Caravana Como você avalia a linha do tempo?

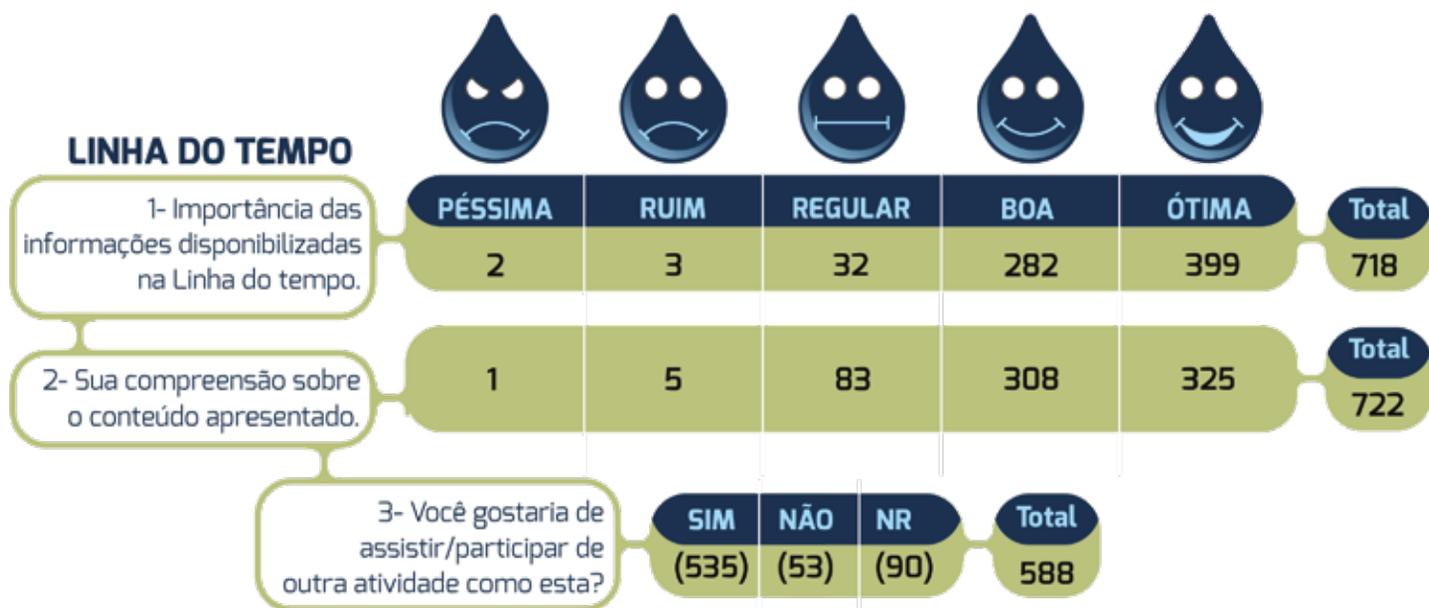


## Como você avalia a importância desse conhecimento?



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

## Diagrama 2 - Avaliação da linha do tempo na segunda volta da Caravana



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

# Teatro no “Territórios”: o cidadão sobe ao palco

•Paula Mousinho  
Martins  
•Simonne Teixeira

A atividade teatral Territórios em Cena foi uma das que mais contagiaram o público durante a primeira volta da Caravana, contribuindo com muita eficiência para a consecução dos objetivos da Etapa de Sensibilização do projeto Territórios do Petróleo. Apresentada em geral nas noites de sexta-feira, algumas vezes em mais de uma sessão, a peça Contos e causos de Prosa Parada, escrita e encenada por um jovem grupo de atores de Campos dos Goytacazes seguindo a técnica do Teatro-Fórum ou Teatro do Diálogo, teve sempre a adesão entusiasmada dos integrantes das plateias, que aceitavam de bom grado intervir no jogo cênico, transformando-se em **espect-atores**.

O Teatro-Fórum é uma das metodologias mais bem sucedidas do Teatro do Oprimido, concebido por **Augusto Boal** (1974) na década de 1960, segundo os princípios pedagógicos de **Paulo Freire** (2014). A partir da encenação de uma situação envolvendo conflito, manipulação, injustiça ou qualquer outro tipo de “opressão” social, o público é convidado pelo curinga (o mediador do Teatro do Oprimido), a inserir-se na cena apresentada, substituindo o protagonista (oprimido) e/ou buscando alternativas para a situação de opressão encenada. A ideia é incentivar a formação de indivíduos engajados política e socialmente, autores de sua própria história e capazes de transformar a realidade.

### PARA SABER MAIS:

No Teatro-Fórum, o **espect-ator** é alguém que, ao ser convocado, abandona a postura passiva de mero espectador “assistente” para interagir como ator com os outros atores na cena, podendo, pela improvisação, mudar o curso dos acontecimentos e produzir novos sentidos para o espetáculo.

**Augusto Boal** (1931-2009) foi um dos líderes do Teatro de Arena, fundado na década de 1950 em SP, destacando-se por ter criado um teatro de cunho político e analítico, voltado para a discussão dos problemas sociais.

**Paulo Freire** (1921-1997) foi autor da *Pedagogia do oprimido* e da *Educação como prática da liberdade*, onde a educação é concebida como um ato de conscientização política das classes populares. Freire critica a “educação bancária” tradicional que trata o aluno como um ser vazio e passivo, no qual o professor “deposita” conhecimento.

Flagrante da apresentação da peça “Contos e causos de Prosa Parada” em São João da Barra. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



Flagrante da apresentação da peça “Contos e causos de Prosa Parada” em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



Desse modo, num autêntico “ensaio para vida”, o espectador pode experimentar de forma lúdica, no espaço “fictício” do palco, maneiras factíveis de enfrentar problemas que frequentemente vivencia na sua própria realidade. A tarefa requerida ao espectador é construir teatralmente modos de atuação social que ele poderá efetivamente protagonizar na vida concreta. Não obstante seus conteúdos simbólicos e ficcionais, o teatro torna-se um instrumento especial para a promoção da discussão sobre as demandas prioritárias da sociedade em seus setores mais fragilizados, valorizando o esforço coletivo na busca de solução para os problemas comunitários.

Em todas as suas apresentações, a peça *Contos e causos de Prosa Parada* se iniciava com a atriz-curinga lançando para a plateia a pergunta: O que são *royalties* do petróleo? Era comum que algumas pessoas respondessem que não sabiam, havendo também as que mostravam algum conhecimento sobre o tema. Na sequência, a atriz-curinga fornecia a definição correta sobre os *royalties* e dava-se início ao espetáculo, composto por 7 esquetes (cenas) retratando situações cotidianas de Prosa Parada (município fictício receptor de *royalties* do petróleo). Ao final dos 6 primeiros esquetes, apresentados de modo convencional (palco ≠ plateia), a mesma atriz dirigia-se novamente ao público, informando que a próxima e última cena seria pautada na metodologia do Teatro-Fórum, quando a participação da plateia seria requisitada.



Momento da discussão com a plateia em São João da Barra, problematizando as cenas de “opressão” que tinham sido apresentadas na peça. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Assim, no ápice do último esquete, que envolvia uma situação de abuso de poder e injustiça social, a atriz/curinga interrompe o espetáculo para convidar os presentes a se tornarem “espect-atores”, intervindo em defesa do “Sr. Gervásio” (personagem fictícia que está sendo pressionada por dois funcionários da prefeitura a aceitar, por um valor irrisório, a desapropriação do terreno onde mora para dar lugar à passagem de um oleoduto, pertencente a uma nova refinaria que vai ser instalada na região). Toda vez que o curinga perguntava ao público presente se o “Sr. Gervásio” deveria assinar o documento de desapropriação, recebia um sonoro “NÃO!” como resposta, seguido da entrada em cena dos espectadores interessados em defender e mudar os rumos da história. Enquanto isso, o restante da plateia entusiasmada dava sugestões para o desenrolar da ação.

Ao final, todos eram convidados a analisar e discutir o que acabara de acontecer no jogo cênico, tentando interpretar o que havia sido vivenciado na peça. Cumpria-se, assim, a função metodológica do Teatro-Fórum: a de ser também uma metodologia pedagógica empenhada em suscitar nos participantes o desenvolvimento de suas capacidades reflexivas, discursivas e críticas. Nesses momentos de discussão, os espect-atores pareciam conscientes da necessidade de defender seus próprios direitos e de se manterem vigilantes diante de possíveis malfeitos e arbitrariedades do poder público. Ficava patente que só o esforço coletivo e a colaboração solidária poderiam gerar mudanças significativas na qualidade da vida do grupo.

São inúmeros os exemplos que surgem, a partir da leitura dos Relatórios da atividade Territórios em Cena, de posicionamentos firmes e combativos dos participantes nas sessões de teatro da Caravana. Numa das apresentações, uma comunitária entrou em defesa do “Sr. Gervásio” citando a Constituição Federal de 1988 na direção dos dois agentes públicos da peça. Nesse instante, outra pessoa da plateia pergunta o porquê dos envolvidos não terem sido avisados da audiência pública realizada para discutir o processo de desapropriação na cidade de Prosa Parada. Esse participante alertou para a necessidade e o direito da comunidade ter uma nova audiência com participação popular (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b).

Em outra ocasião, quando uma atriz perguntou quais os problemas do município que poderiam ser inseridos na cena do “Sr. Gervásio”, após um tempo

de silêncio, apontou-se a falta de condições materiais que algumas comunidades apresentavam, carecendo de energia elétrica e saneamento básico. Outros moradores denunciaram áreas de proteção ambiental que haviam sido invadidas por moradias populares. Um representante do grêmio estudantil expôs a luta do grupo para obter direito aos repasses financeiros do governo para sua escola. Foi relatado ainda que os alunos promoveram um abaixo-assinado para que a situação fosse esclarecida conforme se lê no relatório da atividade em Cabo Frio.

**Desde o início da apresentação todos estavam muito concentrados e demonstravam interesse. Em virtude do bom humor trazido pelos atores durante a peça, havia um clima de descontração, embora as temáticas abordadas na apresentação fossem situações sérias e realidades vividas pelos moradores (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 11).**

Numa outra noite, um participante pediu a palavra para dizer que, na dúvida, não se devia assinar nada, concluindo: “os cidadãos não devem se sentir acuados pelo estado quando este atua como opressor” (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a) Outra cidadã completou dizendo que geralmente “o representante do estado chega informando que a pessoa não tem direito a nada, e aqueles que não têm informação se sentem acuados e acabam cedendo às pressões” (Idem). Numa outra vez, a participação do público culminou com gritos de luta: “O povo unido jamais será vencido!” (Idem) e “A voz do povo é a voz de Deus!” (Idem).

**Duas pessoas entraram na cena: uma senhora e um aluno do IFF. A senhora agiu muito energicamente, afirmando que não iria permitir a desapropriação de suas terras e expulsando “a tapas” os agentes públicos. Nesse momento, a atriz perguntou à plateia se essa atitude está correta. Uma das monitoras do projeto entrou na cena alegando que eles precisavam se unir**

**e lutar por seus direitos de forma coletiva e organizada. A atriz perguntou quais eram os problemas do município que poderiam ser tratados na cena, e a prioridade citada pela maioria dos presentes foi a questão do transporte público. Além deste, citaram também a saúde e o saneamento básico como problemas que mereciam ser atacados pelo poder público com prioridade. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 11).**

Num dos debates, um comunitário afirmou que não via investimentos de *royalties* na educação. Outro referiu-se à questão do crescimento da cidade, que vem associado à busca por oportunidades de emprego. Esse crescimento acelerado deu origem a diversos problemas sociais e urbanos, dentre eles a favelização decorrente do grande fluxo migratório recebido pela cidade em função da indústria petrolífera, constituído em sua maior parte por indivíduos com baixa ou nenhuma qualificação profissional e, portanto, sem acesso aos postos de trabalho oferecidos. Com a queda no repasse dos *royalties*, a situação tornou-se ainda pior. Em Macaé, um cidadão fez um apelo para que todos acordassem e ajudassem a preparar a cidade para quando esse dinheiro acabar. Terminou sua fala dizendo que a população precisa se unir e lutar para direcionar o dinheiro dos *royalties* para as demandas prioritárias da cidade. Após essa fala, outro participante lembrou que a cidade não deveria depender tanto do dinheiro dos *royalties*, tendo a obrigação de criar e incentivar outros setores da economia, principalmente o setor primário.

Após cada debate, a atriz/curinga reiterava a importância das audiências públicas enquanto espaços para o exercício da cidadania consciente, onde a comunidade pode exercer efetivamente o controle social sobre os recursos provenientes dos *royalties*. A atriz também lembrava a forma pela qual uma audiência pública poderia ser requisitada.

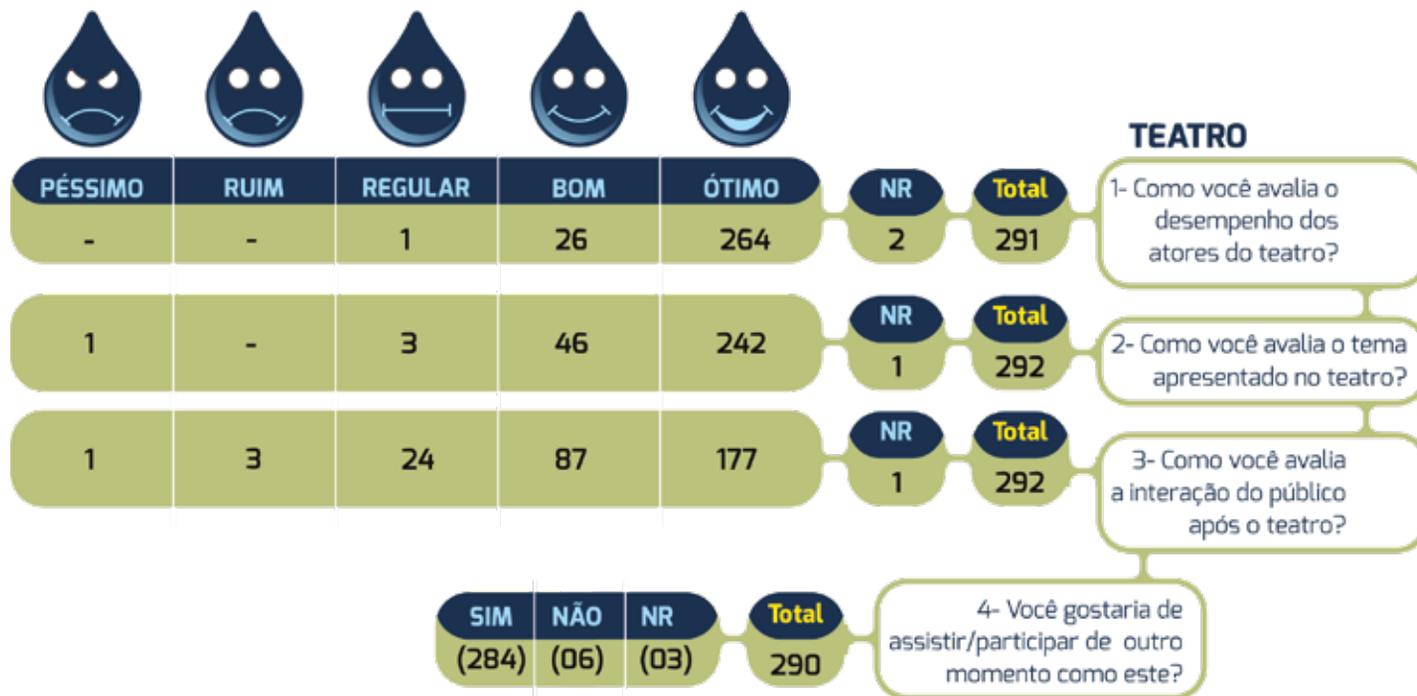
O público intergeracional da Caravana, composto por adultos, adolescentes e crianças de todos os graus de escolaridade, mostrou-se sempre atento durante as apresentações nos municípios em que a peça foi encenada (ela não foi apresentada no município de Quissamã nem na segunda volta da Caravana,

por razões operacionais). Como o roteiro focalizava os temas pertinentes ao projeto Territórios do Petróleo, as discussões permitiram ao público que já fizera o Circuito Ambiental aprofundar os conteúdos apreendidos. No decorrer dos debates, muitas vezes observou-se crescer o interesse dos presentes em participar dos demais Ciclos do projeto Territórios do Petróleo.

Na avaliação realizada pela equipe pedagógica, é possível perceber o quanto o teatro é uma ferramenta atrativa para as pessoas comparecerem à Caravana, além de ser uma maneira de compartilhar as informações desejadas de maneira lúdica e com uma linguagem de fácil compreensão.

O teatro contou com a presença de 292 (duzentos e noventa e dois) espectadores. Em relação à avaliação aplicada pela equipe pedagógica, tivemos o seguinte quadro de respostas, que, como pode ser notado, atesta a grande adesão do público à atividade:

**Diagrama 1 - Avaliação do teatro na primeira volta da Caravana**



Fonte: projeto Territórios do Petróleo, 2016.



# A gente se vê no cinema: documentários socioambientais na Caravana

·Paula Mousinho  
Martins  
·Simonne Teixeira

A Mostra de Cinema Ambiental Territórios em Foco foi pensada para ser um instrumento-chave na disseminação dos conteúdos focalizados pela caravana do projeto Territórios do Petróleo. A seleção da Mostra privilegiou vídeos documentários versando sobre os problemas socioambientais típicos dos municípios abrangidos pelo projeto, por oferecerem uma representação familiar do mundo (NICHOLS, 2005) e estreitarem a relação entre o público e os temas próprios do projeto. O objetivo foi estimular os espectadores a refletirem sobre questões básicas de cidadania, justiça ambiental, controle social e organização comunitária.

A seleção de vídeos e posterior organização da Mostra priorizou os temas identificados pelo Diagnóstico Participativo feito pela Petrobras entre 2011 e 2012 e incluiu produções que foram filmadas nas próprias localidades contempladas pela caravana. Isto produziu uma reação bastante positiva por parte do público em relação às situações retratadas, intensificando o envolvimento do mesmo na discussão proposta pelos monitores após o término de cada sessão. Muitas vezes a participação do público nas discussões trouxe conteúdos que ampliaram o entendimento das temáticas focalizadas nos filmes da Mostra.

## Que filme vamos ver?

Dentre os filmes documentários selecionados, quatro foram exibidos com mais frequência durante a Caravana e também suscitaram debates mais entusiasmados:

Sessão de Cinema da Caravana Territórios do Petróleo, em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

- ◆ “Brasil, mais natureza e menos pobreza”, direção de Estevão Ciavatta (2006), 52 minutos;
- ◆ “Água e Cooperação: reflexões de um novo tempo”, direção de João Amorim (2014), 53 minutos;
- ◆ “O lixo sai, a gente fica”, direção de Marcelo Pedroso (2010), 22 minutos;
- ◆ “Sem perder a ternura”, direção de Márcia Paraíso e Ralf Tambke (2010), 26 minutos.



Percebe-se nos relatórios da caravana dos diversos municípios que a exibição do filme “Brasil: mais natureza e menos pobreza”, ao narrar experiências coletivas que buscaram mais harmonia entre as formas de produzir e a natureza, agradou ao público e estimulou uma ampla discussão. As questões colocadas no documentário sobre a necessidade de uma maior participação social na resolução dos problemas foram bem assimiladas pelos espectadores, que apontaram sua importância no tratamento dos problemas cotidianos como coleta de lixo e saneamento. Algumas falas dos participantes, retiradas dos relatórios de São João da Barra e Carapebus, chamaram nossa atenção:

**Muito interessante, é vida e precisa preservar.  
Quanto menos preservar, maior será o índice de pobreza.  
Cada um fazendo um pouquinho é uma corrente.  
(PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO  
PETRÓLEO, 2014, p. 10).**

**Não tem como separar a natureza do homem, o homem está  
inserido na natureza e a natureza no homem.  
(PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO  
PETRÓLEO, 2015d, p. 17).**

Quando da exibição do documentário acima citado em Armação dos Búzios, um dos participantes se emocionou ao reconhecer-se em uma das experiências mostradas.

**(...) ao se iniciar o debate um dos presentes pediu a fala e  
muito emocionado disse que ele viera da aldeia apresentada  
no filme. O índio pataxó nos explicou a processo retratado  
no filme, apontando a necessidade da preservação e respeito  
ao meio em que nós vivemos seja ele onde for. Segundo ele  
a maior dificuldade que encontrou ao sair da aldeia foi se**

**defrontar com hábitos predatórios e desrespeitosos onde parece que estamos destacados de todo o meio natural. Mesmo diante do rico depoimento alguns jovens estavam muito desinteressados, alimentando conversas paralelas aos depoimentos (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 25).**

Também o filme “Água e Cooperação” atraiu fortemente a atenção do público. Em Cabo Frio, quando provocados pela mediadora, os espectadores puderam discorrer sobre a importância da água e da cooperação da sociedade em prol dessa necessidade comum, denunciando que o serviço de água não abrange todos os bairros (Cf. PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a). Em todos os municípios, o público reconheceu a importância de haver cooperação nas ações sociais em prol do meio ambiente e da qualidade de vida. O crescimento urbano desordenado, causado pela cadeia produtiva do petróleo, foi visto como um desafio à distribuição da água.

O 5º distrito de São João da Barra foi particularmente sensível ao tema relacionado à água e, como se lê nos Relatórios, um participante posicionou-se

**dando exemplos das formas como ele aproveita e reaproveita a água em sua propriedade. Esclareceu como funciona seu sistema de fossa, que aproveita toda a água usada no banheiro, filtrando-a e reaproveitando-a. Outro assunto bastante abordado foi a salinização da água na região, prejudicando assim a qualidade e a quantidade da produção de hortifrutigranjeiros dos pequenos agricultores (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015e, p. 7).**

O documentário “O Lixão sai, a gente fica”, pela importância do tema e a ausência de um tratamento adequado dado nos municípios para o lixo, suscitou um grande debate. A ausência de coleta seletiva foi apontada como um dos maiores problemas a serem superados. O filme estimulou também a reflexão sobre a importância da organização social como forma de resistência. Um participante, morador de Macaé, trouxe para o debate a informação de que ele já fez parte de um projeto semelhante ao retratado. Segundo este participante, o grande problema vai além da organização dos catadores, pois estaria na consciência coletiva da sociedade (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 26).

Também é de Macaé o relato de uma experiência positiva com relação ao tratamento do lixo. Trata-se do projeto “Respira bairro”, cuja proposta é organizar um mutirão para limpar o bairro. Foi discutido que falta na sociedade romper com a consciência individualista e abraçar a experiência coletiva, onde todos servem de exemplo para todos (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c).

Com menor número de exibições, mas bem aceito pelo público, o filme sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) permitiu aos presentes, na sessão de Rio das Ostras, verificarem que este movimento absorve imigrantes que se mudaram para o município em busca das oportunidades que a indústria de petróleo oferece.

Ainda em Rio das Ostras, um dos participantes, natural de Alagoas, disse

**sentir-se representado na vivência dos alagoanos retratados no filme. Expôs também, como fechamento do seu pensamento, que o mais importante foi que as sementes foram plantadas para que o povo aprendesse a cobrar (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015d, p. 27).**

## **E os documentários feitos em outros PEA?**

Além dos quatro filmes mencionados, foram exibidos na Mostra de Cinema Ambiental Territórios em Foco alguns documentários de curta metragem produzidos em 2007 pela empresa Devon, e elaborados pelo *Observatório Ambiental Humano Mar*, em associação com a Abaeté Estudos Socioambientais, como parte de seu projeto de educação ambiental. Esses filmes foram de grande valia para a nossa Mostra pois, tendo sido produzidos na região de abrangência do projeto Territórios do Petróleo e especialmente em muitas das localidades indicadas pelo Diagnóstico Participativo, ensejaram grande mobilização do público, que logo se identificou com os problemas apresentados, desenvolvendo uma reflexão viva e consistente. Em Macaé, por exemplo, a exibição do curta “Do lado de cá” permitiu aos participantes traçar paralelos com a realidade de seu dia a dia, pois a temática abordada fazia parte do cotidiano dos presentes (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 6).

O público também pôde constatar que pouca coisa mudou, e até mesmo piorou, em relação aos problemas apresentados nos documentários. Selecionamos algumas passagens dos relatórios das apresentações em Macaé e Búzios, que revelam a insatisfação dos presentes em relação à atuação do poder público:

**Após a exibição, a mediadora iniciou o debate indagando aos presentes se a situação era a mesma ou se algo havia mudado desde a época da produção dos vídeos. Alguns dos presentes relataram que a situação está pior hoje em dia. Outra pessoa disse que no filme a areia preta proveniente do esgoto permanece ainda hoje e que a questão do saneamento básico na cidade continua sem solução PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 5).**

Após a exibição do filme, o mediador iniciou o debate questionando: “Algo mudou nas Malvinas após a gravação deste documentário?” Unanimemente, os presentes respondem: “Não!” E completaram dizendo terem muitos sonhos para o bairro e para as pessoas que ali vivem, mas afirmaram que essa evolução está sendo lenta e insatisfatória. Os moradores não têm acesso a saneamento básico e a condições dignas de saúde e habitação. O mediador ressaltou a importância da atuação de toda a comunidade nos espaços de controle social, onde são abordadas as dificuldades da realidade local e a consequente cobrança dos órgãos competentes da melhoria da qualidade de vida para todos (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 6).

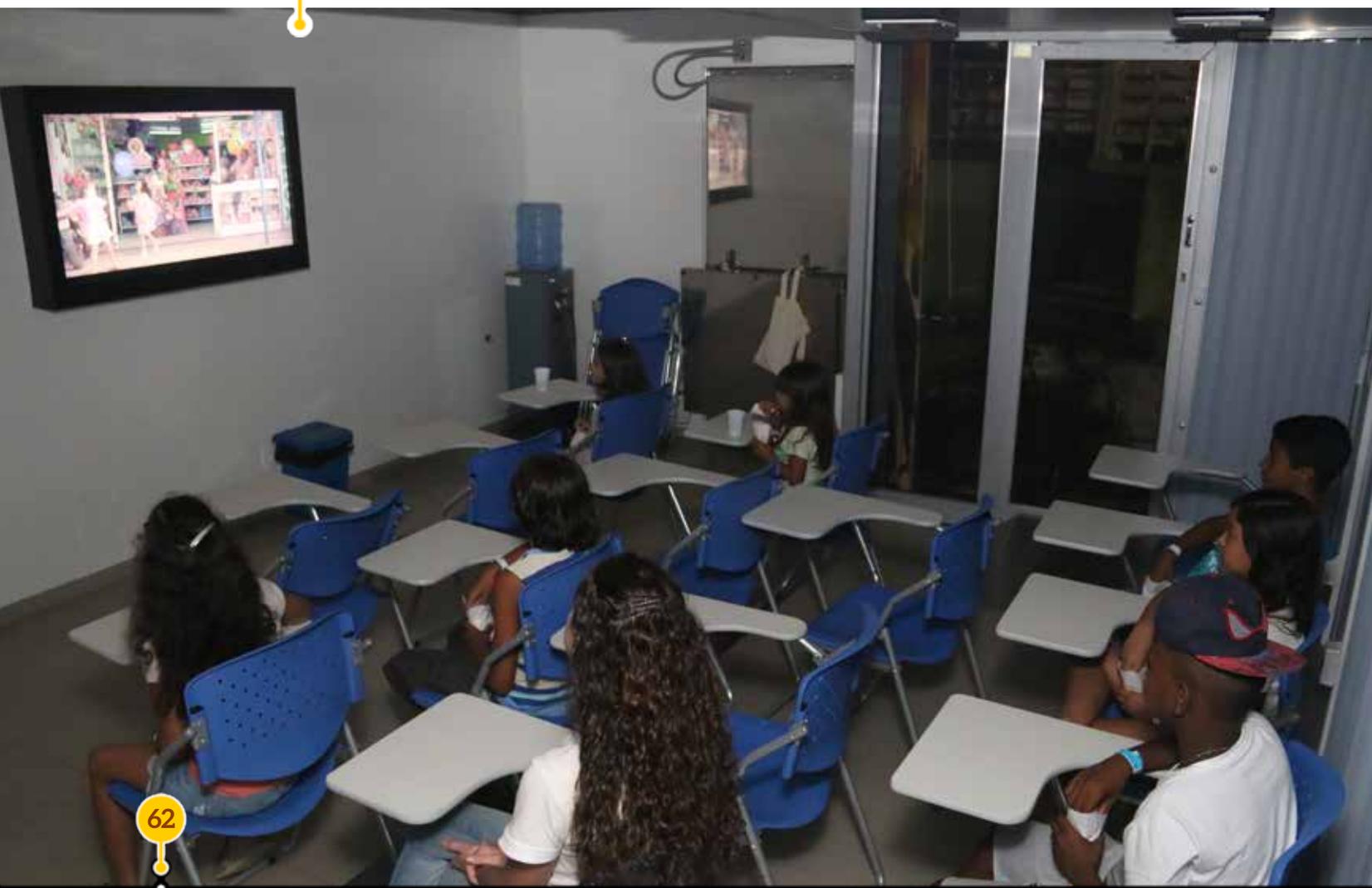
Um fato curioso aconteceu quando uma participante de São João da Barra reconheceu-se em um dos documentários da série Humano Mar, o *TabuAçu*, que mostra o cotidiano de trabalho desde a coleta da matéria prima até os ajustes finais na confecção de esteiras de palha. A comunitária mostrou-se bastante emocionada por ocasião da exibição, mas não fez qualquer declaração. Muito de sua emoção se devia ao fato de ela nunca ter visto o tal documentário antes. Esse fato levou os comunitários a sugerirem a retomada do contato com pessoas que haviam ilustrado os filmes com suas histórias, para saberem como estão hoje, mostrando a elas os filmes e pensando na possibilidade de fazer novos documentários. Foi até sugerido como tema o contraste frente à atual realidade, já que muitos dos lugares mostrados não existem mais ou foram bruscamente alterados por conta do processo de erosão do mar ou das desapropriações na localidade do Açu (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015e).

### **E para os pequenos e pequenas?**

A Mostrinha de Cinema Ambiental Infantil despertou grande

Mostra de Cinema Ambiental Infantil na Avenida Atlântica, na Praia do Farol de São Tomé, em Campos dos Goytacazes. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

interesse e obteve boa participação de crianças das mais variadas faixas etárias (4 aos 16 anos). Foi possível estabelecer diálogos e promover um debate sobre as questões que eram levantadas nos filminhos. Em geral, as crianças demonstraram conhecimento sobre Educação Ambiental conservacionista e comportamental, isto é, aquela que reduz o problema ambiental à mera preservação do meio ambiente físico, estimulando bons comportamentos como o correto descarte de resíduos tóxicos, a coleta seletiva do lixo, a solução para o problema hídrico etc. Essa concepção limitadora já era esperada, tendo em vista que é amplamente difundida nas escolas e nos materiais didáticos. As crianças também se mostraram

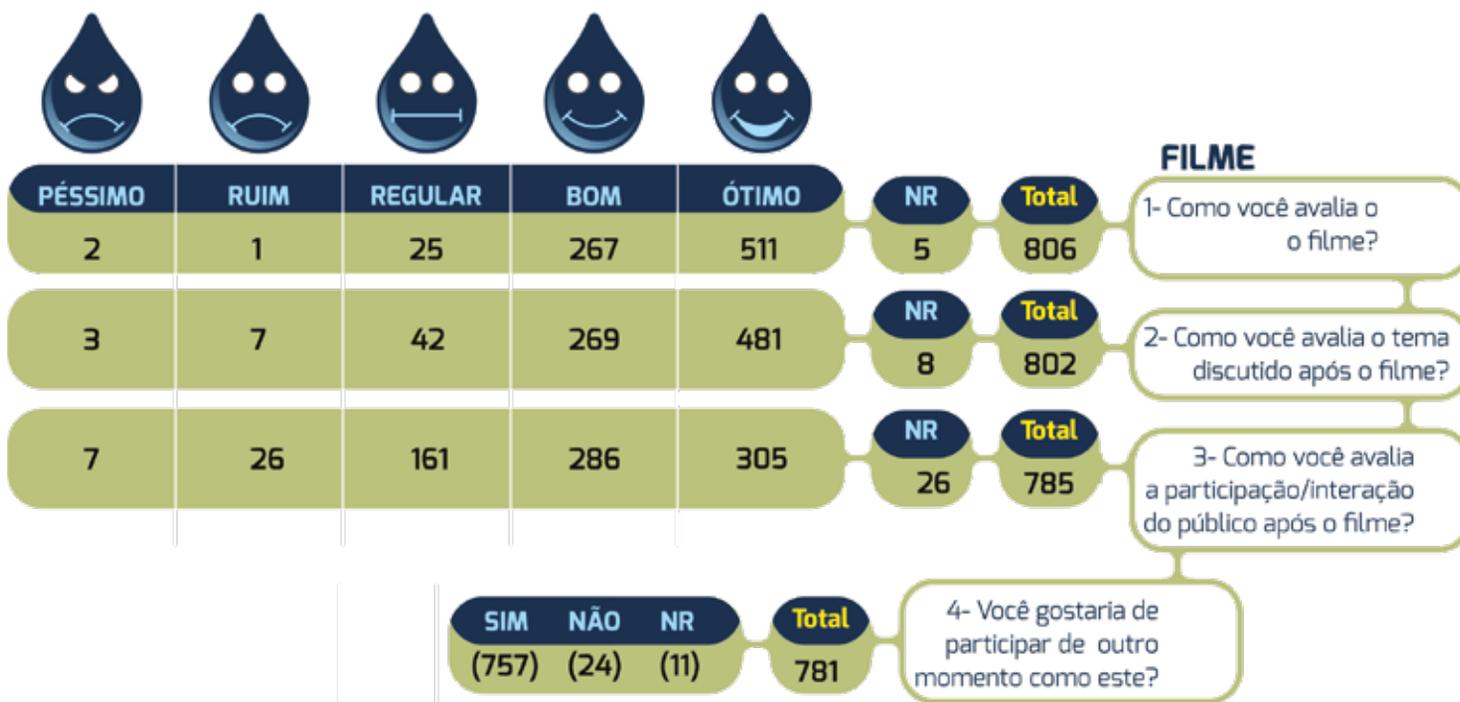


bons agentes de mobilização, trazendo os pais para a Mostra de Cinema Adulto.

Dentre os filmes mais exibidos e aceitos pelas crianças que participaram da Mostrinha, destacam-se os curtas “A Ilha”, de Alê Camargo (2008) e “Pajerama”, de Leonardo Cadaval (2008), que provocaram intenso debate entre as crianças.

Tanto a mostra direcionada aos adultos quanto a direcionada às crianças ocorreram nas duas voltas da caravana. Em ambas foram realizadas avaliações sobre a Mostra. Os resultados dessas avaliações foram considerados bastante satisfatórios para a equipe e podem ser apreciados a seguir.

**Diagrama 1 - Avaliação da Mostra de Cinema Ambiental na primeira volta da Caravana**



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

## Diagrama 2 - Avaliação da Mostra de Cinema Ambiental na segunda volta da Caravana

FILME		PÉSSIMA	RUIM	REGULAR	BOA	ÓTIMA	Total
1. Temática do filme escolhido.		-	5	23	154	210	382
2. Debate (mediação, questões e participação)		1	-	38	170	182	391
3- Você gostaria de participar de outra atividade como esta?		SIM (361)	NÃO (27)	NR (04)			Total 388

Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

# A Mesa-Redonda e a participação social em debate

• Nayara Seabra  
• Marcelo Carlos Gantos

A atividade Territórios em Rede, realizada apenas na primeira passagem da caravana, teve como principal objetivo proporcionar e trazer à cena local (municipal) um debate mediado, partindo de questões consideradas essenciais para estimular a organização e a participação social das comunidades, assim como para discutir o controle social sobre a gestão dos recursos financeiros oriundos da cadeia do petróleo e gás natural. Outros temas correlacionados e previamente identificados também foram discutidos, como os papéis da mídia alternativa, do jovem, da liderança, entre outros.

O desenho metodológico elaborado para a Mesa-Redonda proporcionou um formato dialogado de comunicação popular dinâmico e menos formal, mas nem por isto menos correto, sério e interessante. Assim, constituiu-se num espaço de troca de experiências e debate entre o público e os convidados, quando todos tiveram a oportunidade de expor suas opiniões, questionar e interagir uns com os outros.

Apesar de manter um formato constante, a realização da Mesa-Redonda passou por algumas mudanças ao longo de todo o processo de execução, o que permite afirmar que cada um dos municípios representou uma experiência *sui generis*.

Durante o período de novembro de 2014 a junho de 2015, foram realizados dez eventos e programas, inseridos na programação da Caravana. Territórios em Rede foi realizado no espaço da Caravana aos sábados, iniciando-se às 16 horas e com tempo de execução variável em cada município, atingindo até, no máximo, duas horas. Todo o evento foi filmado, com o intuito de produzir dez programas a serem disponibilizados posteriormente à população como conteúdo da página eletrônica do projeto de educação ambiental (PEA) Territórios do Petróleo.

Inicialmente, a equipe técnica do projeto realizou uma tarefa de identificação, análise e seleção de temas e conflitos socioambientais afins ao foco do PEA Territórios do Petróleo. Esta pesquisa preliminar, com base nas necessidades observadas em cada município participante, configurou o repertório temático a ser abordado na atividade. Assim, as temáticas escolhidas foram diferentes para cada um dos dez municípios contemplados, tendo sido direcionadas aos assuntos apontados pela equipe do projeto e confirmados pelas pessoas atraídas para o projeto como necessários e relevantes para o conhecimento da comunidade. Os temas e o cronograma estabelecidos foram os seguintes:

Município	Data	Tema
Quissamã	06/12/14	Participação e controle social
Carapebus	13/12/14	Royalties e controle social
São João da Barra	31/01/15	Justiça ambiental
Macaé	14/03/15	Mecanismos de controle social
Rio das Ostras	28/03/15	Participação e controle social
Casimiro de Abreu	11/04/15	A educação ambiental e a participação social
Cabo Frio	09/05/15	Gestão ambiental pública
Arraial do Cabo	23/05/15	Educação ambiental e controle social
Armação dos Búzios	13/06/15	Royalties na Bacia de Campos: os desafios para o controle social.
Campos dos Goytacazes	04/07/15	Royalties e desenvolvimento regional na Bacia de Campos.

Após a definição das datas e dos temas da atividade Territórios em Rede, a equipe técnica entrou em contato com as lideranças do município iniciando a mobilização social na comunidade, a fim de incentivar a participação de todos no evento.

Como previsto no roteiro metodológico, cada evento contou com a presença de um convidado externo especialista no tema a ser discutido, ao qual se juntava um cidadão local com vasta e profunda experiência correlacionada ao assunto em pauta. Outro traço distintivo deste último participante era o seu reconhecimento como uma liderança na sua comunidade. Todas as atividades Territórios em Rede seguiram este modelo, com exceção daquelas que foram realizadas nos municípios de Casimiro de Abreu, Arraial do Cabo e Campos dos Goytacazes, nos quais houve a presença de duas lideranças comunitárias.

Para a realização da atividade, a equipe de produção elaborou previamente um roteiro para cada edição da Mesa-Redonda em forma de pauta. Nela se elencaram as perguntas orientadoras a serem feitas para os entrevistados. Também se buscou delimitar o tempo dos blocos da atividade, indicando os momentos em que haveria interação dos convidados com a plateia e o número de blocos que seriam gravados durante o evento. De modo geral, a atividade se assemelhou, no formato, a um programa televisivo de auditório e foi dividida em dois blocos: no primeiro, mais fechado, a condutora-mediadora dirigia aos convidados perguntas previamente elaboradas; no segundo, os questionamentos eram abertos a todos os participantes da atividade.

Este formato não foi seguido à risca em todas as localidades devido às particularidades encontradas em cada município, ou a aspectos imponderáveis como o ambiente local (temperaturas elevadas ou chuvas intensas de verão). Buscou-se sempre proporcionar ao público um bom ambiente de convívio e maior liberdade e protagonismo à plateia.

Desta maneira, a condutora iniciava a atividade com uma breve introdução seguida de uma apresentação do perfil dos convidados, buscando contextualizar e evidenciar sempre a relação das atividades realizadas por eles com a temática abordada e com os objetivos do PEA Territórios do Petróleo para produzir os efeitos desejados.

Além do debate, desde a sua concepção, a atividade Territórios em Rede previa propiciar, inserido no programa da atividade, um momento cultural para que um grupo ou artista local pudesse apresentar seu trabalho. A apresentação cultural acontecia geralmente antes do início do debate, possibilitando um momento de relaxamento e expressão de parte da identidade cultural tradicional de cada município.

Em Quissamã, sede da primeira Caravana Territórios do Petróleo, houve a apresentação de um grupo de Fado, dança de origem africana típica da região, bem como o Jongo, que foi apresentado na abertura da Mesa-Redonda do município de Carapebus. Em Macaé, a representatividade cultural foi feita através de um jovem tocando carron (instrumento musical), enquanto no município de Casimiro de Abreu houve a apresentação de dois grupos da Fundação Cultural de Casimiro de Abreu: *Trinca Latas* e *Grupo de estudos e investigação sobre os processos de criação performáticos e cênicos*.

Como dito anteriormente, a atividade foi filmada para produzir um material audiovisual a ser divulgado posteriormente na página eletrônica do projeto e arquivado como memória do PEA. Este material audiovisual irá proporcionar a quem não participou da atividade a oportunidade de assistir à discussão realizada e refletir sobre os temas debatidos.

Para a produção do conteúdo audiovisual foram tomadas algumas medidas técnicas, a fim de produzir um material final com a melhor qualidade possível. Assim, a direção de imagens contemplou a definição de um arranjo estético para otimizar os resultados da filmagem. Cuidou-se do posicionamento dos convidados e do público, da iluminação e definição do enquadramento das câmeras, movimentos de câmera, sequência lógica de cortes de imagens, limitação de espaços do apresentador em cena e definição de pontos de entrada em cena para os assistentes que interagem com o público.

Territórios em Rede contou com a ampla participação das pessoas que fazem parte do público direto do PEA Territórios do Petróleo, como membros de comunidades quilombolas, agricultores, pescadores, moradores de comunidades carentes, representantes de associações variadas como as de moradores e de colônias de pescadores, lideranças estudantis e membros dos outros PEAs da Bacia de Campos. Parte dos presentes à Mesas-Redondas era de pessoas já habituadas às práticas da educação ambiental e do controle social, contribuindo positivamente para qualificar as discussões travadas, uma vez que nas suas intervenções relatavam suas experiências no âmbito da gestão pública ambiental e na EA, expondo seus conflitos e opiniões e levantando novos questionamentos. Entretanto, a participação no debate não ficou restrita apenas àqueles inseridos no recorte prioritário do PEA, e a atividade contou com representantes dos mais diversos segmentos

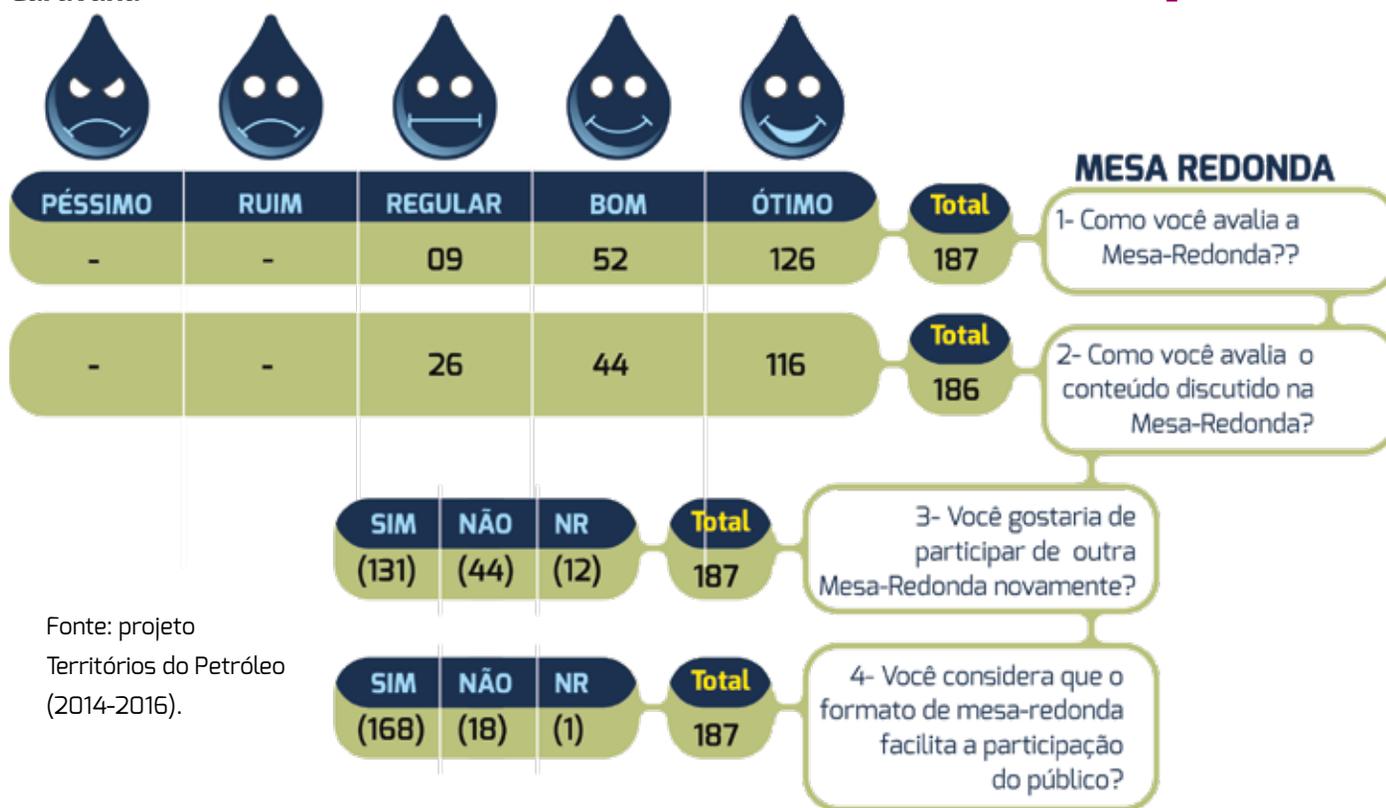


da sociedade civil de cada município, o que contribuiu para a amplitude e diversificação da discussão realizada.

Ao final de cada atividade, foi possível destacar a geração de um momento de intensa emoção caracterizado pela troca de informações e relatos das experiências vividas pelas pessoas presentes, favorecendo a ampliação das redes de sociabilidade, articulando atores e enriquecendo os conhecimentos de todos sobre as temáticas abordadas.

A análise da avaliação realizada pelos participantes em ficha específica indica boa aceitação e aproveitamento. Dos 187 respondentes, observa-se que, em geral, tanto o tema escolhido como o formato foram bem avaliados, com os presentes se dispondo a continuar participando caso houver possibilidade.

**Diagrama 1 - Avaliação da Mesa-Redonda realizada na primeira volta da Caravana**



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Para além da aplicação dos instrumentos de avaliação previstos, diversos participantes ressaltaram oralmente sua satisfação com a atividade, apontando que os municípios da região e suas populações são carentes desses espaços de discussão, nos quais todos possuem voz e onde os conflitos, necessidades e visões coletivas da comunidade são postos como prioridade.

No relatório da atividade Territórios em Rede, ocorrida no município de Campos dos Goytacazes, está registrada a seguinte fala de um estudante de economia presente na plateia:

**O fato de terem sido convidadas para a discussão mostra que as pessoas daquele local não são tão invisíveis assim. (...) é necessário que sejam ministrados cursos que mostrem como os conselhos municipais devem ser formados para que mediante essas informações a população possa atuar nesses espaços de decisão de forma efetiva. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 27).**

O estudante disse ainda que a população não pode desistir de organizar-se e lutar por melhores condições de vida e trabalho.

Uma das principais características da atividade Territórios em Rede foi sua singularidade. Por estar inserida dentro do contexto de um evento itinerante – a Caravana Territórios do Petróleo –, as experiências vividas e os debates realizados nesta atividade não irão se repetir, o que confere um caráter efêmero à experiência. Além disto, as discussões levantadas giraram em torno das necessidades e experiências particulares de cada município, o que proporcionou um desenrolar específico da atividade em cada um deles, com resultados diversos e alentadores para confirmar o valor e eficácia da proposta pedagógica idealizada.

Vale lembrar que o material audiovisual produzido a partir das discussões levantadas no debate da Mesa-Redonda poderá proporcionar a quem não esteve presente um contato com o debate travado.

Territórios em Rede veio corroborar a hipótese do PEA Territórios do Petróleo acerca da desinformação sobre as rendas petrolíferas e validar a ação proposta como elemento de mitigação. A experiência da Mesa-Redonda serviu para potencializar o diálogo e ressaltar a necessidade de estimular nos municípios a busca por informações e o debate qualificado sobre a realidade socioambiental de seu município. Entender-se criticamente como parte do meio e a importância de preservar o mesmo para além das visões tradicionais de EA é um fator crucial na conquista da vigília cidadã.

Uma vez que a população adquire voz e reconhece seu papel protagonista na luta pelos seus direitos, os cidadãos passam a buscar mais informações para se enriquecerem politicamente. A Mesa-Redonda constituiu um momento de avanço neste processo social tornando seus participantes mais capacitados, críticos e confiantes para dirimir conflitos e caminhar organizados na construção coletiva de uma sociedade mais justa e ecologicamente equilibrada.



# Oficina do que somos e do que queremos ser

• Silvia Alicia Martínez  
• Leandro Fernandes  
Viana

A Oficina do Futuro consistiu numa estratégia metodológica que teve como objetivo facilitar um espaço de participação social e debate orientado a mobilizar uma reflexão em torno da cidadania desejada e dos problemas que estariam impedindo alcançá-la em cada município. Ao aproximar o diálogo entre diversos cidadãos sobre os conflitos comunitários enfrentados cotidianamente, almejou-se também provocar a identificação desses problemas e as possíveis interferências da cadeia do petróleo.

Em consonância com os objetivos do projeto de educação ambiental (PEA) Territórios do Petróleo e com a linha de ação à qual está vinculado, a problemática da falta de informação e transparência das informações e da gestão pública também constitui importante objeto de análise sobre a questão cidadã em cada município.

Esta atividade acontecia no espaço da Caravana nos dias de domingo em sua primeira volta, à exceção de Cabo Frio, cidade na qual funcionou na segunda-feira, no horário vespertino. Teve duração de aproximadamente quatro horas e contou com a participação de 11 a 30 pessoas que tinham participado das atividades do Circuito Ambiental. Pertencentes ao público direto ou indireto determinado pelo projeto, estes cidadãos compõem um grupo constituído por lideranças comunitárias, membros de associações diversas, quilombolas, trabalhadores rurais e assentados, pescadores, lideranças estudantis, dentre outros.

A Oficina foi conduzida por um moderador, auxiliado por dois técnicos sociais do PEA e foi acompanhada pela coordenação pedagógica. Na maioria dos casos contou, também, com a presença de técnica da Petrobras. Nos municípios de Cabo Frio e de Casimiro de Abreu estiveram presentes analistas ambientais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos

Naturais Renováveis (Ibama). Também participaram da oficina um ou mais representantes dos projetos de Educação Ambiental (PEA) que funcionam em cada município.

### Como funcionou?

A atividade iniciava-se com um café da manhã no interior da tenda da Caravana. A seguir, os convidados eram conduzidos à sala de aula do caminhão, para dar início aos trabalhos. Após a apresentação dos participantes, a oficina desenvolveria basicamente duas atividades (momentos) e uma avaliação individual final.

Atividade intitulada árvore dos sonhos em São João da Barra, em 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



### Primeiro momento: a árvore dos sonhos

**Recursos:** desenho de uma árvore em cartolina, tarjetas coloridas, marcadores pretos.

**Desenvolvimento:** Esta atividade foi pensada para permitir que as pessoas envolvidas pudessem sonhar, individual e coletivamente, com uma cidade considerada por eles ideal para se viver, além de resgatar ideias comuns para

melhorar a qualidade de vida da população do município e organizar o pensamento coletivo. Caso fosse de interesse, dava-se início a um grupo de intercâmbio, discussão e troca que possibilitasse o trabalho conjunto e comum.

Para possibilitar o início da discussão proposta, o facilitador realizava perguntas instigando os participantes à reflexão e estimulando o pensamento crítico.

A partir de uma pergunta orientadora — “Como você gostaria que fosse esse lugar, o seu município?” — e após um momento de silêncio e reflexão, o facilitador convidava os participantes a registrar seus sonhos em tarjetas de cartolina de uma determinada cor.

A seguir, cada participante do grupo apresentava seus sonhos publicamente e fixava a tarjeta na árvore, seja nos galhos, no caule ou nas raízes.

Uma vez apresentados todos os sonhos, propunha-se refletir a partir de perguntas como: “Existem sonhos em comum para o município? Quais?”; “Esses desejos podem ser alcançados?”; “Se sim, a curto, médio ou longo prazo?”; “Como a comunidade poderia contribuir para realizá-los?”; “E o poder público, qual é o seu papel?”; “Quem mais poderia contribuir? Como?”.

O momento de apresentação dos participantes, seguido de um breve debate, permitia ao grupo elencar o conjunto de sonhos, desejos e aspirações para a realidade do seu município.

Este cenário criado permitiu visualizar que alguns destes sonhos faziam parte do imaginário de outros cidadãos, muitos dos quais não se conheciam previamente, traduzindo-se num anseio coletivo.

## **Resultados:**

Os participantes de todos os municípios se envolveram seriamente com a atividade, destacando na maior parte das vezes sonhos coletivos, o que permitiu observar neles consciência comunitária.

Alguns estavam mais familiarizados com o tipo de atividade por participarem ou terem participado de outros PEA; pela função de liderança que ocupam, demonstrando domínio das técnicas e desembaraço no momento de falar em público. Para outros, em quantidade menor, a resposta à consigna de apresentar sua opinião para o grupo causou estranheza e certa dificuldade inicial, tendo sido encorajados a todo momento pelos demais participantes.

Saúde para todos, educação de qualidade, creches, moradia digna,



saneamento básico adequado, emprego, capacitação e formação profissional para a população, mais opções para a juventude, segurança pública para todos, meio ambiente cuidado, mais opções de cultura, mais informação e população mais participativa nas atividades públicas constituíram os sonhos recorrentes nos dez municípios. Controle social do orçamento municipal e melhor uso do dinheiro dos *royalties* também foram desejos que apareceram em algumas localidades.

Em alguns municípios se manifestaram

Oficina do Futuro em Casimiro de Abreu. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Atividade intitulada árvore dos sonhos em São João da Barra, em 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



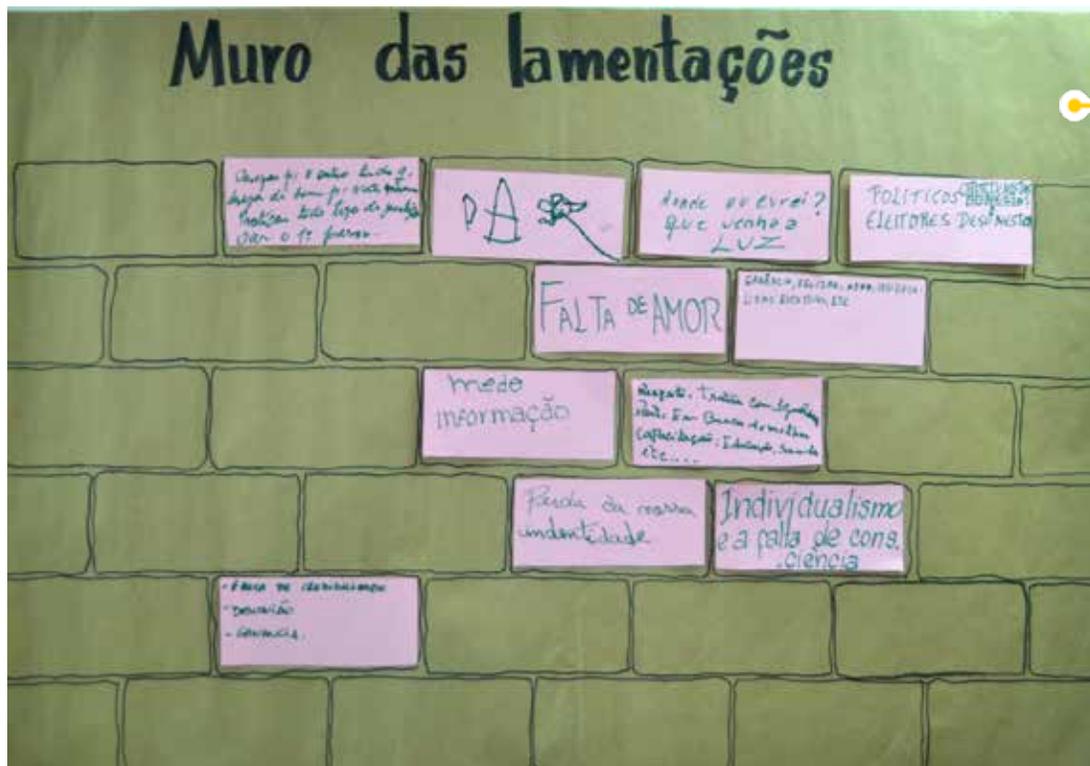
desejos vinculados a grupos específicos. Os pescadores sonharam com reconhecimento e união; os agricultores sonharam com um município matriz da agricultura ecológica; os docentes desejam uma profissão valorizada.

## Segundo momento: o muro das lamentações

**Recursos:** desenho de um muro com tijolos aparentes em cartolina, tarjetas coloridas, marcadores pretos.

Desenvolvimento: dando sequência à construção da árvore dos sonhos, esta atividade foi planejada para provocar a reflexão individual e a discussão coletiva sobre os obstáculos que a comunidade identifica no seu município e que impedem a realização dos sonhos.

A construção do muro foi orientada basicamente pela resposta à seguinte pergunta: “Quais os problemas que dificultam atingirmos nossos sonhos?”. Para tal, o grupo foi convidado a refletir individualmente e escrever em tarjetas com tamanho de tijolinho sobre os empecilhos à realização dos sonhos e desejos de cidadania do município em que habitam.



Exemplos de tarjetas.  
Fonte: projeto  
Territórios do Petróleo  
(2014-2016).



Nesse momento da atividade, o debate era direcionado para a reflexão coletiva, tentando identificar e desconstruir as respostas que caíam na retórica “meu sonho é x, o obstáculo é a falta de x”, para, logo a seguir, conduzir a discussão no sentido da necessidade de edificação de possíveis estratégias para vencer os obstáculos. A intenção era levar à compreensão sobre a percepção acerca dos empecilhos que dificultam a rotina dos participantes e interferem na vida deles. Essa estratégia possibilita entender o discurso da falta e debater como os obstáculos são identificados e priorizados no entendimento de cada um.

A reflexão neste momento era conduzida para a identificação das esferas sociais de responsabilidade (gestores, espaços de participação cidadã, poder público) na superação dos obstáculos e para a análise de diferentes formatos de cooperação e de organização coletiva.

O chamado à participação e à identificação dos mecanismos de controle social vinculados ao PEA constituía o momento final da atividade. Assim, os obstáculos passaram a ser entendidos como desafios que, para serem superados, precisam da participação ativa de cada cidadão e da organização coletiva, ou seja, demandam a construção de propostas para a ação.

O momento final da Oficina consistia em uma avaliação das atividades em fichas individuais.

A ficha, semelhante às construídas para outras atividades do PEA, tenta captar a percepção dos participantes acerca do desenvolvimento da Oficina e a respeito da importância da mesma para a comunidade. Também se pretendeu conhecer se as pessoas já tinham participado de espaços semelhantes e se gostariam de participar de atividade do tipo novamente.

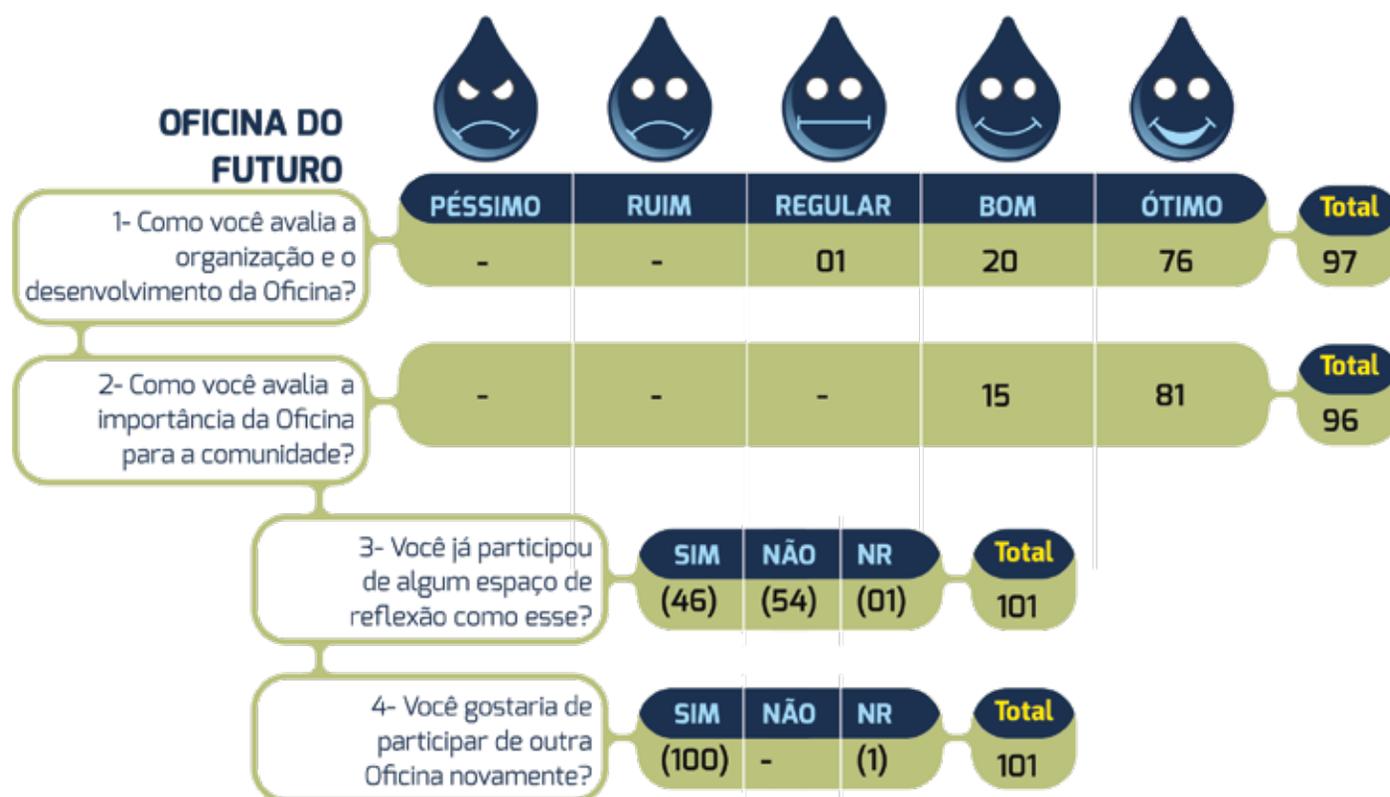
Sobre o quantitativo de participantes, ao longo dos dez municípios, 101 (cento e uma) pessoas preencheram o questionário. É importante lembrar que, como foi afirmado no início deste texto, a Oficina do Futuro não era aberta ao público geral da Caravana. Considerando os públicos direto e indireto atendidos pelo projeto, identificavam-se pessoas que tinham o perfil desejado e se realizava o convite nominalmente ao longo das atividades, principalmente, da Mesa-Redonda.

No diagrama 1, que sintetiza a parte quantitativa da avaliação, é possível observar que a Oficina do Futuro foi bem avaliada pela maioria dos participantes



e que todos consideraram que espaços como este são importantes para a comunidade à qual pertencem. É interessante destacar que metade dos participantes afirmou ter tido experiência em espaços semelhantes. Cabe indagar que espaços seriam esses, talvez aqueles propiciados por outros PEA ou por organizações da sociedade civil e associações às quais estão vinculados. Quase todos os participantes afirmaram que gostariam de participar de atividade semelhante novamente.

**Diagrama 1 – Avaliação da Oficina do Futuro na primeira volta da caravana**



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Alguns participantes se manifestaram também oralmente elogiando ou refletindo sobre a atividade e sobre o projeto. O trecho retirado do Relatório do Município de São João da Barra é elucidativo da boa receptividade alcançada, seja do projeto ou da própria Oficina:

**Ao fechar da oficina, um dos participantes pediu a palavra e alertou que uma árvore é fraca se sua raiz é fraca, mas uma raiz só é forte se a semente também for. Ele analisou o projeto como uma possível boa semente, que poderá gerar uma árvore forte com muitas folhas e frutos.**

**Outro participante agradeceu o espaço de discussão oferecido pelo projeto e principalmente a chance para expor opiniões e concepções, alegando que hoje esse tipo de oportunidade encontra-se cada vez mais restrito (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 14).**

A respeito deste comentário sobre participação, é importante realizar uma reflexão final. Uma oficina pedagógica é, no dizer de Candau & Sacavino (1995, p. 98): “uma aposta política e metodológica (...) integradora de mente e corpo, de teoria e prática, de reflexões e habilidades, de *mentefatura* e *manufatura*”. Nessa trilha, a Oficina do Futuro promoveu o debate horizontal e estimulou a participação cidadã, tendo funcionado como disparador da reflexão sobre a identificação e análise dos problemas sociais das comunidades que receberam o projeto Territórios do Petróleo.

Portanto, consideramos que a Oficina do Futuro foi uma estratégia acertada para a mobilização e sensibilização de um grupo que possa avançar em prol da formação para constituir o Núcleo de Vigília Cidadã.



# O desafio da participação a partir da Reunião de Devolutiva (RD)

• Silvia Alicia Martínez

A Reunião de Devolutiva (RD) teve como objetivo apresentar uma visão global do processo educativo do projeto Territórios do Petróleo, estabelecendo contato direto com potenciais participantes do PEA, a fim de firmar o compromisso destes nas etapas posteriores. Participaram moradores dos municípios atendidos pelo projeto que estiveram presentes nas diferentes atividades da Caravana, principalmente na Oficina do Futuro, tendo sido a última atividade da Etapa de Sensibilização. Conduzida por uma professora facilitadora com o auxílio de dois técnicos sociais, foi concebida para ser realizada em quatro horas, com um público médio de 20 participantes.

### Como funcionou?

Após uma acolhida com café da manhã, a reunião começava com uma rodada de apresentações, por meio do uso de tarjetas coloridas, sendo que em uma os participantes registravam seu nome e, em outra, declaravam seu sentimento naquela hora inicial. Ambas as tarjetas eram coladas em uma folha de papel pardo, e esta atividade seria complementada no momento final. A curiosidade imperava nesse momento da atividade. Mas também as pessoas estavam em geral agradecidas pelo convite e por terem sido buscadas na residência.

### Desenvolvimento

As atividades eram abertas por meio de uma apresentação simples e dialogada, com informações sobre os objetivos do projeto e sobre os fundamentos que levaram a sua concepção. Explicou-se também

quais são os municípios de atuação do projeto e os critérios para a escolha dos mesmos.

Em relação ao público de cada município, apresentaram-se as comunidades nominalmente identificadas – explicitando quais já haviam sido identificadas no DP e quais foram detectadas pelo projeto no município em questão.

Reunião Devolutiva  
em Casimiro de  
Abreu, 2015. Fonte:  
projeto Territórios  
do Petróleo (2014-  
2016).

### **Primeiro momento**

Nas primeiras horas da reunião havia o cuidado de expor o cotidiano das atividades da Caravana no município, com o uso de variadas imagens fotográficas e reprodução de frases redigidas pelos participantes em momentos avaliativos, visando convidar os participantes a se reconhecerem e a identificarem vizinhos das suas comunidades.





elencadas na Oficina do Futuro, evidenciando a persistência dos problemas anteriormente detectados no Diagnóstico.



Reunião Devolutiva em Armação de Búzios, 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

A este respeito, segue trecho do relatório relativo à RD no município de Cabo Frio, retratando o efeito que as informações sobre os impactos da indústria de petróleo e gás produziram em alguns dos munícipes que participaram da atividade, reafirmando a necessidade de continuar trabalhando esses temas que o projeto aborda:

**Uma das participantes que trabalha na área da engenharia de petróleo disse que as atividades da Caravana do projeto Territórios do Petróleo fizeram com que ela analisasse os**

impactos da indústria petrolífera de maneira diferente. Ela disse que até então não havia observado os grupos vulneráveis que sofrem grandes impactos diretos e indiretos, como os pescadores artesanais e suas famílias que sobrevivem unicamente da pesca. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 6).

### Terceiro momento

Feitas as discussões, registradas em relatório, passava-se ao último segmento da RD, que consistia na apresentação da proposta das Oficinas de Formação e do calendário das mesmas, seguida do estabelecimento de acordo sobre datas e dias da semana mais apropriados para sua realização. Este era um momento muito importante do processo, no qual se estabelecia o compromisso dos presentes em participarem do PEA, manifesto na criação de consensos sobre horários e datas mais apropriados.

### Fechamento

Como momento final, repetia-se a dinâmica inicial das tarjetas, agora plasmando o sentimento de saída.



Foto do painel sentimento de saída em Casimiro de Abreu, 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

“Esclarecedora, produtiva, proposta interessante, confiança, felicidade, esperança, motivada, contemplado”. Esses foram alguns dos sentimentos elencados pelos participantes nos diferentes municípios. A atividade serviu, assim, como termômetro da Reunião de Devolutiva, sendo uma forma de verificar se os objetivos haviam sido cumpridos. Os trechos das análises sucintas contidas nos Relatórios da atividade retratam parte da percepção técnica sobre a RD:

**Houve uma clara percepção da necessidade das lideranças comunitárias serem ouvidas, instrumentalizadas e formadas para maior qualificação da atuação nos espaços de controle social no município de Cabo Frio. O empoderamento do cidadão é indispensável para uma atuação capaz de gerar resultados significantes para este grupo. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 9).**

A motivação relatada pela maioria durante as falas demonstrou uma ótima aceitação dos temas propostos nas Oficinas de Formação do Ciclo II.

A Reunião de Devolutiva foi importante para manter a comunidade mobilizada, e por articular a primeira e a segunda etapas do projeto; ela estabeleceu uma conexão estreita com o que foi trabalhado durante a Etapa de Sensibilização e com o que seria trabalhado nas Etapas futuras do projeto. As RD reforçaram, assim, o contato com os comunitários, apresentando-lhes alguns resultados e evitando que fossem desmobilizados com a ação do tempo. Todos saíram da reunião motivados para continuar a participar das ações e das Etapas seguintes do projeto Territórios do Petróleo em suas localidades.

Após a realização deste trabalho, conclui-se que as experiências participativas do cenário local podem fomentar a articulação e a criação de instrumentos capazes de ampliar o controle social e fortalecer a participação cidadã.

# Territórios em Movimento: rumo às comunidades

Muitos são os desafios da participação social, especialmente quando se trata de discutir e aprofundar os assuntos ligados ao meio ambiente. Por diferentes razões, as localidades rurais isoladas dos grandes centros urbanos encaram este e outros desafios ainda maiores, devido à histórica incapacidade de políticas públicas como saneamento básico, saúde, transporte público e até mesmo segurança chegarem de modo eficiente a estes locais.

Quando o assunto é o acesso às informações, a realidade parece ainda mais alarmante. Ao que tudo indica, não é de conhecimento da maioria das pessoas a importância do controle social na distribuição e na aplicação dos recursos financeiros dos *royalties* e das participações especiais. Ciente deste cenário, foi preciso então (re)criar caminhos para o debate da educação ambiental na Bacia de Campos, levando em consideração as suas diferentes realidades.

É neste contexto que a ação educativa Territórios em Movimento surge como uma proposta de mobilização das comunidades isoladas dos centros urbanos, tendo como principal objetivo estender as ações do projeto Territórios do Petróleo às comunidades identificadas pelo Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014). Esta iniciativa foi essencial para atender às comunidades mais isoladas que haviam ficado remanescentes na primeira passagem da Caravana Territórios do Petróleo, ao longo de 2015. Na primeira passagem, foram realizadas diferentes atividades através da unidade móvel caminhão-escola e das tendas montadas em seu entorno. Com aquele aparato, foi possível implementar atividades pedagógicas voltadas a ampliar a divulgação das informações públicas acerca dos

- Ana Paula Teixeira Barreto
- Carlos Javier C. Galán
- Jânio de Oliveira Silva Jr.
- Kamila Louzada Rangel
- Leandro Fernandes Viana
- Mirian Rachel de J. Soares
- Ana Paula Filgueira
- Carine Passos
- Elizabeth Porto
- Isabela Mariz
- Lucimara Souza
- Maria da Conceição Pavão
- Moira Pessanha
- Renata Leandro

*royalties* e das participações especiais, além de debater temáticas como educação ambiental, licenciamento ambiental e controle social.

Neste cenário itinerante, porém sem a presença das tendas, o Territórios em Movimento contou com as metodologias dos Totens, Linha do Tempo, Mostra de Cinema e Jogo cooperativo. Tais atividades estão detalhadas em outros capítulos. A partir daí a atividade Territórios em Movimento percorreu, nesta ordem, os municípios de Campos dos Goytacazes, Quissamã, Carapebus, São João da Barra, Rio das Ostras, Casimiro de Abreu, Cabo Frio, Arraial do Cabo, Armação dos Armação dos Búzios e Macaé.

Nos tópicos a seguir serão apresentadas as experiências das atividades em cada um dos municípios citados, buscando um olhar mais abrangente do processo de licenciamento ambiental vivenciado nestas localidades.

### **Campos dos Goytacazes – Farol de São Tomé**

Segundo o IBGE, em 2013 a cidade de Campos dos Goytacazes tinha o sétimo maior Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil (CAMPOS, RJ, aparece..., 2015). Ao longo de sua costa existe uma grande exploração de petróleo e gás natural, o que a torna a maior produtora de petróleo do Brasil. A Bacia de Campos inclui vários outros municípios, mas está na projeção do litoral campista a maior parte da produção brasileira. Basicamente por isso Campos dos Goytacazes é, dentre os beneficiários das receitas petrolíferas, o município que recebe o maior volume absoluto de repasses a título de *royalties* e/ou participações especiais.

Nossa primeira parada no município de Campos aconteceu em Farol de São Thomé, em janeiro de 2015, auge do verão. Com a incidência de muitos curiosos, moradores locais e também turistas que passavam o verão na praia, nós éramos uma espécie de atração circense. Em meio a um festival de atrações musicais típicas dessa época do ano na localidade, tentamos entrar no clima oferecendo uma sinfonia de informações sobre *royalties* e controle social. Somando todos os dias, conseguimos atingir 740 presenças.

Quem viu pôde rapidamente perceber que circo é coisa séria e que nosso espetáculo não era para distrair ninguém. Pelo contrário, estávamos tentando ajudar as pessoas a se concentrarem e a perceberem a importância da organização e da atuação coletiva.

Através da comunidade local, Farol de São Thomé apresentou-se como uma localidade de grandes potencialidades. Dos pescadores e de suas famílias jorra uma fonte de sabedoria que não se pode desprezar. Também a garotada do Pró-Jovem se revelou muito atenta com as questões mais urgentes das políticas públicas e da participação social nos espaços apropriados. Nosso papel ali foi o de propor novos olhares e instigar a procura por mais informações e integração social nos espaços de discussões sobre a utilização dos recursos públicos dentro do município. A partir de debates, atividades interativas e lúdicas, a dinâmica de transmissão de informações procurou adequar-se a todos os públicos que passaram pelo espaço da Caravana, considerado pelos próprios visitantes como uma experiência única na localidade e fonte fundamental de conhecimento sobre o papel do cidadão na sociedade.

### **Quissamã – Barra do Furado e Machadinho**

Típica cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, Quissamã caracteriza-se pelo território majoritariamente rural, dedicado à agricultura e pecuária. O

A unidade móvel caminhão-escola na comunidade remanescente quilombola de Machadinho, Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



centro urbano traz um ar bucólico com a bela igreja matriz emoldurada pela praça com seu coreto em forma de cruz da década de 1910.

Por suas características essencialmente rurais, Quissamã ainda possui singulares dificuldades de comunicação e locomoção nas localidades que ficam a 15 km ou mais do centro urbano, como é o caso de Machadinho e Barra do Furado.

Na primeira passagem da Caravana no município, a estrutura do projeto ficou instalada numa região central, o Parque de Exposições Renato Queirós Carneiro da Silva. Entretanto, nesta ocasião apenas 15 pessoas (entre alunos e professores) da localidade de Barra do Furado e três pessoas de Machadinho tiveram a chance de visitá-la.

A oportunidade de levar a Caravana para a comunidade remanescente quilombola de Machadinho e para o balneário de Barra do Furado - reduto de pescadores e pescadoras artesanais - foi primordial para aproximar o projeto destas comunidades mais isoladas e que são sabidamente mais impactadas pela desinformação sobre os *royalties* e participações especiais.

A experiência superou as nossas expectativas. Durante os quatro dias da Caravana nessas localidades, conseguimos perceber que a comunidade foi capaz de delinear um apanhado histórico sobre a tradição norte fluminense da dependência de recursos naturais – antes com a **cana-de-açúcar** e agora com o petróleo.

Ao final de cada dia da Caravana fomos procurados por diversas pessoas interessadas em participar e acompanhar as fases seguintes do projeto. Alguns desses participantes deixaram registrado no livro de memórias da Caravana a importância das discussões travadas durante as atividades, capazes de provocar a reflexão sobre a história e a cultura de toda a região Norte Fluminense. Além disso, destacaram a relevância dos debates

sobre *royalties*, algo considerado por eles ainda como complexo e distante das suas realidades.

Apontaram também para a urgência da correta aplicação destes recursos em políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida de toda a população.

### PARA SABER MAIS:

Quissamã abrigou o primeiro Engenho Central da América do Sul, que centralizou em uma única planta industrial a produção de açúcar e aguardente utilizando a cana-de-açúcar proveniente de várias fazendas. Atualmente, o Engenho Central está abandonado e a população sonha com a revitalização do local para se tornar um museu que retrate a tradição da cana-de-açúcar local.



## Carapebus – Assentamento Fundão

Carapebus, que em tupi significa “rio dos carapebas”, é um pequeno município que faz divisa com outros três, Quissamã, Macaé e Conceição de Macabu. Com suas lagoas e praias, Carapebus também abriga a maior área verde do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, que engloba também a área de Macaé e Quissamã. A área onde hoje se situa o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba era habitada pelos índios Goytacazes, povo que tinha tradição guerreira.

Na primeira passagem da Caravana pela cidade a área central, ao lado da igreja matriz, foi escolhida para receber a estrutura do projeto. Na ocasião muitas pessoas participaram das atividades e aprenderam um pouquinho sobre *royalties* e educação ambiental.

Entretanto, assim como a vizinha Quissamã, Carapebus possui problemas crônicos de mobilidade urbana. Os assentamentos localizados na área rural do município ficam quase que completamente isolados da área urbana por falta de transporte público.

Pensando nisso, e tendo em mente que era necessário atingir as pessoas que moram nos assentamentos – agricultores familiares e pescadores artesanais –, na segunda passagem da Caravana o local escolhido foi o Assentamento Fundão.

A localidade do Fundão é marcada por conflitos de terra, disputas políticas e por lideranças articuladas nos movimentos sociais de reforma agrária em



A Linha do Tempo no “caminhão-escola” no Assentamento Fundão em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



busca de melhores condições de vida e de incentivo aos trabalhadores. É notório que a comunidade já trava uma luta histórica com o poder público em prol de melhorias nas políticas públicas, em especial nas áreas de transporte, saúde e educação. Muitos estão desanimados e conformados com suas situações, mas, no geral, durante a passagem da Caravana, foi possível perceber que a divulgação das informações do projeto, com o objetivo de exercer o controle social sobre as rendas petrolíferas, despertou e aguçou o interesse da maioria.

O contato mais próximo com a comunidade foi fundamental para identificar e mapear lideranças, além de facilitar a compreensão dos conflitos e interesses inerentes aos territórios e aos grupos sociais que o projeto prioriza nas suas ações educativas.

Na primeira estada da Caravana no município, apenas duas pessoas da comunidade do Fundão tinham participado das atividades. Alguns desses participantes deixaram registrado no livro de memórias da Caravana que o Territórios do Petróleo foi de grande relevância para a conscientização das pessoas, especialmente dos jovens que serão os divulgadores deste conhecimento para as futuras gerações. Citaram também a importância dos debates proporcionados e do acesso às informações desconhecidas pela maioria.

### **São João da Barra – Açu**

São João da Barra, muito conhecida pelas bebidas que produz, atualmente é um município altamente dependente das receitas do petróleo. Segundo o

Apresentação cultural com orquestra na localidade de Açu em São João da Barra. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



orçamento de 2013, São João da Barra tem uma dependência de quase 60% dos recursos que provêm do repasse de *royalties* e participações especiais.

A construção do Complexo Portuário do Açú, iniciada em 2007, afeta diretamente a vida dos moradores sanjoanenses, especialmente nas localidades do Açú, Mato Escuro e Água Preta, como já atestava o Diagnóstico Participativo do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014), e pôde ser percebido por muitos de nós da equipe técnica em nossa atuação no campo.

Foi nessa realidade que chegamos ao Açú com a Caravana do projeto Territórios. Trata-se de um território marcado principalmente pela presença de famílias de produtores rurais e pescadores. Essas comunidades atualmente enfrentam grandes conflitos com os interesses do Complexo Portuário do Açú. A Caravana Territórios se instalou em frente à única escola da localidade, buscando desencadear um processo educativo pautado por debates, reflexões e posicionamentos. A oportunidade para o povo falar e ser ouvido foi fundamental para conhecermos um pouco mais da realidade das comunidades. Em meio a discursos entristecidos, de revolta, mas ao mesmo tempo com um fio de esperança, notamos que aquele povo ainda espera que as mudanças e a justiça os alcancem.

Ao longo daqueles dias, os moradores do Açú nos mostraram o quanto são alegres e talentosos. Em apresentações culturais com orquestras e danças, os jovens moradores da comunidade revelaram seu potencial. Foi neste clima que, por meio de uma imensidão de atividades lúdicas, pudemos abordar temas-chave para incentivar aqueles atores sociais a rejeitar a inércia e exercitar o cultivo de uma consciência crítica.

Com a exibição de vídeos documentários produzidos com moradores dali, foi possível ressaltarmos a importância de lutar por aquela comunidade. Muitos dos presentes se reconheceram e se emocionaram com essa importante devolutiva do trabalho realizado no passado. Ao final, o que se notou foi a mudança de posicionamento frente a todas as informações, dados e valores apresentados sobre a arrecadação municipal de *royalties* e participações especiais. Foi reconhecida a dificuldade da união e organização da comunidade em prol da busca por mais capacitações, mas a história de militância e luta de alguns atores serviu de motivação para outros, suscitando o sentimento de que é válido participar, principalmente se esta ação é realizada de maneira coletiva e qualificada.



Apresentação cultural do grupo “Feliz Idade” em Rio das Ostras na localidade de Cantagalo. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

## Rio das Ostras – Cantagalo

Rio das Ostras é um município conhecido por suas belas praias e por abrigar, desde 2003, o evento *Jazz e Blues Festival*, apontado por críticos como um dos melhores festivais do gênero no mundo.

A segunda volta da Caravana em Rio das Ostras ocorreu na localidade de Cantagalo, considerada importante área do município, que abriga assentamentos e um grande número de produtores rurais. Cantagalo vem sendo marcada pelo crescimento desordenado que avança em virtude da instalação de um número cada vez maior de indústrias que atendem ao mercado *off-shore*. Além disso, a maioria das propriedades rurais é cortada por gasodutos, o que influencia diretamente as formas do uso deste solo.

Outro aspecto que merece atenção na localidade é a deficiência de políticas públicas, como saneamento básico, transporte público, apoio aos produtores rurais e políticas de combate à violência. Vale apontar que a região rural de

Cantagalo passou a apresentar muitos problemas de infraestrutura típicos da área urbana.

Durante a passagem da Caravana, percebemos a descrença de várias pessoas em relação aos PEA de cunho mitigatório. Em contrapartida, durante a Caravana houve alta participação de moradores da localidade, que demonstravam o desejo de que as informações recebidas pudessem de fato ajudá-los na transformação das suas realidades.

Nas diversas atividades desenvolvidas no caminhão-escola, foi possível vivenciar momentos de reflexão onde os participantes constataram a necessidade de melhor aplicação dos recursos dos *royalties*. Os debates proporcionados pelas atividades do Circuito Ambiental – Totens, Linha do Tempo e Mostras de Cinema – demonstraram que essas ferramentas pedagógicas são eficazes na interação com comunidades de diversos perfis sociais.

Alguns dos visitantes da Caravana deixaram registrada no livro de memórias a importância que atribuíam à realização das atividades do projeto Territórios do Petróleo – em termos de ampliar o acesso às informações sobre as receitas petrolíferas e favorecer o controle social sobre esses recursos. Outros apontaram que os debates realizados possibilitaram o despertar da cidadania entre os presentes, estimulando-os à prática de exercer o direito e o dever de fiscalizar as ações do poder público que afetam diretamente as condições de vida das gerações presentes e futuras.

### **Casimiro de Abreu - Barra de São João**

Afastado da sede municipal, o distrito de Barra de São João tem uma dinâmica urbana quase que independente da cidade de Casimiro de Abreu, ocorrendo pouca interação entre ambos. Dessa forma, a população desse distrito não teve a oportunidade de interagir com a Caravana em sua primeira passagem, uma vez que a mesma se instalou no centro municipal. Por essa razão, e por abrigar uma boa parcela do público prioritário, Barra de São João foi escolhido para receber a volta da Caravana.

O caminhão-escola ficou instalado dentro de um Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) que atende a estudantes dos diferentes bairros do distrito, de forma que uma parte significativa do público foi composta por jovens. As atividades foram bem acolhidas pela população local, contando



O jogo Territórios em Ação com a participação de jovens do distrito de Barra de São João em Casimiro de Abreu. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

com um elevado número de visitantes, sendo Casimiro de Abreu o município que apresentou a maior participação dentre as Caravanas Territórios em Movimento.

Outro fator de destaque foi a compreensão, por parte do público, das temáticas abordadas na Caravana (licenciamento ambiental, *royalties*, controle social e educação ambiental), o que ficou claramente identificado nos depoimentos e relatos no livro de sugestões. Os participantes demonstraram bastante curiosidade nas atividades e satisfação pelo contato com as informações trazidas por parte da equipe técnica do projeto.

O sucesso na quantidade e qualidade das participações pode estar vinculado à forte adesão de diferentes públicos mobilizados, como professores das escolas públicas, lideranças comunitárias, integrantes de ONG, projetos locais e outras instituições.



## Cabo Frio – Tamoios

A segunda volta da caravana em Cabo Frio ocorreu no distrito de Tamoios, onde fica o populoso bairro de Unamar. Nossa passagem foi de suma importância para a identificação de potenciais lideranças e para o acompanhamento das ações de mobilização e articulação social da comunidade.

O distrito de Tamoios encontra-se a 44 km de distância da área central de Cabo Frio, e, na percepção dos seus moradores, é responsável por cerca de 70% da arrecadação de *royalties* e participações especiais do município. Mas a aplicação dos recursos no local estaria muito aquém deste percentual, o que gera um sentimento de injustiça entre os moradores e alimenta um movimento de emancipação em relação a Cabo Frio.

Totens interativos digitais consultados no caminhão-escola em Cabo Frio no distrito de Tamoios. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Tamoios está inserido em um processo de conurbação que se origina em Macaé e passa por Rio das Ostras e Barra de São João. Dessa forma, foi de grande importância a passagem da Caravana no distrito onde se encontra boa parte do público prioritário do projeto.

A mobilização envolveu o público prioritário e o público indireto do projeto, da mesma forma que em experiências anteriores. A localização da Caravana permitiu um acesso fácil e uma ampla visualização da estrutura, situada às margens da Rodovia Amaral Peixoto, ponto de passagem de muitas pessoas. Entretanto, apesar da facilidade, não houve uma participação expressiva da comunidade de forma espontânea, especialmente à noite, quando a rua ficava deserta, o que foi apontado por muitos como uma situação corriqueira de insegurança.

Em relação à participação do público prioritário, tivemos a presença de representantes das comunidades remanescentes quilombolas de Preto Forro, Maria Romana, Maria Joaquina e Botafogo. Além destes, também participaram das atividades alguns membros da comunidade pesqueira do Pontal de Santo Antônio, da associação comercial local, ONG, PEA e projetos sociais.

Um fato a se destacar desta segunda passagem da Caravana foi a qualidade das participações nas atividades. Quase a totalidade das pessoas não havia participado da primeira volta e nunca ouvira falar do projeto, mas apresentou um grande senso crítico ao debater as questões levantadas, especialmente no que tange à discussão pública acerca dos *royalties* e do controle social.

### **Arraial do Cabo - Monte Alto**

A segunda volta da Caravana Territórios em Movimento em Arraial do Cabo ocorreu no 2º distrito, Monte Alto. A escolha do lugar buscou atender não só a comunidade de Monte Alto, que fica a 20 km da área central de Arraial do Cabo, como também o distrito ao lado, de Figueira. Segundo o Diagnóstico Participativo do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014), Arraial do Cabo como um todo carece de uma boa infraestrutura para a prestação de serviços públicos. Este fato torna a questão dos *royalties* elemento central nas discussões, já que as comunidades não sentem melhorias em sua qualidade de vida.

Os grupos de pescadores marítimos e de águas interiores também destacaram o afastamento dos jovens em relação à cultura da pesca pela desvalorização da atividade ao longo dos anos. Além disso, os pescadores de águas interiores tiveram



suas reflexões centradas na falta de fiscalização, principalmente sobre os vários usos da lagoa de Araruama. Segundo eles, o turismo náutico vem impedindo a boa realização da pesca na região. Outra questão de fundo foi a falta de controle sobre o lançamento de dejetos líquidos e sólidos na lagoa. Dessa forma, a presença da segunda volta da Caravana (Territórios em Movimento) no distrito de Monte Alto foi muito importante por abarcar o público que não tinha sido contemplado na primeira passagem da Caravana pelo município.

A Caravana contou com um grande fluxo de participantes nas atividades programadas; porém a maior parte desse público era composta por crianças da comunidade e da Escola Municipal Francisco Luiz Sobrinho, localizada ao lado da praça onde a Caravana ficou instalada.

Mesmo com a equipe técnica do projeto mobilizando e convidando as pessoas que passavam pelo local (que é uma praça central na localidade, com um grande movimento), poucos adultos mostraram interesse em conhecer o projeto ou até mesmo o caminhão-escola que ali se encontrava instalado. Tal fato surpreendeu a equipe, pois a primeira passagem da Caravana no município tinha sido marcada por pessoas interessadas e participativas, com grandes debates e explicações. Apesar de tais entraves, as atividades do Circuito Ambiental (Totens, Linha do Tempo, Jogo) ocorreram com muita qualidade, sendo ajustadas frente à necessidade configurada pelo tipo de público presente.



Mostra de Cinema Ambiental Infantil na localidade do Fundão em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

## Armação dos Búzios – Rasa

Há no município de Armação dos Búzios um tradicional abandono dos bairros do chamado “continente”, ou seja, aqueles localizados fora da península onde se encontra o centro comercial, os principais atrativos turísticos e as áreas consideradas nobres. É o caso da Rasa, um dos maiores e mais populosos do município, que concentra boa parte dos pescadores de Armação dos Búzios, abriga um quilombo e faz limite com outro quilombo (Maria Joaquina/Cabo Frio). O local abriga, portanto, o público considerado prioritário pelo Diagnóstico

A Linha do Tempo e o jogo no formato itinerante da segunda volta da Caravana em Armação dos Búzios, 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



Participativo do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014).

A primeira Caravana tinha se instalado próxima ao Centro de Armação dos Búzios e longe desses bairros. O transporte oferecido pelo projeto foi condição decisiva para a participação de boa parte dos moradores dessa região, revelando a dificuldade de acesso desse público às atividades.

Em seu retorno ao município, o caminhão-escola foi instalado em um centro educativo localizado em uma área central do bairro da Rasa. O resultado foi uma ampla adesão do público, três vezes maior que a esperada, de forma que as atividades precisaram ser adaptadas para atender a toda essa demanda.

Alguns participantes da primeira Caravana retornaram trazendo consigo outras pessoas. A comunidade se mostrou interessada nas temáticas apresentadas e discutidas, principalmente o uso dos *royalties* e o controle social, e também satisfeita em ser contemplada pelo roteiro da Caravana.

### **Macaé - Lagomar**

Macaé, conhecida internacionalmente como “capital do petróleo”, também possui grandes riquezas naturais. O turismo é favorecido não apenas pelas belas praias e lagoas, mas também pela linda região serrana repleta de cachoeiras. O retorno da Caravana ao município ocorreu na localidade de



Sessão da Mostra de Cinema na segunda volta da Caravana em Macaé - Lagomar, 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Lagomar, bairro peculiar, que possui uma diversidade de pessoas advindas de vários pontos do país, principalmente da região Nordeste.

Bairro mais populoso do município, o Lagomar agrega grandes impactos da cadeia produtiva do petróleo. Em 1974, a descoberta do petróleo na Bacia de Campos passou a modificar enormemente a cidade. Uma das dificuldades que o bairro Lagomar enfrenta é a descrença em projetos de educação ambiental que visam à conscientização cidadã. A presença da Caravana na localidade foi essencial para se debaterem os problemas inerentes ao dia a dia de quem reside nesse espaço social. Permitiu também discussões transversais sobre as políticas essenciais que garantem direito à cidade, ambiente equilibrado, acesso a políticas públicas básicas e, sobretudo, às informações cidadãos de controle social.

As atividades ocorreram dentro do Colégio Paulo Freire, um nome inspirador para a filosofia do projeto. Estar dentro de uma escola permitiu a integração entre pais, estudantes, professores e projetos sociais. Dentre os mobilizados estavam ONG e associações de moradores que não eram conhecidas pela comunidade. A execução das atividades permitiu que esses grupos organizados interagissem com os participantes.

A Mostra de Cinema foi um diferencial que conseguiu unir e trazer antigas demandas através dos curtas-metragens produzidos no bairro por outros projetos de Educação Ambiental. A exibição desses vídeos trouxe discussões importantes para o despertar do desejo de atuar no controle social sobre a renda dos *royalties* na localidade, promovendo reflexão acerca da questão da distribuição e fiscalização desse montante tão significativo de recurso financeiro.

### **Considerações finais**

Diversos depoimentos e avaliações realizados durante a segunda passagem da Caravana apontam que foi possível sensibilizar as diferentes comunidades para as temáticas do projeto e oportunizar uma discussão pública acerca dos *royalties* e participações especiais. Este ambiente favorável permitiu também que fossem debatidas outras temáticas relacionadas ao projeto, tais como educação ambiental, licenciamento ambiental e controle social.

Neste panorama, foi possível identificar e mobilizar os potenciais

participantes das futuras atividades do projeto. A realização dessas atividades em comunidades afastadas dos centros municipais foi extremamente eficaz no atendimento aos cidadãos mais vulneráveis aos impactos da cadeia produtiva do petróleo e que se encontram isolados.

A ideia de um contato mais aproximado com o público prioritário proporcionou o fortalecimento do vínculo entre a equipe técnica do projeto e as principais lideranças comunitárias identificadas nessas localidades. Esse estreitamento contribuiu diretamente para o processo de manutenção e ampliação da mobilização social nestas comunidades. O retorno da Caravana aos municípios já visitados anteriormente favoreceu ainda a ampliação do acesso e a divulgação das informações relativas ao processo de gestão das participações governamentais (*royalties* e participações especiais), levando em conta a realidade de cada uma das localidades.

É neste contexto de aprendizado que a Caravana Territórios em Movimento, por meio dos seus resultados, aponta para a importância da continuidade nas ações de mobilização e formação que favorecem o fortalecimento da participação cidadã das comunidades vulneráveis aos impactos da cadeia petrolífera da Bacia de Campos.





# A Caravana

A Caravana Territórios do Petróleo foi muito mais do que se pode ler nestas páginas; foi, principalmente, um lugar de trocas e aprendizado, onde os membros do projeto e os cidadãos nele engajados estabeleceram uma relação constante, em que os papéis de uns e de outros nem sempre eram pré-determinados. Todos ensinamos e aprendemos neste processo; todos foram importantes em seus momentos. Embora infelizmente não seja possível elencar os nomes de todos os envolvidos na Caravana (o pessoal da limpeza, da montagem das tendas, os pipoqueiros das sessões de cinema, por exemplo, ficaram de fora), buscamos nominar a maior parte daqueles que a fizeram possível.

### **Ficha Técnica**

#### **Coordenador Geral**

Marcelo Carlos Gantos

#### **Coordenadora Pedagógica**

Silvia Alicia Martínez

#### **Equipe Territórios do Petróleo que participou da Caravana**

- Ana Cristina Coelho dos Santos
- Ana Maria Tolino
- Ana Paula Souza Filgueira
- Ana Paula Teixeira Barreto
- Carine Lima dos Passos
- Carlos Javier Camargo Galán

- David Luiz Mendonça Wigg
- Elaine Minguta Siqueira
- Elizabeth Porto da Silva Rangel
- Gelson Caetano Paes Júnior
- Isabela Mariz Pereira de Araújo
- Jânio de Oliveira Silva Júnior
- Kamila Louzada Rangel
- Leandro Fernandes Viana
- Lucimara Martins de Souza
- Marciu Nascimento Weissmann da Silva
- Margarida Alves de Oliveira
- Maria da Conceição Pavão Leite de Oliveira
- Mirian Rachel de Jesus Soares
- Moira Paula Pessanha
- Renata Leandro de Sousa Almeida
- Suelen Vianna Bahiense
- 

#### **Equipe Pedagógica :**

- Carmem Imaculada de Brito
- Danielle Nogueira Batista
- Luana Fernandes dos Santos Azeredo

#### **Bolsistas de Iniciação Científica:**

- Gisele Azevedo da Silva Paes
- Nayara Seabra de Oliveira.

#### **Bolsista de Apoio Técnico**

- Bárbara Martins Zaganelli
- Carlos Vitor Sendra
- Francisco José do Rosário Campista
- Jefferson Rodrigo Sales

- Marcelo Viana Pacheco
- Marcus Vinícius dos Santos Cunha
- Paulo Henrique Rodrigues Damasceno
- Sônia Guimarães Alves

#### **Bolsistas Teatro**

- Carlos Fernando Noronha Filho
- Eduardo Birchler Pinto
- Felipe de Souza Monda
- Gabrielle Souza de Araújo
- Júlia Dias Pereira
- Michelle Pereira Soares
- Paulo Victor Oliveira Santana
- Rafael Paes da Silva de Souza
- Samyla Francis Ribeiro Jabor

#### **Engenheiro responsável pela montagem das tendas**

- José Renato de Freitas

#### **Motorista da Carreta**

- Gilmar “Baiano” Manoel da Silva

#### **Bolsistas Pesquisadores**

- Carlos Gustavo Smiderle

## PARTE 2

# Etapa de Formação - oficinas

A Etapa de Formação foi idealizada para qualificar e aprimorar, nos cidadãos atraídos para o projeto, as capacidades orientadas para a prática da vigília cidadã nos futuros NVC. O objetivo foi a mitigação da desinformação das comunidades locais a respeito das rendas petrolíferas e da falta de controle social sobre as ações do poder público financiadas por esses recursos. Nesta etapa, foram realizadas nove atividades em cada município: cinco Oficinas de Formação (1. Fotografia digital: estudos de impactos socioambientais e políticas públicas por meio da produção de imagens; 2. Licenciamento e educação ambiental; 3. Cidadania, controle social, orçamento público e *royalties*; 4. Redes, mídias digitais e linguagem jornalística; 5. Oficina de educomunicação) e quatro Encontros nos Territórios ministrados pelos técnicos sociais de cada município com a finalidade de manter a coesão e a proximidade entre os sujeitos da ação educativa mais propensos a formarem os futuros NVC, além de resgatar os principais temas trabalhados nas cinco Oficinas de Formação anteriores.

Considerando que no livro *A Caravana Territórios do Petróleo. Ressignificando a educação ambiental na Bacia de Campos* (2016) foram apresentados os referenciais teóricos, objetivos, metodologia e principais ferramentas pedagógicas das oficinas de formação, o presente volume restringe-se a relatar como tais oficinas foram executadas.

Deve-se registrar também a ocorrência, nos dez municípios, após a finalização do primeiro ciclo, de uma oficina de audiovisual, concebida com o objetivo de consolidar os conhecimentos adquiridos pelos sujeitos nas cinco oficinas de formação e quatro Encontros nos Territórios, pavimentando o caminho na direção do segundo ciclo do projeto Territórios do Petróleo. Desses



encontros resultaram dez vídeos, produzidos pelos próprios comunitários e focalizando temáticas escolhidas por estes. Para ministrar essa oficina, foi contratada uma equipe (Circular Filmes) composta por profissionais especializados na realização de experimentação audiovisual com grupos sociais diversos.

As demais Oficinas de Formação foram coordenadas por equipes constituídas por professores e técnicos especialistas provenientes da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). As atividades promovidas por tais oficinas foram planejadas exaustivamente tendo em vista proporcionar aprendizados teóricos e abordagens experimentais e/ou práticas acerca das temáticas do projeto, adaptadas às demandas provenientes de cada comunidade. Cada Oficina teve sua dinâmica própria, cujas particularidades serão apresentadas nos cinco capítulos que compõem a parte dois.

## CAPÍTULO 10

# A fotografia “revelando” impactos socioambientais e políticas públicas

- Rodrigo da Costa Caetano
- Teresa de Jesus Peixoto Faria
- Paulo Henrique Rodrigues Damasceno

Como já dito, constituiu parte da Etapa de Formação nos dez municípios contemplados pelo projeto Territórios do Petróleo: *Royalties* e Vigília Cidadã, um conjunto de oficinas preparatórias para uma atuação mais efetiva do controle social, sendo a primeira intitulada *Fotografia digital: estudos de impactos socioambientais e políticas públicas por meio da produção de imagens*.

A equipe formada para concepção e realização da referida Oficina contou com dois professores-pesquisadores da Uenf e um fotógrafo profissional, os quais são autores do presente capítulo, cujo propósito é apresentar uma perspectiva, ainda que geral, do nosso trabalho na oficina. Ficamos com a incumbência de abrir a sequência das oficinas, iniciando em Quissamã e finalizando em Armação dos Búzios.

As técnicas locais do projeto assumiram a responsabilidade de mobilizar os participantes para a oficina, ajudando também na organização dos espaços pedagógicos para as suas realizações, agendadas para alguns sábados entre 14/03/2015 e 08/08/2015, com previsão de duração das 8h às 18 horas.

Antes de iniciarmos a oficina, contextualizávamos a trajetória e as intencionalidades das partes relacionadas ao projeto. Abordávamos desde a concepção até a formação do “Núcleo de Vigília Cidadã”, cujas temáticas estratégicas deveriam ser levantadas pela própria comunidade envolvida.

Nosso intuito era a melhor compreensão pelos participantes dos papéis a serem desempenhados no respectivo processo educativo, que colaborava com a construção da cidadania. Alguns chegavam com foco

em demasia na aprendizagem das técnicas fotográficas ou estavam atraídos pela curiosidade advinda da articulação emblemática entre a Petrobras e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

Até aquele momento a interlocução era mais tímida. Entretanto, ao longo da oficina, ocorria a ascensão na participação, chegando ao ápice no trabalho de campo, onde qualquer possível dicotomia entre teoria e prática, bem como distâncias para com a equipe, eram dissipadas, atendendo às expectativas da maioria dos municípios participantes.

Para facilitar o acompanhamento da oficina, permitindo pontuar melhor os questionamentos para reflexão e a visualização das imagens fotográficas para exemplificações, foi distribuído um material pertinente ao conteúdo básico da oficina, também projetado em *slides* por meio de *PowerPoint*

Logo no primeiro *slide* textual apresentamos a oficina como parte das oficinas de alfabetização digital e linguagem audiovisual voltadas para a produção e publicação de conteúdos informativos em formatos digitais. E no mesmo *slide* estava o objetivo geral da oficina, a saber:

**Apresentar conceitos de políticas públicas e impactos ambientais das atividades de exploração de petróleo e gás, por meio de letramento em linguagem fotográfica – noções básicas e técnicas de linguagem fotográfica digital. (OFICINA..., 2015, p. 2).**

No *slide* seguinte, exibíamos o programa de toda a oficina, que poderia sofrer ajustes de acordo com o entendimento didático-pedagógico da equipe responsável pela sua execução em relação aos seus conteúdos. A programação abrangia desde as noções de políticas públicas até o trabalho de campo em que se praticavam, com os participantes, as técnicas fotográficas abordadas na oficina.

Por conta dos debates sobre as questões conceituais e seus desdobramentos em casos verídicos nos municípios, optamos por

apresentar as noções básicas e técnicas de linguagem fotográfica digital depois do almoço na grande maioria das oficinas.

Para melhorar o acolhimento e o reconhecimento realizamos a dinâmica da teia, que consistia em uma breve apresentação dos participantes ao receberem o rolo de barbante. Quando terminava de se expressar, o participante jogava o rolo para outro, esticando o barbante e formando gradualmente uma rede simbolicamente colaborativa. Ao final, voluntariamente, depoimentos revelavam, geralmente, a importância da união entre as pessoas em prol de ampliar os esforços para serem alcançados propósitos comunitários.

Como normalmente tal dinâmica acontecia no pátio dos locais escolhidos para a oficina, ao retornarem para o espaço pedagógico principal, os participantes, mais confiantes, escreviam as suas expectativas de chegada em retângulos uniformes de cartolina e os colavam em um quadro que seria completado somente ao findar das atividades.



Quadro dos sentimentos de chegada e saída da Oficina I em Arraial do Cabo. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Como podemos observar na imagem que antecede este parágrafo, os participantes têm expectativas positivas, que geralmente são contempladas ao final da oficina. Vale apontar que, recorrentemente ao longo das realizações da oficina I, alguns participantes se retiravam antes do preenchimento do sentimento de saída por conta de compromissos pré-assumidos. Entretanto, outros participantes, não na mesma proporção daqueles que se ausentavam, costumavam chegar durante e após a explanação sobre as questões conceituais referentes às políticas públicas e aos impactos socioambientais.

## **Políticas públicas**

Iniciando com as questões conceituais, nas noções acerca das políticas públicas o nosso enfoque foi explicar sobre a importante integração entre Estado, governo e sociedade, visando à promoção de bens e serviços públicos a partir de políticas sociais correspondentes às reais necessidades dos munícipes.

Destacamos as esferas (poderes) e as funções do Estado frente às discrepâncias recrudescidas pelas relações inerentes ao desenvolvimento capitalista, bem como explicamos as tipologias da intervenção governamental municipal em educação e saúde públicas, habitação e saneamento, enfim, áreas típicas das políticas sociais.

Para Höfling (2001), autor citado na oficina pela relevância na compreensão de proteção e obrigação do Estado, as políticas sociais são direcionadas, *a priori*, em prol de mitigar as desigualdades por meio da redistribuição estatal de benefícios na sociedade com programas universalizantes.

Na oficina, procurávamos passar a mensagem de que as políticas caracterizadas como sociais deveriam contemplar especialmente as comunidades com maiores vulnerabilidades socioeconômicas, por vezes segregadas espacialmente e impactadas ambientalmente.

Ficávamos atentos aos bairros e comunidades de origem dos participantes, que pertenciam a faixas etárias variadas. Dependendo da liderança dos membros do grupo, da técnica local ou das práticas associativas havia uma concentração da representatividade territorial.

Aproveitávamos, quando possível, os discursos sobre os problemas pontuais enfrentados pelos participantes nos bairros e comunidades, para

confrontar o recebimento de *royalties* pelo Executivo com a melhoria das condições de vida da população local, e com associação aos impactos socioambientais diretos e/ou indiretos, provavelmente provocados pela indústria de petróleo e gás.

## **Impactos socioambientais**

Para problematizar a questão dos impactos ambientais, começamos o mote com a definição presente na Resolução Conama 01 de 1986, explicada tal como a relação do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e do respectivo Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (Rima) com o licenciamento ambiental no Brasil.

As atividades modificadoras do meio ambiente mais pertinentes a cada município foram comentadas, como “V - Oleodutos, gasodutos e VIII - Extração de combustível fóssil” (BRASIL, 1986).

Também dedicamos atenção aos cinco macroimpactos socioeconômicos identificados e expostos no Relatório do Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014), com destaque para a dinâmica demográfica e a pressão sobre a infraestrutura urbana, social e de serviços, principalmente em Macaé e Rio das Ostras e para os *royalties*, tema fundamental em todos os municípios contemplados pelo projeto Territórios do Petróleo, tendo em vista o controle social.

Cabe ressaltar a abertura para observações sobre novos impactos correspondentes ao município, com a intencionalidade de atualizar o DP mencionado e subsidiar a escolha dos locais a serem visitados no trabalho de campo para registro de imagens a respeito das temáticas aludidas, normalmente sob as orientações técnicas de um fotógrafo profissional.

## **Técnicas de fotografia**

O objetivo dessa parte da oficina foi preparar os participantes com conhecimentos básicos sobre as principais técnicas fotográficas a fim de proporcionar melhores condições para registrarem impactos socioambientais e demandas políticas enquanto práticas inerentes ao controle social da vigília cidadã.

Previamente, houve a solicitação para que cada participante levasse



à oficina uma câmera fotográfica ou celular com a referida função, afim de exercitar, no trabalho de campo, das técnicas de enquadramento, iluminação, movimento e nitidez, aprendidas teoricamente.

Dentre as técnicas, o enquadramento foi imprescindível para que os participantes chegassem a um nível prático aceitável de captação de imagens fotográficas; por isso será utilizado como exemplo no presente capítulo. Quando ainda não existia a fotografia digital, os problemas de enquadramento aconteciam com mais frequência, inviabilizando determinadas fotografias que por vezes “cortavam” cabeças, braços, pés, etc. Como o filme a ser revelado era entregue fechado para revelação, o usuário comum não tinha o controle sobre a seleção das imagens.

Para tornar mais didático o ensinamento sobre o enquadramento, elucidou-se o aprendizado com o chamado “Ponto de Ouro”. Trata-se da área delimitada pelo encontro entre duas retas horizontais e duas verticais imaginárias, pois na interseção das retas há convergência do maior impacto visual na fotografia, como pode ser observado na imagem a seguir:

Desse momento em diante, os participantes interpretavam cada vez

Exemplo da técnica do “Ponto de Ouro”.  
Fonte: Acervo particular Paulo Damasceno.



mais as imagens apresentadas, emitiam opiniões, dirimiam suas dúvidas e tendiam a projetar os registros fotográficos seguintes, a serem captados no trabalho de campo. De acordo com o interesse de aprofundamento técnico do grupo, havia a indicação do profissional de *site* para aperfeiçoamento fotográfico, a saber: [www.olhares.sapo.pt](http://www.olhares.sapo.pt).

### Trabalho de campo

Concebido pela equipe para dinamizar o aprendizado, unindo as noções conceituais às percepções empíricas dos participantes, o trabalho de campo contou com a indicação de pontos escolhidos pelos próprios participantes para a captação de imagens de impactos socioambientais.

Com o intuito de racionalizar a escolha da paisagem a ser fotografada e analisar algumas técnicas aplicadas, visitamos escola, estação de

Participante praticando os aprendizados da Oficina I com outros ao fundo analisando a degradação do muro do Parque de Exposições de São João da Barra.  
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

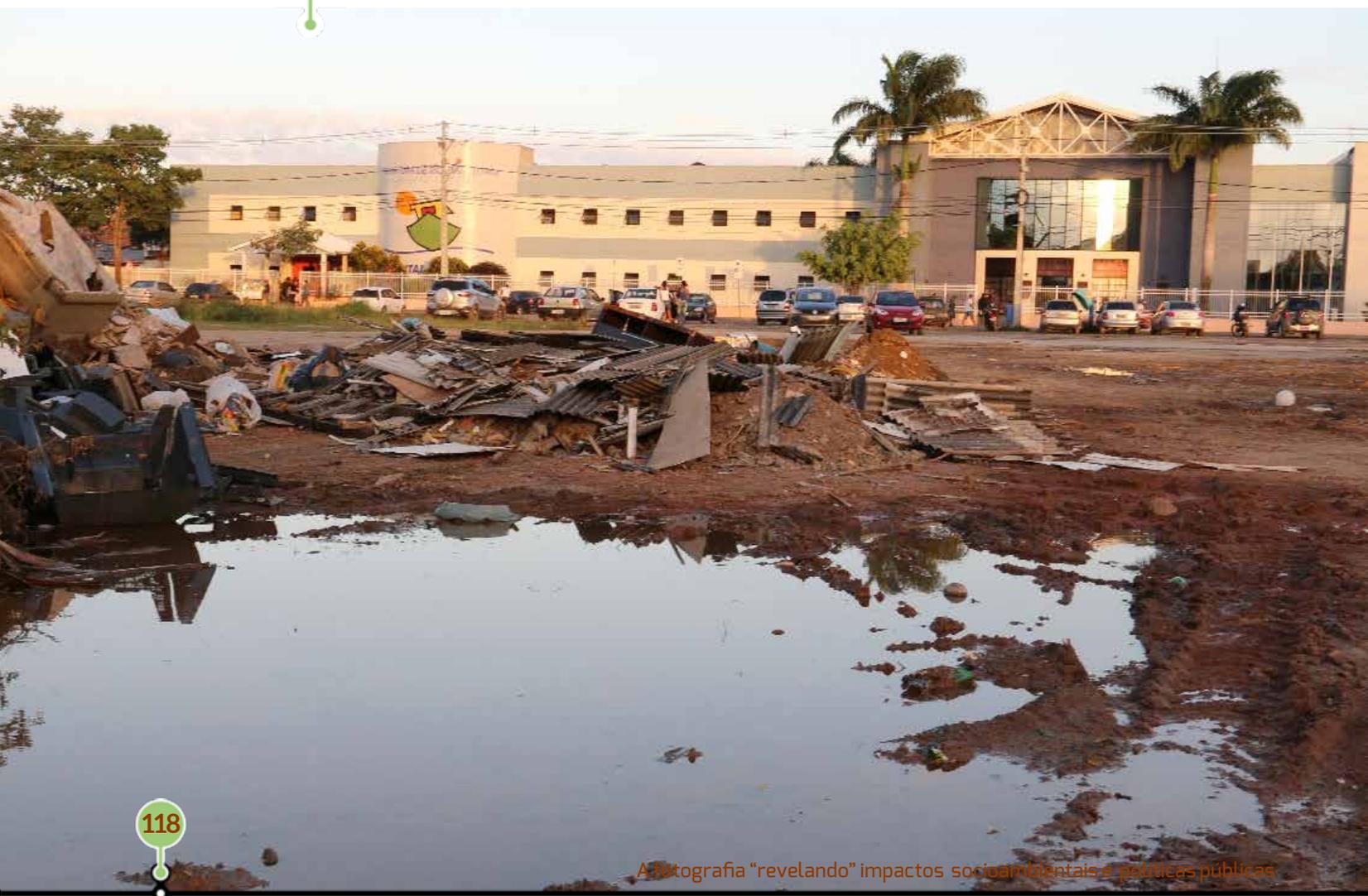


Lixos e água parada em frente ao Hospital Municipal Dra. Naelma Monteiro da Silva em Rio das Ostras, 09/05/2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

tratamento de esgoto, lagoa, rio, canal, praia, territórios de dutos, entre outros locais, como o Parque de Exposições Manoel Rangel Pessanha, em São João da Barra, que ao longo da maior parte do ano encontra-se sem utilização e cuja manutenção estava incipiente (vide imagem anterior).

A seguir, vamos apresentar uma fotografia que sintetiza uma política pública social (o Hospital Municipal Dra. Naelma Monteiro da Silva) e um impacto socioambiental (a formação de um lixão espontâneo) para população de Rio das Ostras.

A imagem retratou bem um ponto negativo que demandava limpeza imediata e fiscalização do(s) órgão(s) competente(s) e outro ao fundo, que os



participantes consideraram positivo enquanto aplicação de recursos públicos pela administração municipal.

Os participantes da atividade buscaram os melhores ângulos para fotografias e no local expressaram indignação pela situação de insalubridade com riscos à saúde da população. O ambiente favorecia a proliferação de ratos e mosquitos, incluindo o *Aedes Aegypti*.

### **Em síntese**

Geralmente, as imagens registradas pelos participantes foram pertinentes às questões estudadas na oficina e apresentaram um nível fotográfico aceitável, podendo compor um banco de imagens e servir como instrumento de possível acompanhamento ou monitoramento de controle social cidadão. Em tempos de “selfies”, qual é a relevância de registrar os espaços coletivos para edificação pessoal – social? Dependendo do seu conteúdo e da intenção, a fotografia pode ser abstração ou ilustração ou comprovação, “revelando” a possibilidade de uma nova atitude diante do fato.



# Licenciamento e educação ambiental na gestão pública

- Paula Mousinho Martins
- Simonne Teixeira

A oficina II Licenciamento e educação ambiental na gestão pública teve como principal objetivo nivelar o conhecimento dos futuros integrantes dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) acerca dos conceitos de licenciamento ambiental – seus instrumentos legais e procedimentos – e de educação ambiental na gestão pública. Nos dez municípios abarcados pelo projeto Territórios do Petróleo, a oficina foi conduzida por duas professoras facilitadoras com o apoio dos técnicos locais. A carga horária foi de oito horas, e o público girou em torno de 12 pessoas. A idade dos participantes variou entre 12 e 84 anos, o que deu lugar a uma frutífera convivência intergeracional. As representações comunitárias foram bem variadas, com a presença de assentados, quilombolas, presidentes de associação de moradores, estudantes de escolas municipais e estaduais, vice-diretora escolar, presidentes de ONG, professores, e até mesmo um líder religioso.

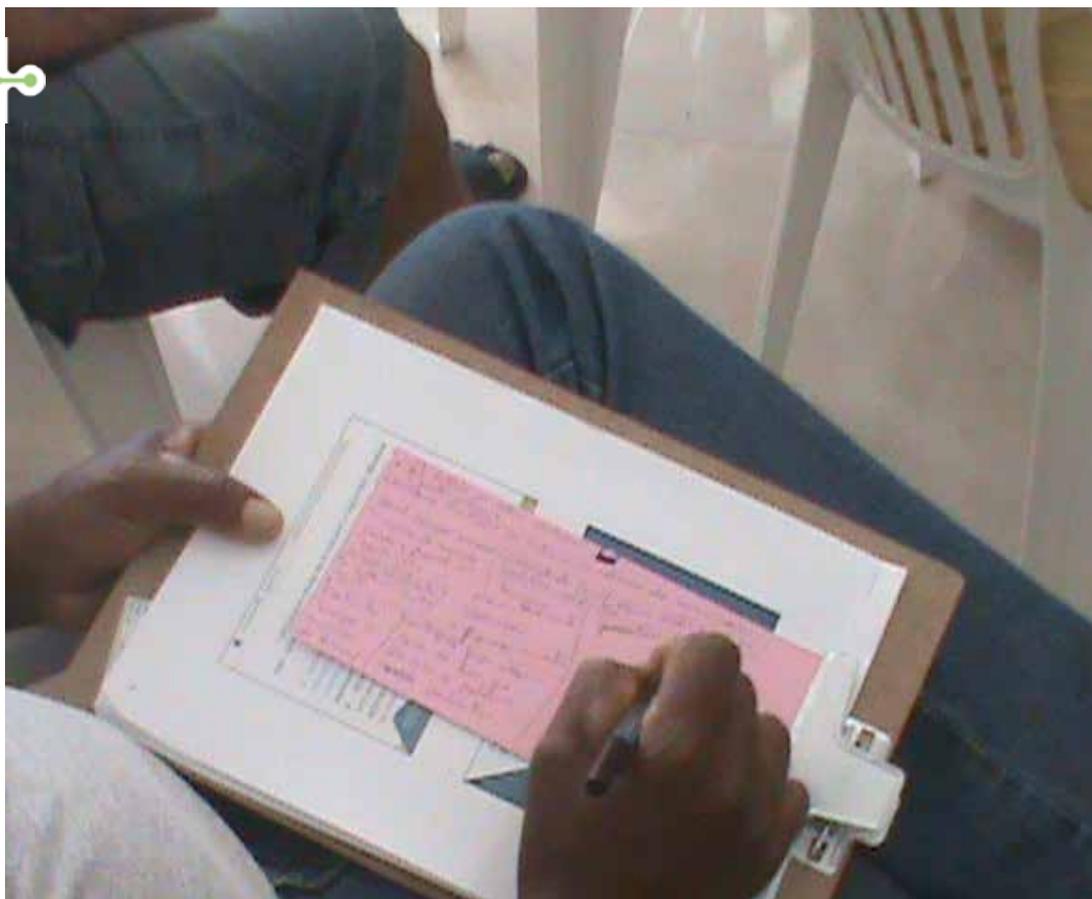
A oficina iniciava-se com a dinâmica de apresentação das bolhinhas de sabão para a identificação/autoapresentação de todos os participantes, incluindo professoras e técnicos locais: um potinho de água com sabão e um arame em forma de círculo mergulhado no primeiro circulava entre os presentes para que todos assoprassem e formassem bolhinhas. Enquanto a bolhinha de sabão permanecesse no ar, o participante devia fazer sua apresentação individual, informando nome, profissão, história pessoal, motivações, características mais marcantes etc. Para esta atividade, sempre se contou com a prestimosa ajuda das técnicas locais.

Em seguida, procedia-se à distribuição do material pedagógico – folhas

de papel A4, duas tarjetas de cartolina colorida, caneta e apostila com o conteúdo da oficina –, e, na sequência, as professoras facilitadoras faziam uma breve apresentação, com *slides*, do projeto Territórios do Petróleo, expondo seus objetivos, ciclos, metodologias, cronograma e principais características.

A atividade seguinte consistia em identificar o conhecimento prévio dos participantes acerca do tema do licenciamento ambiental (primeira unidade da oficina), mediante as dinâmicas de visualização móvel e apresentação dialogada: cada um devia escrever numa das tarjetas de cartolina colorida anteriormente distribuídas uma palavra, conceito ou desenho que expressasse seu entendimento prévio sobre o tema do licenciamento. Essas tarjetas eram depois coladas em um mural e, ato contínuo, analisadas e discutidas pelas mediadoras, juntamente com os participantes.

Participante de Carapebus escrevendo sua compreensão sobre o tema do licenciamento na tarjeta colorida.  
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016),







Momento da apresentação em *powerpoint* pelas mediadoras, São João da Barra, 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Ocorreu de algumas pessoas mostrarem-se preocupadas com a falta de informação sobre a ocorrência de Estudos de Impacto Ambiental (EIA) nos processos de licenciamento dos empreendimentos localizados em seus municípios, havendo também aqueles que manifestaram total desconhecimento sobre a existência ou não de órgão municipal especializado em licenças no seu município.

No momento seguinte da oficina, após a pausa do almoço, os participantes eram convidados a falar, de modo informal, sobre suas experiências anteriores com educação ambiental (segunda unidade

da oficina), caso as tivessem. Por exemplo, sua participação em outros PEA etc. Concluída essa fase, as professoras facilitadoras, por meio da mesma metodologia pedagógica utilizada para abordar o tema do licenciamento, passavam a apresentar o tema da educação ambiental na gestão pública pedindo aos participantes inicialmente que escrevessem (ou desenhassem), nas tarjetas coloridas que eles já tinham em mãos, sua compreensão acerca do tema da educação ambiental. Aqueles que declaravam não ter qualquer noção sobre o tema tinham plena liberdade para não escrever nada, ou simplesmente dizer “não sei”. Uma vez preenchidas, as tarjetas eram imediatamente coladas no mural e em seguida as mediadoras as liam, comentando seu significado, valor e pertinência.



Mural das tarjetas na Oficina II em Carapebus, 2015. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



pelo Ibama no âmbito do licenciamento na Bacia de Campos, entre eles o PEA-BC e, neste, os projetos de educação ambiental realizados pela Petrobras, entre eles o Territórios do Petróleo.

Após a conclusão da exposição das mediadoras, era exibido um vídeo documentário relacionado às questões abrangidas pela oficina. Na medida do possível, foram exibidos documentários rodados no próprio município onde a oficina II estava sendo realizada – alguns deles produzidos pelo projeto *Humano Mar* (PEA executado pela empresa Devon na Bacia de Campos). Isto tornava os debates pós-exibição bastante animados, dada a familiaridade da plateia com a realidade apresentada nos vídeos. Uma participante de Armação dos Búzios declarou, inclusive, ter participado da feitura do filme exibido.

A última atividade do dia era também a que mais entusiasmo e alegria causava nos participantes. Era-lhes requerido que elegessem uma situação hipotética envolvendo alguma das questões abordadas nos dois momentos da oficina, para servir de base para a improvisação de uma encenação teatral. Na maior parte das vezes, os participantes escolhiam simular uma audiência pública, pois com frequência comentavam não terem ideia do que seria esse tipo de evento. Alguns relatavam já ter participado de algumas audiências, mas sentindo frustração com a experiência.

Realizada em todos os municípios em que a oficina II ocorreu, a encenação revelou verdadeiros talentos teatrais inatos, tendo os participantes se esmerado na construção de suas personagens, estimulados pelo fato de que a atividade era inteiramente filmada pela equipe técnica. Aqueles e aquelas que se propunham a participar da audiência fictícia, escolhiam de antemão o papel que queriam representar: o prefeito da cidade, o assessor do prefeito, o secretário de obras, a líder estudantil, a líder de pescadores, o representante da empreiteira poluidora etc. E todos defendiam seus papéis com garra e entusiasmo, o que tornava a atividade divertida e pedagógica: um ensaio de atuação cidadã e controle social. Os temas das audiências públicas variavam de município para município, em geral correspondendo aos problemas e conflitos vivenciados concretamente pelos participantes em suas comunidades: falta de saneamento, ineficiência do poder público, lei do defeso, ocupação de área de preservação ambiental para fins de moradia, erosão da praia, conflito entre empresas de turismo e pescadores etc.



Foto da encenação da audiência pública no Açú, que foi realizada na praia, a pedido dos participantes, para que o problema da erosão ficasse flagrante durante a atividade. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Quando a oficina foi realizada no distrito do Açú, a encenação da audiência pública foi realizada à beira mar, a pedido dos participantes, já que o tema sugerido foi o problema da erosão da praia causada pela instalação do Porto do Açú, que tem ocasionado o avanço assustador do mar sobre ruas e praças do distrito, alagando o interior de casas e prédios. Esse mesmo tema já havia sido debatido antes, no decorrer da oficina, após a exibição de um documentário que trazia o depoimento de pesquisadores a respeito da extensão dos danos e malefícios da instalação do Porto sobre a vida dos moradores da localidade. Neste debate, havia sido ressaltado pelos

participantes o grau de ineficiência e incompletude que os Estudos de Impacto Ambiental (EIA) elaborados pelas empresas interessadas na exploração econômica de recursos naturais na maior parte das vezes apresentam.

Como a questão da erosão causava muita revolta e emoção nos participantes, a dramatização ocorreu de forma bastante movimentada, obtendo a adesão de quase todos os presentes, que se dividiram entre o grupo dos comunitários e o grupo dos representantes das empresas que operam no Porto do Açú, cada um deles defendendo com energia e criatividade seus pontos de vista antagônicos. Foi um momento bastante produtivo e divertido da oficina II.

O encerramento da oficina II dava-se com uma reflexão dos presentes sobre os resultados da encenação que acabara de ocorrer, e com uma aferição em papel do nível de satisfação dos participantes em relação à jornada que se encerrava. Nesse momento, era comum os participantes manifestarem contentamento e conscientização acerca da ligação entre preservação ambiental e justiça social. Uma senhora de um assentamento relatou que a princípio acreditou não ser capaz de acompanhar a oficina, tendo ao final, todavia, se surpreendido com o conhecimento adquirido.

### **Considerações finais:**

Foi bastante frequente, nos 10 municípios em que a oficina II ocorreu, as pessoas comentarem o pouco conhecimento que os cidadãos têm a respeito das leis, sobretudo da Constituição Federal, e muitos manifestaram o desejo de estudar a Carta Magna com mais profundidade futuramente, após a consolidação dos NVC. Foi emocionante para a equipe realizadora da oficina II ouvir várias vezes o comentário dos participantes sobre a importância de exercer a cidadania por meio da cooperação em grupo, e não por mera iniciativa individual, a fim de tornar possível a transformação da realidade e o crescimento local e do país.

Também foi recorrentemente salientada a pouca participação popular nas decisões da vida pública, e a carência de controle social sobre a atuação do Poder Público.

Foram importantes as discussões sobre as audiências públicas, e não raro houve a constatação de que as pessoas não sabem como atuar

efetivamente num evento dessa natureza. No cômputo geral, o resultado da metodologia da apresentação móvel com tarjetas, com a participação dos próprios comunitários, foi bastante satisfatório, já que, como já foi dito, eles com frequência tinham noções bastante sólidas acerca dos temas antes de as mediadoras o apresentarem.

Para finalizar, reproduzimos duas falas de participantes da oficina II, extraídas dos relatórios da mesma em São João Barra e Armação dos Búzios, que retratam bem o espírito vigilante e consciente que detectamos neles:

**Tenho 15 anos, estudo para mudar a realidade, não só para ver o futuro, mas o presente (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 6).**

**Temos que nos colocar no lugar de guerreiros, não de vítimas (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 10).**

# Na trilha do controle social sobre o uso dos *royalties*

- Denise Cunha Tavares  
Terra
- Joseane de Souza

### Concepção e objetivo

A oficina III teve como principal objetivo nivelar o conhecimento dos futuros integrantes dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) acerca dos conceitos de cidadania, orçamento público e *royalties*, assim como do conceito e dos instrumentos de participação e controle social – temas norteadores de todas as atividades desenvolvidas pelo projeto Territórios do Petróleo.

Por se tratar de conceitos bastante complexos, essa atividade significou, para os professores mediadores, um grande desafio, tendo em vista a heterogeneidade dos NVC, tanto em relação à idade quanto em relação à escolaridade de seus integrantes.

Considerando-se a heterogeneidade dos NVC e o fato de que a Educação Ambiental Crítica pressupõe que o aprendizado ocorre de maneira participativa, para atingir o objetivo proposto optou-se por utilizar diferenciadas metodologias de procedimento, todas buscando envolver os participantes a partir da valorização de suas experiências individuais e coletivas, que, no decorrer das discussões, foram utilizadas para estimular o aprendizado e a troca. Tal estratégia metodológica se mostrou bastante interessante dado o envolvimento dos participantes nas atividades realizadas.

A oficina III, conduzida por dois professores facilitadores com a assessoria dos técnicos locais, foi concebida para ser realizada em oito horas, com um público médio de 20 pessoas e estruturada com os seguintes grupos de atividades: apresentação dos participantes;

apresentação do projeto Territórios do Petróleo; reflexão sobre o tema “Cidadania, aspectos conceituais e mecanismos de controle social”; compreensão dos aspectos conceituais e as ferramentas para acesso à informação sobre orçamento público; compreensão dos aspectos conceituais e as ferramentas para acesso à informação sobre *royalties*; e compartilhamento dos resultados do trabalho. Em todas as atividades, foi utilizada a publicação “Territórios do Petróleo: Cidadãos em Ação”, uma cartilha produzida pela própria equipe do projeto e que contempla todos os temas abordados nesta oficina de forma didática e acessível aos participantes.

## Atividades

### Apresentação dos participantes

Para a apresentação foram utilizadas tarjetas coloridas, distribuídas para cada um dos participantes, incluindo os facilitadores e técnicos locais. Na primeira ficha era registrado o nome; na segunda, o sentimento de chegada; e, na terceira, a expectativa em relação às atividades propostas. As tarjetas eram fixadas em folhas de papel pardo, dispostas de modo a serem visualizadas por todos.

**Estou com uma expectativa de melhoras, a cada momento, a cada instante, a cada segundo, recebemos uma dose de informações para a melhoria de nós mesmos.” (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p.5).**

A atividade era sempre iniciada pelos facilitadores que, após se apresentarem, passavam a palavra para os demais, que um a um iam se apresentando. Este era o primeiro momento de interação e de estímulo ao envolvimento dos participantes. Haja vista o número previsto de participantes e a natureza da atividade, o tempo despendido era em torno de quarenta minutos. Em seguida, um dos facilitadores fazia

uma breve apresentação do projeto Territórios do Petróleo, usando *slides* padronizados, elaborados pela coordenação pedagógica. O objetivo desta apresentação era nivelar as informações, dado que, devido à contínua mobilização realizada pelos técnicos locais, era comum a presença de novos participantes. Após a apresentação, era realizada, com a ajuda dos presentes, uma retrospectiva das atividades desenvolvidas pela equipe do Territórios do Petróleo no município.

### **Reflexão sobre o tema Cidadania**

O objetivo desta atividade era debater o conceito de cidadania, chamando a atenção para a “cidadania plena”, destacando o exercício dos deveres e dos direitos civis, políticos e sociais estabelecidos na Constituição Brasileira, ressaltando a importância das atitudes e comportamentos dos participantes em sua comunidade, no intuito de reforçar a ideia de que ser cidadão ou cidadã está relacionado a um modo de estar em sociedade e que tem como referência os direitos humanos: os valores da igualdade, da democracia e da justiça social. Conforme se lê nos Relatórios das oficinas:

**Cidadania é conhecer seus direitos e deveres, suas obrigações; é participar das decisões políticas que ocorrem no seu município. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 7).**

Para promover a reflexão proposta, recorreu-se a um quebra-cabeça dos municípios abrangidos pelo projeto, solicitando-se aos participantes que o montassem. Utilizamos este recurso metodológico com o objetivo de fazer com que os participantes, através de uma atividade lúdica, passassem a compreender a sociedade como um grande e complexo quebra-cabeça, onde cada peça é imprescindível para a constituição do conjunto e que nós, cidadãos e cidadãs, devemos, então, assumir nossas responsabilidades para promover o desenvolvimento da sociedade em que vivemos.

Montagem do quebra-cabeças em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Esta atividade motivou a todos, ressaltando-se que os facilitadores e o técnico local aproveitaram o momento para promover uma maior interação entre os membros do grupo.

Já com o quebra-cabeça montado, dava-se início à discussão da temática “Cidadania”, perpassando pela conscientização dos deveres





Montagem do quebra-cabeças em Rio das Ostras. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Montagem do quebra-cabeças em Campos dos Goytacazes. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



e direitos dos cidadãos. Eram lançadas, pelos facilitadores, perguntas provocativas, de fácil compreensão, com o objetivo de estimular o ambiente e a troca de aprendizado, bem como uma autorreflexão sobre o exercício do seu papel enquanto cidadão.

**Cidadão vem da palavra cidade, ou seja, é aquele que tem relação com a cidade, e essa relação é de pertencimento. Quais são as minhas relações de comprometimento, meus deveres e obrigações com a minha cidade? Isso é “sentir-se pertencido”. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p. 7).**

Esta atividade durava em torno de uma hora e 45 minutos, de forma a permitir a manifestação oral de todos. Após esta atividade, havia um intervalo de 15 minutos para um lanche. No retorno, partindo-se do conhecimento construído na atividade anterior e aproveitando os relatos dos participantes, dava-se início à discussão acerca dos aspectos conceituais e dos mecanismos de exercício do controle social.

### **Controle Social**

Dando sequência às atividades, discutia-se a importância da Lei de Acesso à Informação para o exercício efetivo do controle social, uma vez que ela obriga o setor público a fornecer informações sobre a aplicação dos recursos financeiros, dentre outros tópicos.

No sentido de enriquecer e tornar este debate menos abstrato, os participantes eram estimulados, por meio de apresentação dialogada, a relatarem suas experiências de participação social. No decorrer desta dinâmica, era apresentado um mapa do município para promover a identificação do cidadão participante com o espaço público de participação social mais direta e imediata. Ao mesmo tempo, desejava-se o reconhecimento dos indivíduos enquanto cidadãos naquele espaço geográfico.

Tentamos participar, mas não conseguimos porque os políticos não sabem nos informar, não cobramos a aplicação dos *royalties* em saúde e educação, por isso eles gastam milhões em shows. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 7).

Após relatar as experiências, os indivíduos eram convidados a localizarem, no mapa, os espaços de sua atuação, utilizando para isso pequenos adesivos de cores distintas, de acordo com a forma de participação ou tipo de instituição. Ao final, os facilitadores faziam uma recapitulação das principais formas de participação social,



Mapa de Búzios com os adesivos coloridos mostrando os espaços de participação social. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Momento de localização dos pontos no mapa de São João da Barra para serem indicados com os adesivos coloridos  
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

valorizando as experiências ali relatadas, mas, ao mesmo tempo, chamavam a atenção para formas de participação e controle social possíveis de serem utilizadas, mas



ainda pouco exploradas pelo grupo. Com essa dinâmica encerravam-se as atividades da parte da manhã, e era acertado o horário para se iniciarem as atividades da parte da tarde.

## Orçamento Público

Temos que discutir junto à prefeitura e os conselhos para decidir como usar os *royalties* (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 7).

O ambiente para a realização das atividades da parte da tarde era distinto daquele anterior, tendo em vista a necessidade de computadores conectados à Internet, uma vez que seriam apresentados os caminhos possíveis para acesso às informações sobre orçamento público e *royalties*.

A primeira atividade da parte da tarde, prevista para ser executada em uma hora e meia, tinha como objetivo promover uma maior compreensão dos aspectos conceituais e das ferramentas para acesso à informação sobre orçamento público. Através da metodologia de apresentação dialogada, o facilitador apresentava a estrutura do orçamento público fazendo uma analogia com a estrutura do orçamento doméstico, mostrando a importância do equilíbrio orçamentário e identificando as principais fontes de receitas e despesas dos governos. Nesse diálogo, eram apresentadas as principais leis que regem o orçamento público (Plano Plurianual, Lei de Diretrizes Orçamentárias e Lei de Orçamentos Anuais), ressaltando-se que conhecer esta legislação é um direito dos cidadãos. Naquele momento, os presentes eram convidados a entrar no *site* da respectiva prefeitura para verificarem se as mesmas estavam disponibilizadas ao público e induzidos a refletirem sobre a transparência do setor público e sobre a facilidade de acesso às informações do município. Na ausência de transparência, os participantes eram conduzidos a outros *sites* que forneciam informações sobre as finanças públicas municipais.

## **Royalties e participações especiais**

A última fase do nivelamento conceitual, que despertava muito interesse, dizia respeito à compreensão dos aspectos conceituais e das ferramentas para acesso à informação sobre *royalties*. Para o desenvolvimento da atividade, também se utilizou como metodologia a apresentação dialogada com utilização de computadores. O facilitador inicialmente discutia o significado da palavra “*royalties*” buscando apreender o conceito na concepção dos presentes e, a partir das percepções individuais, trazia para o grupo o real significado do termo no contexto da exploração e produção petrolífera. Partindo do conceito coletivamente construído e das razões que levam ao pagamento dos *royalties*, promovia-se a discussão sobre o melhor uso e aplicação destes recursos. Ao mesmo tempo, procedia-se a uma reflexão sobre a sua utilização naquele município, fazendo alusão à Lei da Transparência e às leis que regulamentam a distribuição e definem os beneficiários dos *royalties* e participações especiais. Nessa discussão, foram abordadas questões relativas ao novo marco regulatório do pré-sal, o nível de dependência das receitas municipais em relação a estes recursos, e a atual queda do preço do barril do petróleo, que se reflete na queda das receitas orçamentárias dos municípios da Bacia de Campos e do estado do Rio de Janeiro, o maior produtor de petróleo do país

Sequencialmente, os participantes eram instruídos a consultar na internet os valores recebidos, sob a forma de *royalties* e participações especiais, pelo seu município. No exercício proposto, os participantes tiveram a oportunidade de aprender a consultar os valores – correntes, reais e *per capita* – destes recursos e de analisar a série histórica além de contrastarem os valores recebidos por seu município àqueles recebidos pelos demais municípios da Bacia de Campos. Assim como a anterior, esta atividade foi prevista para ser executada em uma hora e meia .

Após a realização da oficina III, nas atividades de formação

continuada, que tinham como objetivo o aprofundamento do conhecimento sobre “Cidadania, Controle Social, Orçamento Público e *Royalties*”, os cidadãos tiveram acesso aos vídeos “Transparência e controle social” (1ª e 2ª parte). Tais vídeos, ambos de curta duração, foram cuidadosamente selecionados pelos facilitadores e exibidos pelo técnico local, em cada município. Após a exibição, cabia ao técnico local a promoção de um debate sobre o conteúdo assistido, tendo sido orientado para trazer a discussão para a realidade local. Para realizar a atividade os técnicos locais passaram por uma formação junto aos facilitadores e receberam um roteiro com uma série de questões provocativas para mediar o debate, consolidando, assim, as atividades relacionadas à oficina III.

### **Reflexão sobre a experiência**

A realização da oficina III foi para nós, facilitadores e técnicos, uma experiência bastante desafiadora, uma vez que nos permitiu conhecer os valores, crenças, expectativas, conhecimentos, vivências e também as limitações de naturezas diversas dos participantes do projeto Territórios do Petróleo. Perceber o entusiasmo, a vontade de adquirir novos conhecimentos e de ter acesso a novas informações, assim como o desejo manifesto por muitos deles de se tornarem cidadãos mais comprometidos com as causas públicas, reforçou a escolha de se trabalhar um conteúdo tão denso quanto o desta oficina através de metodologias participativas. Tais metodologias tornam o processo de aprendizagem mais acessível e prazeroso para os indivíduos.

Ao adotá-las, procurou-se valorizar os depoimentos das experiências individuais para a formalização dos conceitos e adotar dinâmicas colaborativas, como a montagem do quebra-cabeça e do mapa municipal no qual eram localizados os espaços de participação.

A publicação “Territórios do Petróleo: Cidadãos em Ação” foi intensamente utilizada em todas as atividades como material de apoio e fonte de informação. Durante as atividades, os facilitadores liam, em voz alta, algumas passagens da referida



publicação, para possibilitar uma maior fixação dos conceitos, mesmo para aqueles com dificuldade de leitura. Os indivíduos eram orientados a destacarem, com canetas marca-texto, os conceitos mais importantes que balizavam as discussões e eram também estimulados a fazer uma releitura do material em suas residências, levando as possíveis dúvidas para o técnico local, que era orientado a repassar perguntas mais complexas para os facilitadores.

As atividades com uso do computador, que abrangeram as temáticas sobre orçamento público e *royalties*, exigiram dos facilitadores uma atuação mais próxima dos participantes que apresentavam maior dificuldade com o uso da tecnologia. De forma geral, os participantes tinham conhecimento prévio de como acessar um computador ligado à Internet e ficavam entusiasmados por estarem descobrindo como obter informações para uma discussão mais qualificada sobre orçamento público e *royalties* do petróleo, temáticas de grande interesse para eles.

Apesar dos diferentes perfis etários dos cidadãos mobilizados para participarem da oficina III nos vários municípios, em todos se observou um grande envolvimento dos indivíduos com as atividades propostas, as quais, em geral, eram realizadas com grande entusiasmo e muita dedicação.

### **Percepção dos participantes sobre as informações e os conceitos trabalhados**

Ao final da oficina III, assim como nas demais oficinas, as facilitadoras distribuíam uma ficha de avaliação para ser preenchida pelos participantes. Considerando o item “Informações e conceitos” e seus subitens – “Importância para sua vida profissional”; “Metodologia e materiais didáticos utilizados”; e “Linguagem do material” –, pode-se dizer que a atividade foi muito bem avaliada.

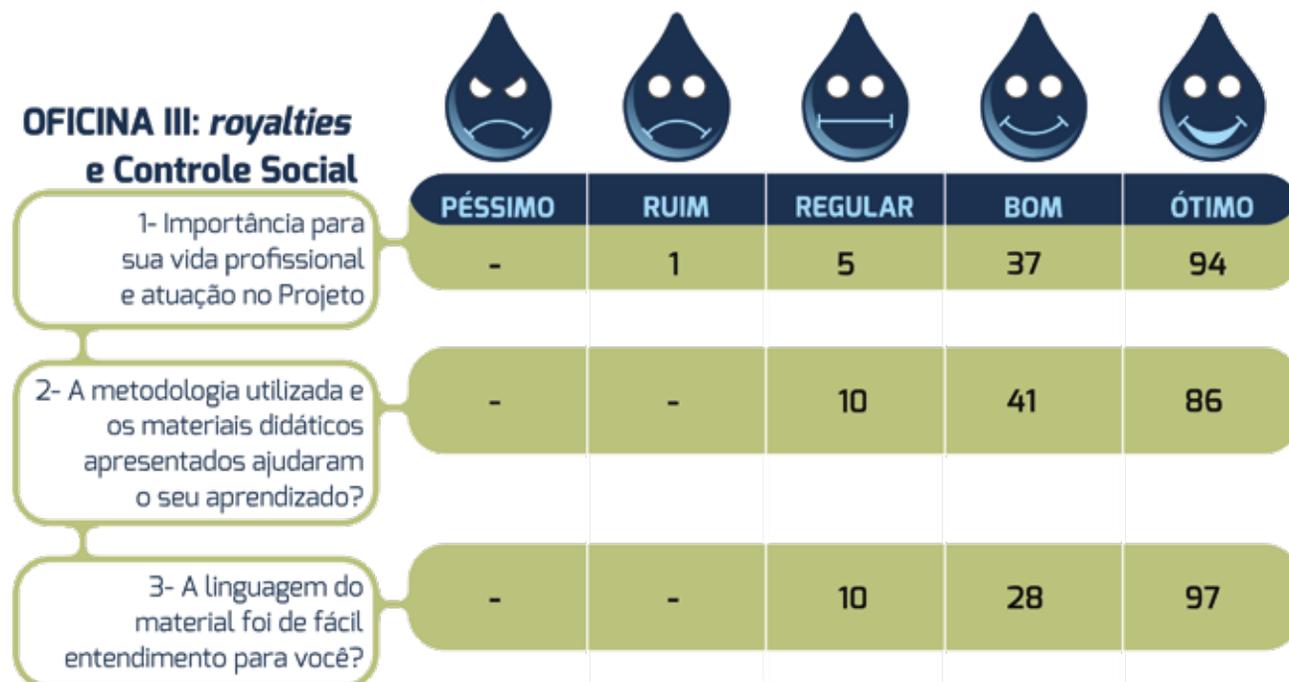
Do total de 137 participantes, 131 (95,6%) reconheceram que as informações e os conceitos trabalhados durante a oficina III são importantes para sua vida profissional e para sua atuação no projeto; 127 (92,7%) consideraram que a metodologia e os



Várias gerações exercitando a consulta *on-line* dos sites da Prefeitura de Cabo Frio.  
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

materiais didáticos utilizados facilitaram o seu aprendizado; e 125 (91,2%) consideraram que a linguagem do material utilizado foi de fácil entendimento.

**Diagrama 1: Avaliação da oficina III - Royalties e controle social**



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016) .

# Oficina de redes, mídias e ... questões inconvenientes

- Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle
- Marcus Vinicius Santos Cunha

A atividade teórica e prática envolvendo o manuseio de ferramentas de mídia digital, redes sociais e linguagem jornalística – que ficou conhecida entre nós, do projeto Territórios do Petróleo, como a “Oficina IV” –foi concebida para ajudar os participantes a serem de fato sujeitos em processos de aquisição de informação e de comunicação. Para nós, que propusemos o desenho inicial da Oficina e atuamos junto com os cidadãos mobilizados nos dez municípios participantes do projeto, estávamos diante da empreitada crucial do “Territórios”: se o problema é o nível de informação (sobre *royalties* e participações especiais), a solução necessariamente passaria pelo estímulo ao desenvolvimento destas habilidades de buscar informação em fontes confiáveis, refletir sobre ela, reelaborá-la e estabelecer um processo de comunicação autônomo com outras instâncias da sociedade.

É muito frequente que cada agente julgue o seu agir como se fosse o mais importante, mas não é neste sentido que consideramos nossa prática crucial. Aliás, a complementaridade de esforços e de competências é a tônica da equipe do “Territórios” e uma aspiração na relação da equipe com o público do projeto, especialmente nas Oficinas. O que nos alimentou em todos os encontros foi a convicção de que o domínio das ferramentas digitais e das habilidades de expressão no mundo virtual é estratégico para a consecução dos objetivos emancipatórios do projeto. Não é suficiente, nem mais importante do que as outras atividades, mas é indispensável. Não por acaso, a Oficina IV foi programada para ocorrer depois de Oficinas dedicadas a trabalhar o olhar crítico sobre os impactos socioambientais e as políticas públicas, o licenciamento e a educação ambiental e ainda os



meandros da contabilidade pública onde se escondem os valores — ainda polpudos, mesmo com as quedas na cotação do petróleo — repassados aos municípios a título de *royalties* e participações especiais.

Evidentemente, não poderíamos conceber uma atividade de adestramento, daquelas que sugerem ao indivíduo um uso puramente instrumental e irrefletido das ferramentas. Tínhamos em mente a necessidade de nivelar minimamente o conhecimento sobre as mídias digitais e as técnicas de redação jornalística, de um modo que não apenas preservasse, mas enfatizasse o respeito aos valores fundamentais do projeto e das políticas públicas afetas ao licenciamento ambiental federal das atividades de petróleo e gás. Ainda que talvez não se possa citar textualmente uma frase de algum documento, para nós pareceu claro desde o início que estávamos inseridos em um projeto profundamente marcado por valores republicanos, de respeito à dignidade das pessoas e de uso responsável das ferramentas de comunicação. Por isso, a despeito de sermos movidos pelo desejo de inflamar a consciência cívica e crítica dos cidadãos, a todo o momento nos víamos fazendo ponderações e propondo cautelas.

Em linhas gerais, nossa Oficina se estruturou em torno do seguinte objetivo geral, expresso no detalhamento formal da atividade:

**Estimular os sujeitos mobilizados e selecionados durante o ciclo de sensibilização nos municípios para entender a natureza e a lógica das redes sociais e utilizá-las criticamente como instrumento de comunicação, atentando para o nivelamento do uso da língua (culto) para fins de uma comunicação fluida e eficiente do ponto de vista de seus próprios objetivos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015, p.1).**

### **Informação e comunicação**

No material de consulta, procuramos estabelecer uma conversa com nosso interlocutor, explicitando a atividade que iríamos propor e as razões da opção por ela. Começamos com uma discussão sobre os

conceitos de informação e comunicação, partindo sempre, na atividade propriamente dita, das concepções prévias dos participantes. A seguir, trabalhamos, sempre em diálogo, a importância estratégica do acesso à informação. Antes de entrar no tema dos recursos da Internet, conversamos sobre uma realidade comum a todo tipo de gente: a pertença a círculos de contatos do cotidiano (grupo de parentes, vizinhos, amigos do futebol, colegas de escola ou de trabalho, irmãos de igreja etc.). A partir disto, refletimos sobre o alcance e os limites da informação e da comunicação nestes âmbitos, incluindo fofocas, maledicências, boatos e todo tipo de ruído que pode ocorrer em tais contextos. Foi uma maneira de entrarmos no tema da Internet sem causar maior estranhamento a participantes pouco familiarizados com o ambiente virtual, a exemplo de pessoas mais idosas e refratárias ao contato com estes meios. A cada encontro, tínhamos que levar em conta a heterogeneidade do perfil dos participantes quanto a aspectos como faixa etária, grau de instrução, condição socioeconômica, entre outros.

Aliás, aqui vale a pena abrir um parêntese. Esta mescla de perfis entre os participantes do processo de formação, que pode parecer um detalhe irrelevante, constitui um dos maiores desafios postos à implementação da chamada Etapa de Formação. Como conseguir uma abordagem que seja assimilável por indivíduos sem nenhuma familiaridade com o assunto sem, por outro lado, tornar enfadonha a atividade para outros já “escolados” no mesmo tema? Eis uma dificuldade da qual não poderíamos nos esquivar, já que está no cerne do projeto Territórios do Petróleo a missão de dirigir-se a grupos diversificados da sociedade.

### **Das cavernas à Internet**

Feito isto, compartilhamos com o grupo uma breve história do domínio dos meios de registro (os longos caminhos percorridos por diferentes sociedades, incluindo a cultura oral, o domínio da escrita, a invenção da imprensa e as mídias eletrônicas contemporâneas) e abordamos a realidade das redes sociais *on-line*. Neste contexto,



Realização da Oficina IV em Rio das Ostras. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

fizemos ressalvas quanto a certos limites impostos pela legislação e ao risco de se cometer (ou ser vítima de) algum tipo de crime virtual. Finalmente, discutimos o que poderia ser considerado realmente importante para uma comunicação eficiente, a partir dos pressupostos das principais técnicas jornalísticas, e exercitamos a criação de um *blog*.

Como antecipamos acima, não havia completa segurança quanto ao perfil do público participante de cada Oficina, ainda que a nossa fosse a quarta. É que, apesar do dedicado trabalho de mobilização, as pessoas que efetivamente compareciam às Oficinas nem sempre eram as mesmas. Por isso, era necessário não apenas adotar uma abordagem “média” que em tese pudesse ser capaz de atrair a atenção e o interesse de pessoas com perfis

muito diferenciados, como também desse conta de qualquer surpresa no perfil dos participantes. Por exemplo, houve caso em que praticamente 100% do grupo era formado por adolescentes, em contraste com outros em que se mesclavam pessoas idosas e jovens, altamente instruídas e iletradas. Segue-se daí uma preocupação adicional com o tom, o formato, a dose de analogias e de redundâncias.

Não é possível dizer que sempre tenhamos conseguido encontrar o

Oficina em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



meio termo adequado. Mesmo que o disséssemos, não seria crível. Mas a vida é feita de escolhas de algum modo arriscadas, e quem arrisca sempre acaba colhendo resultados. Vem a nossa memória, por exemplo, a experiência de uma senhora que participou da Oficina em Rio das Ostras. Aversa à Internet, ao *Facebook* e a qualquer das redes sociais mais utilizadas, ela deixou isto claro nos momentos iniciais do nosso encontro. Ao final, mostrou-se entusiasmada por ter conseguido criar um *blog* em que homenageava a neta.

### **Ficção x realidade**

Curiosamente, as pequenas histórias que inventamos e incluímos no material de apoio, ainda que um tanto caricatas para acentuar o aspecto que gostaríamos de enfatizar, mostraram-se bastante familiares na maioria das Oficinas. Mesmo tomando o cuidado de apresentar situações completamente fictícias, e até um tanto difíceis de serem realizadas na prática, pudemos ouvir em várias cidades um ou outro participante dizendo algo como “esse prefeito aí é o nosso”.

Em uma destas cidades, um participante testemunhou ter vivido uma situação similar a um episódio fictício descrito no material impresso de apoio. Tratava-se, então, da importância de estar bem informado quando se encaminha uma reivindicação ao poder público. No exemplo imaginário, uma liderança comunitária “virou o jogo” em uma audiência difícil com um prefeito, graças ao domínio da informação sobre aspectos legais referentes à aplicação dos *royalties*, conseguindo, enfim, ter a reivindicação de sua comunidade atendida por um prefeito que tentava todos os meios para iludi-la com supostas dificuldades legais. Na vida real, um participante contou que tinha solicitado reiteradas vezes à prefeitura local a cessão de um maquinário para fazer benfeitorias em um assentamento rural, sendo sempre ignorado. Quando a mesma liderança foi em busca de informações, certificou-se de que aquele maquinário tinha sido cedido ao município pelo governo federal exatamente para atender a comunidades rurais. De posse da documentação, conseguiu rapidamente o atendimento — o que, em caso negativo, poderia resultar em penalidades administrativas para o município e, quem sabe, seus gestores.



### **Um exercício democrático**

O contato direto e a interlocução com os futuros membros dos Núcleos de Vigília Cidadã foram extremamente enriquecedores para nós, que estávamos responsáveis pela Oficina. Depois de passada a empreitada, temos melhores condições de ver as coisas em perspectiva. Cientes do desafio geral do projeto, que envolve questões delicadas como o controle social em um contexto de baixa tradição de organização e participação da sociedade, tínhamos uma espécie de ansiedade por travar contato com o campo. Queríamos passar da fase do desenho e do planejamento para o teste de realidade.

Em Cabo Frio, o momento da leitura das histórias fictícias. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Neste trajeto, fomos permanentemente movidos (ou refreados, conforme o caso) por uma constante vigilância autocrítica. Ao estimularmos os participantes a se postarem de forma crítica frente à realidade, ao noticiário, às informações que porventura lhes chegassem, nos vimos na obrigação de instigá-los a “desconfiar” de nossa própria abordagem. Aos nossos olhos, para ser um verdadeiro “sujeito”, o indivíduo precisa romper com toda e qualquer relação de subserviência, inclusive frente aos saberes acadêmicos que compartilhávamos com cada um. Mais uma vez se trata de algo que não é trivial: também naquele ambiente da Oficina estávamos lidando com relações de poder, que poderiam ser mais ou menos democráticas. A nosso ver, isto também é parte característica de uma oficina: praticamos juntos não apenas alguma habilidade importante para os objetivos do projeto no âmbito da técnica, mas também na esfera da postura frente ao mundo, ou seja, na esfera propriamente política.

Em situações aparentemente inocentes e superficiais exercitamos alguns dos desafios mais importantes do projeto. Outro exemplo: em mais de uma vez ouvimos de algum participante que a proposta de trabalho era muito interessante, mas que de certo modo as coisas já chegavam muito prontas, sem uma discussão prévia com os maiores interessados. Embora o projeto estivesse então em fase embrionária, eis aí um ponto nevrálgico para qualquer iniciativa coletiva que se possa conceber. Afinal, quem decide as coisas? Em nome de quê ou de quem? Seria legítimo que alguns acadêmicos “iluminados” (este foi um adjetivo que surgiu em tais ocasiões), por melhor intencionados que estivessem, decidissem como iam ser as Oficinas de Formação? Afinal, quem é realmente o sujeito, ou seja, aquele que toma as rédeas do processo? Este tipo de questionamento suscitou, talvez, as discussões mais relevantes de algumas das nossas Oficinas. Pois, ao contrário do que se possa tentar fazer crer, não existem soluções fáceis para este tipo de dilema. Por exemplo, alguém poderia propor que “o grupo” fosse o responsável por desenhar as atividades. Mas quem poderia supor que “o grupo” seja uma entidade homogênea, horizontal, sem relações de poder potenciais ou efetivas entre os seus próprios membros?

Para usar uma expressão bem popular, aí está o *barato* de lidar com

um projeto de educação ambiental crítica no âmbito do licenciamento. Uma boa dose de burocracia, de regras e de previsibilidade pode ser indispensável, pois se trata de um processo administrativo. Mas é preciso estar pronto para ser desconcertado com questões que não têm resposta pronta.



# Educomunicação no dia a dia da Vigília Cidadã

• Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle

### I – Introdução

Neste capítulo, refletiremos sobre as Oficinas de Educomunicação realizadas em março de 2016 junto com os participantes do projeto nos dez municípios onde, à época, estavam por se implantar os Núcleos de Vigília Cidadã (NVC). Foi uma experiência interessante sob vários aspectos, a começar pelo fato de que também para nós, da equipe técnica do projeto, havia um claro aprendizado a ser construído.

É evidente que sempre aprendemos quando praticamos a pedagogia dialógica preconizada pela Educação Ambiental Crítica, mas podemos começar este texto admitindo para o leitor que até então os membros da equipe não tinham grande experiência específica em Educomunicação. As oficinas, de um dia inteiro de duração cada uma, foram ministradas nos dez municípios abrangidos pelo projeto nos dias 05, 12 e 19 de março de 2016.

O contexto já faz supor que foi preciso superar obstáculos importantes. Para começar, a atividade foi antecipada do segundo para o primeiro ciclo por conta da impossibilidade, até então, de realização das Oficinas de Comunicação Audiovisual inicialmente previstas. No roteiro metodológico da atividade, vemos que ela surge “como alternativa pedagógica para a manutenção do estado de mobilização e participação permanente dos sujeitos da ação educativa” (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2016. p. 1), funcionando como momento de retorno após um período de virada e início de ano sem atividades formativas. Isso explica a ausência, registrada em alguns relatórios, de um percentual variável de participantes em cada município, o que não impediu que a participação dos presentes fosse em geral bastante intensa.

Para dar conta de ministrar a oficina simultaneamente em vários municípios, foram escalados cinco oficinairos. Foi uma equipe multidisciplinar, com gente oriunda da biologia, do design gráfico e da comunicação. Este foi outro ingrediente desafiador, pois de toda esta turma somente dois vinham ministrando as oficinas anteriores da área de Comunicação.

## II – Construindo conceitos

Nosso (meu) primeiro contato mais direto com a Educomunicação tinha ocorrido um ano antes, quando participamos de uma Oficina de Formação em Educomunicação na Universidade Federal de Sergipe (UFS), de 03 a 06 de fevereiro de 2015, ao lado de colegas de um projeto de educação ambiental (PEA) semelhante ao nosso, o projeto “Observatório Social de *Royalties*”. No *campus* da UFS – no município de São Cristóvão (SE), não em Aracaju –, participamos de atividades teóricas e práticas com o professor Ismar de Oliveira Soares, titular da Universidade de São Paulo (USP), uma das referências mais importantes da área no Brasil e na América Latina. Pelo menos para nós, o que ficou como marca registrada da Educomunicação foi um jeito diferente de fazer as coisas: mais participativo, mais dialogado e com muito mais ênfase no processo do que no resultado.

Um dos lados bons de conhecer pessoalmente um autor importante é que a gente se sente um pouco “íntimo” dele quando toma seus textos para estudar. Foi o que aconteceu nos meses seguintes, quando voltamos a nos debruçar sobre alguns dos trabalhos do professor Ismar acerca da temática. Mesmo com o amadurecimento intelectual advindo das leituras, nossa percepção inicial da Educomunicação – como sendo um jeito de fazer mais coletivo, plural e democrático, que põe mais ênfase no “processo” do que no “resultado” – foi se confirmando no decorrer do contato com os textos. Por exemplo, ao analisar a constituição do novo campo de estudos, situado na interseção da Educação com a Comunicação, o professor Ismar de Oliveira Soares fala de uma prática de “educar pela comunicação e não para a comunicação” (SOARES, 2000, p. 20). Olha aí o *processo*

falando mais alto do que o *resultado!* Outra noção da qual viríamos a nos apropriar com bastante vigor, inclusive em ocasiões posteriores, foi a de “ecossistemas comunicativos”, que Ismar pinçou da obra do antropólogo espanhol Jesús Martín-Barbero:

(...) ele (Martín-Barbero) garante que “num primeiro movimento, o que aparece como estratégico, mais que a intervenção dos meios, é a aparição de um ecossistema comunicativo que se está convertendo em algo tão vital como o sistema verde, ambiental” (SOARES, 2002, p. 19).

Como poderíamos traduzir esse conceito em algo mais palpável? Para nós, um “ecossistema comunicativo” é um ambiente onde a comunicação não funciona como atividade acessória ou eventual, mas sim de forma permanente e central. Internalizar esta noção seria fundamental para a atuação, segundo a metodologia da Vigília Cidadã, que norteia todo o projeto:

(...) a noção de vigília remete a um “estar acordado”, a um estado de consciência alerta necessário para estimular o controle social sobre a gestão municipal da renda petrolífera na Bacia de Campos. (...) A vigília consiste num serviço de suporte e orientação para a cidadania baseado na cogestão de um conjunto de atividades que implicam estar informado de forma permanente e ao mesmo tempo estudar e entender os cenários, as mutações e permanências, visualizando o que está em jogo no cotidiano da vida nos Territórios do Petróleo fluminenses (GANTOS, 2016, p. 33-34).

Como se tornou costume em nossas oficinas, o caráter “dialogado” sempre prometido nos roteiros metodológicos foi posto em prática. Em vez de apresentar de antemão um conceito acabado, instamos



Em Campos dos Goytacazes, os participantes põem em prática a teoria de educomunicação. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

os participantes da oficina a arriscar que significados o termo “Educomunicação” lhes sugeria. Como parece intuitivo, muitos opinaram tratar-se de algo que envolva Educação e Comunicação. Tentando ser mais fiéis ao espírito do que à letra de tudo que tínhamos estudado, arriscamos a construção de um conceito de Educomunicação que fosse operativo para nossos fins, ou seja, que tivesse um significado

claro e útil para construirmos coletivamente nossas estratégias. Na apropriação do grupo de oficinairos, o conceito ficou assim:

**É uma metodologia que propõe a construção de ambientes comunicativos democráticos e produção colaborativa de conteúdos utilizando os recursos tecnológicos disponíveis e reforçando o senso crítico dos sujeitos. (OFICINA..., 2016, p. 6).**

Podemos gastar aqui um ou dois parágrafos para desenvolver minimamente este conceito. Vale notar a substituição da expressão “ecossistemas comunicativos” por “ambientes comunicativos”, que nos pareceu mais familiar ao público diversificado das nossas oficinas. Pois trabalhamos com pescadores, quilombolas, assentados, jovens, adultos, entre outros.

A definição contempla ainda o caráter democrático das práticas comunicacionais, em flagrante contraste com a tradição das grandes corporações midiáticas, sobretudo antes do advento da internet. A produção colaborativa sugere que nos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) ninguém é mais nem menos do que ninguém: todos são cidadãos igualmente empenhados em informar-se e informar a outros de modo a contribuir para uma gestão mais justa das receitas petrolíferas municipais. A menção do uso dos recursos tecnológicos disponíveis chama a atenção para o duplo aspecto de explorar as potencialidades das novas ferramentas digitais e de não desprezar antigos métodos de comunicação, sobretudo, como é o nosso caso, em comunidades populares. Por fim, não poderia faltar a ênfase no senso crítico dos sujeitos. Sem isso, correríamos o risco de perder de vista nosso horizonte, que é o da afirmação do protagonismo dos cidadãos reunidos em vigília.

### **III – Princípios orientadores**

Construído o conceito, era necessário avançarmos em aspectos práticos sem descuidar de uma base teórica que nos conferisse um chão

Oficina em  
Carapebus (RJ)  
Fonte: projeto  
Territórios do  
Petróleo (2014-  
2016).



seguro onde pisar. Recorremos, então, aos princípios contidos em um documento oficial do Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental intitulado “Programa de Educomunicação Socioambiental” (BRASIL, 2005). Ali se encontram cinco princípios estruturantes, que propusemos a cada grupo, conforme descrição a seguir.

O primeiro é “**Dialogismo e interatividade**”, entendido como um modo de atuação não-excludente, permeável a novos modos de ver e de fazer, voltado ao bem comum, não-competitivo, aberto à diversidade de pensamentos e vozes e marcado pela reciprocidade entre governo e sociedade. Sob esta perspectiva, o agente ou sujeito é a população, e a tarefa não consiste tanto em levar informação pronta para os sujeitos, mas sim em canalizar a ação comunicativa advinda dos públicos.

O segundo princípio é o da “**Transversalidade e intermediaticidade**”, que rejeita um discurso cientificista (nomeadamente, especializado em ecologia), mas tem clareza quanto às interfaces das abordagens científicas com as produções discursivas de função estética, pedagógica, espiritualista, jurídica, histórica etc. O documento também preconiza que uma comunicação para a sustentabilidade socioambiental

deve buscar, também, por este mesmo princípio, valorizar as formas de intermídia, isto é, sempre que possível conjugar formas e articular entre si modelos de canalização da informação (BRASIL, 2005, p. 21).

“**Encontro e integração**” é outro princípio fundamental e que nos toca muito de perto. Trata-se da valorização da união e do contato face a face (não apenas pelos *Facebooks* da vida) entre gerações, culturas e regiões. Prevê-se ainda a integração de práticas, de conhecimentos, de gerações, de domínios, níveis e papéis sociais, políticos e geográficos. Defende-se que a ação comunicativa funcione em rede, favorecendo a formação de novas redes e fortalecendo as já existentes. Parece feito sob medida para o projeto Territórios do Petróleo!

O quarto princípio é a “**Proteção do conhecimento tradicional e popular**”:

A comunicação deve favorecer a construção de identidades individuais e coletivas sem promover apropriações de saberes que favoreçam mais uma parte dos interlocutores que outra. Os benefícios do processo, por outro lado, visam favorecer primeiramente os que estão, pelo menos em tese, na condição de nativos, públicos ou de aprendizes. (...) Uma infinidade de tecnologias sociais populares associadas à comunicação ainda estão por ser reconhecidas e protegidas no Brasil (BRASIL, 2005, p. 22).

Finalmente, há que se respeitar o princípio da “**Acessibilidade e democratização**”, que traz, em sua explicação no documento oficial, a ambiciosa proposta de “radicalização da experiência democrática” e um perigoso indicador: para saber se o processo comunicativo vai bem, é preciso verificar se há progressos na organização da sociedade. Trata-se, aqui, do sempre complexo desafio da efetividade, ou seja, de conseguir um êxito que não se resume a fazer tudo o que foi proposto (eficácia), nem a fazê-lo com custos razoáveis (eficiência), mas que inclua alcançar os resultados efetivos das ações realizadas. Segundo o documento, este princípio traduz uma estreita relação da política de comunicação democrática com as demais políticas de proteção à vida e promoção dos direitos humanos. A democratização pressupõe condições de acesso não só à informação socioambiental, mas aos seus meios de produção e a sua gestão participativa. Talvez o leitor já tenha percebido, mas cabe reforçar que esta última diretriz também é muito cara ao projeto Territórios do Petróleo. Não concebemos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) que simplesmente pesquisem e disseminem informações sobre petróleo e *royalties* (o que já não seria pouco); além disso, vislumbramos Núcleos que produzam suas próprias informações, conforme avaliações políticas (não político-partidárias) feitas pelos próprios cidadãos reunidos em vigília.



#### **IV – O mais difícil e mais gratificante: dar vida aos conceitos**

Por fim, reiteramos com os grupos um parâmetro já trabalhado em oficinas anteriores, segundo o qual um mesmo tema comporta múltiplas abordagens, podendo ser tratado nas mais distintas ferramentas de comunicação. Trata-se de uma aplicação do princípio da “Transversalidade e intermediaticidade”, que acabamos de mencionar, e de uma operacionalização do conceito de Educomunicação que fixamos para nos nortear. Em termos práticos, um mesmo assunto pode e deve ser tratado tanto em uma ferramenta tradicional do tipo jornal mural quanto em ferramentas digitais como o *site* do projeto.

As Oficinas de Educomunicação do primeiro ciclo do projeto Territórios

Participantes assistem ao vídeo produzido por eles na Oficina em Campos dos Goytacazes. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

do Petróleo foram pensadas como passos muito iniciais de um processo. Um aprofundamento da reflexão, no segundo ciclo do projeto, viria a contribuir para a efetivação da Vigília Cidadã como conceito concretizado na prática e no cotidiano dos núcleos municipais.

Do nosso ponto de vista, as oficinas – e não só elas, mas toda a empreitada do projeto Territórios do Petróleo – constituem oportunidade rara e instigante de transitar entre a teoria e a prática, em diálogo com cidadãos que são sujeitos, e de atribuir sentido à investigação acadêmica.

## PARTE 3

# Etapa de Avaliação

Os três textos que compõem esta parte referem-se à avaliação do projeto Territórios do Petróleo junto aos cidadãos que dele têm participado.

No primeiro capítulo, abordam-se as estratégias metodológicas adotadas no desenvolvimento e monitoramento do conjunto de ações realizadas pelo projeto em cumprimento ao seu plano de trabalho. Assim, o capítulo contempla tanto a avaliação feita pelos participantes das atividades realizadas, como a avaliação interna das equipes sobre o resultado de seu próprio trabalho. Por entender a avaliação como processo reflexivo que permite mudanças de rumo, procuraram-se explicitar as decisões tomadas ao longo do processo, seja para aperfeiçoamento do instrumental elaborado, seja para melhoria do desenvolvimento das atividades, ou ainda para evitar a desmobilização por parte dos cidadãos engajados no projeto.

O segundo capítulo trata especificamente dos resultados da Etapa de Sensibilização, levando em consideração as respostas dos participantes no que diz respeito ao conhecimento oferecido pelas diversas atividades da Caravana. Optou-se por retratar também no texto a “voz” dos participantes, a partir de alguns comentários explicitados em itens abertos pelos instrumentos de avaliação.

Já o terceiro capítulo oferece elementos para a compreensão do processo de construção da proposta de ações educativas para a fase seguinte do PEA Territórios do Petróleo, a partir da análise da avaliação dos participantes ao longo dos dois primeiros anos de atuação. Neste capítulo, procura-se refletir sobre os instrumentos avaliativos utilizados e sobre as contribuições dos participantes e, a partir disso, desenhar as ações que serão futuramente desenvolvidas.



# Avaliação, revisão, reinvenção: o permanente aprendizado do projeto Territórios

- Silvia Alicia Martinez
- Carmem Imaculada de Brito

O consenso dos profissionais da educação sobre a importância da necessidade de incorporar a avaliação em processos de ensino-aprendizagem é de longa data. Também é consensual a percepção de que a avaliação é fundamental no campo da intervenção social e das políticas públicas. Mas não há unanimidade na forma de entender a avaliação, seja no âmbito escolar, seja no terreno das intervenções sociais de qualquer tipo.

Este capítulo tem como objetivo explicitar as estratégias metodológicas adotadas (instrumental concebido) no desenvolvimento do PEA Territórios do Petróleo, no que diz respeito às práticas avaliativas de monitoramento a das ações do mesmo. Também se pretende explicitar algumas decisões que foram tomadas ao longo do processo, no sentido de aperfeiçoar os instrumentos elaborados, ponderar necessidade de mudança de rumo no que diz respeito ao desenvolvimento das atividades, levando a executar ações que não constavam no Plano de Trabalho ou a respeito do momento mais apropriado para avaliar determinada ação.

É importante destacar que, no caso do Programa de Educação Ambiental na Bacia de Campos conduzido pelo Ibama, o próprio órgão federal realiza o acompanhamento das atividades e analisa os resultados alcançados no desenvolvimento de cada projeto para avaliação. Também conta-se com o apoio técnico da Petrobras, empresa à qual este PEA se vincula.

Além do Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014) e da Nota Técnica CGPEG/Dilic/Ibama nº 1/2010 (IBAMA, 2010), documentos reconhecidamente fundamentais para qualquer desenvolvimento de PEA vinculados ao licenciamento federal das atividades de petróleo e gás, o histórico de construção de outro PEA executado pela empresa,

nomeadamente o projeto “Pólen”, foi apresentado tecnicamente como experiência basilar, principalmente nos momentos iniciais de desenvolvimento do projeto em questão. Trocas de experiências e compartilhamento de resultados com os outros PEA em execução na atualidade também sempre são inspiradores.

Por tratar-se de uma experiência bastante singular e de grande envergadura, e considerando que este processo se encontra em fase inicial – afinal, este capítulo está sendo escrito após 20 meses da data de início do projeto – não se ambiciona apresentar este texto como uma concepção metodológica acabada. Certamente o esforço pela síntese apresentada servirá para nutrir a discussão coletiva em um sentido de autoavaliação e de reflexão para práticas avaliativas mais consistentes nos próximos Ciclos.

### **Pontos de partida: avaliação qualitativa**

Os(as) profissionais das áreas sociais que se ocupam do acompanhamento e avaliação de projetos sociais consideram que a abordagem qualitativa é promissora ao considerar a participação, a percepção e as representações dos envolvidos, os quais são parte fundamental dos êxitos e limites das ações.

No processo de planejamento e execução do PEA Territórios do Petróleo, a abordagem de avaliação de cunho qualitativo foi privilegiada, sendo que muitos dos seus resultados parciais, inclusive, foram apresentados nos sucessivos capítulos desta obra. E não há razões para que a avaliação não seja qualitativa. Afinal, a concepção do PEA deve se adequar às exigências estabelecidas e à metodologia proposta pelo Ibama, defendida, dentre outros, por um dos representantes da perspectiva crítica na educação ambiental, José Quintas (2006).

Além das percepções dos cidadãos participantes do projeto, os resultados da avaliação dizem respeito às ações futuras a serem executadas, levando à revisão de caminhos e à busca por novas soluções. A informação colhida nas avaliações leva, portanto, a novas tomadas de decisão. Nessa direção, entende-se que a avaliação tem que ser permanente e abarcar o maior número possível de envolvidos no processo de execução dos projetos.

Para obter sucesso é também necessário que se adote um conjunto de instrumentos de autoanálise da ação, que permita levar para a prática um esforço de reflexão partilhada ao longo de todo o processo.

Nesse sentido, sempre é bom frisar, entende-se a avaliação não como um momento isolado, mas permanente, pelo qual todos os envolvidos dialogam, refletem, contribuem para as mudanças, buscando a aprendizagem conjunta no curso da execução.

Com base no exposto, a seguir apresentam-se as estratégias metodológicas adotadas, assim como o instrumental desenvolvido no processo avaliativo do PEA Territórios do Petróleo, focando principalmente na avaliação pelos participantes.

## **Sobre os instrumentos e o processo de avaliação das atividades do PEA Territórios do Petróleo**

A avaliação *da ação* do PEA ficou sob a responsabilidade da equipe executora do projeto, que engloba tanto a equipe técnica do PEA como a equipe pedagógica e as coordenações nos seus vários níveis.

Nesse processo, por meio de um registro permanente e constante, mensalmente se apresentam os resultados parciais na forma de relatórios executivos à Petrobras. Por sua parte, cada atividade realizada é sintetizada em um relatório executivo e crítico, o qual serve de insumo para o planejamento de futuras ações e eventuais mudanças de rumo. As atividades são acompanhadas, ainda, por técnicos(as) da Petrobras e por analistas ambientais do Ibama, seja por meio da análise das atividades propostas quando de seu planejamento, seja pelo comparecimento aos eventos ou ainda a partir da leitura dos relatórios. Anualmente, por outro lado, é elaborado um documento formal que se protocola no órgão federal e no qual se apresenta a análise dos resultados a partir de indicadores e das metas alcançadas. Esse documento é acompanhado dos relatórios críticos de cada uma das atividades desenvolvidas.

A equipe pedagógica do PEA Territórios do Petróleo é responsável pela elaboração e orientação da avaliação. Dessa forma, tão logo iniciado o desenvolvimento das ações, um dos primeiros desafios enfrentados foi a elaboração de estratégias que considerassem a heterogeneidade dos grupos sociais envolvidos e seus diferentes graus de instrução, com observância, inclusive, da presença inofismável do analfabetismo entre os mesmos.

Como facilitadores(as) da aprendizagem de outros, a equipe idealizou e

colocou em prática uma série de estratégias de avaliação participativa que visava a obter respostas formais e informais sobre o conteúdo, a infraestrutura (materiais e ambiente) e o desempenho da equipe executora nas atividades desenvolvidas pelo projeto.

Assim, o processo de avaliação das atividades do PEA Territórios do Petróleo teve início na Etapa de Sensibilização, desenvolveu-se de forma contínua e geral e abrangeu todas as ações realizadas, buscando incentivar os participantes externos a elaborar críticas às ações. Isso permitiu à equipe executora ponderar os resultados obtidos, assim como conhecer e registrar as possibilidades e as limitações do trabalho realizado.

Desde o planejamento das ações, a avaliação fez-se presente por meio do detalhamento das atividades que, uma vez elaborado pela coordenação pedagógica, era encaminhado à equipe técnica e à coordenação do projeto para conhecimento, críticas, sugestões e aprovação. A segunda fase envolvia a apreciação externa (equipe técnica da Petrobras) que após análise e ponderações, se necessárias, remetia o detalhamento ao Ibama.

Com a aprovação, a atividade era desenvolvida de forma democrática e participativa, tendo como culminância um processo avaliativo transparente e ético, ao qual os participantes e a equipe técnica eram incentivados a aderir e, posteriormente, conhecer e discutir os resultados apresentados em reuniões devolutivas.

Nesse sentido, como já dito, a concepção de avaliação adotada pela coordenação pedagógica fundamentou-se numa perspectiva qualitativa, tendo por objetivo a construção de um processo coletivo, sistêmico e contínuo. O exercício de diversas técnicas colocadas em prática para recolher dados subsidiou a coordenação técnica para planejar e (re)alinhar as orientações permanentemente.

Outro pressuposto importante das estratégias de avaliação colocadas em prática pelo projeto é que esta é formativa, pois proporciona informações acerca do desenvolvimento de um projeto de educação ambiental calcado nos princípios da educação popular, tendo por finalidade reorientar a prática da equipe técnica nas ações do dia a dia e nas atividades de campo e de pesquisa, sendo a avaliação, portanto, integrada à formação.

Nesse caminho, a avaliação permitiu não só a identificação de problemas



Avaliando atividade do Circuito Ambiental em Campos dos Goytacazes. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

e a busca de soluções, caracterizando-se, assim, como um importante instrumento de melhoria da qualidade das ações, como também assumiu um caráter de aprendizado e formação de uma cultura de revisitar as ações periodicamente, criticando e revendo posicionamentos, práticas, comportamentos e atitudes de forma a buscar a melhoria contínua. A execução desse plano de avaliação envolveu a permanente sistematização dos procedimentos adotados, a deliberação de um cronograma de ações a serem desenvolvidas e a elaboração de relatórios periódicos.

No que diz respeito à execução das ações avaliativas junto aos participantes do projeto, diversas estratégias foram adotadas na tentativa de verificar a relevância do conteúdo e a eficácia/eficiência dos métodos adotados para o desenvolvimento das atividades, dentre as quais destacamos:

- Avaliação oral com uso de carinhas com a forma de gotinha do logo do projeto.
- Fichas de avaliação.
- *Banners*.
- *Flipp Chart*.
- Livro para registro de impressões, críticas, sugestões e depoimentos sobre o que foi vivenciado pelos participantes da Caravana.

Estas estratégias foram utilizadas dependendo do tipo de atividade a ser avaliada, diferindo quando no bojo da Etapa de Sensibilização ou da Etapa de Formação.

### **A Caravana**

Como dito, a Etapa de Sensibilização teve como protagonista a Caravana. Esta, por sua parte, estava composta por atividades agendadas ou visitas livres, representando diferenciados desafios no momento de compor os instrumentos de avaliação.

Visando a maximizar o número de visitas à Caravana, fazia parte das estratégias de mobilização/divulgação adotadas a visita e o consequente agendamento de turmas de alunos(as) do Ensino Médio nos municípios que compõem a área de abrangência do PEA Territórios do Petróleo. Os grupos de alunos(as) eram transportados em veículo disponibilizado pelo projeto e acompanhados por professores(as) e ou técnicos(as) responsáveis. Ao chegarem à Caravana eram recebidos pela equipe executora, sendo conduzidos(as) às atividades oferecidas e desenhadas especialmente para o público infanto-juvenil, no denominado Circuito Ambiental, composto por Jogo Colaborativo, Linha do Tempo e Totens Interativos.

A estratégia de avaliação dessas atividades consistiu, em um primeiro momento, na elaboração de um conjunto de perguntas que foram sistematizadas em roteiro aplicado logo após a visita ao circuito. Ao iniciar o circuito, o (a) mediador (a) informava que ao final haveria uma avaliação e que era importante o comprometimento do(a)s participantes com a mesma. Após o encerramento da ação, os participantes eram convidados a se dirigir à carreta-escola onde, acomodados em cadeiras, recebiam “carinhas” desenhadas em cartões.

Havia carinhas sorridentes que significavam responder positivamente ao que lhes era perguntado; havia também as sérias que significavam estar apenas parcialmente satisfeitos com o que lhes era perguntado; e por fim havia aquelas tristes que significavam estar insatisfeitos.

A seguir, o(a) mediador(a) explicava que o objetivo da avaliação era perceber se o público estava satisfeito ou não com as ações desenvolvidas para, se necessário, reorientar as mesmas. Explicava também que se tentou preservar a identidade do(a)s respondentes e que, portanto, este(a)s deveriam ser sincero(a)s na avaliação. Dito isto, o(a) mediador(a) fazia uma pergunta do roteiro e solicitava que cada um(a) escolhesse uma das carinhas e a depositasse na urna passada de mão em mão. Havia uma urna para cada pergunta, e enquanto o(a) mediador(a) realizava a avaliação, um(a) técnico(a) do projeto fazia a tabulação. Encerradas as perguntas, a tabulação era apresentada a(o)s participantes e abria-se para uma rodada de avaliação oral caso alguém quisesse se pronunciar a respeito.



Fichas utilizadas para avaliação. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).



Momento da avaliação feita por alunos do ensino médio durante as caravanas. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Como esta estratégia demandava um tempo de execução que muitas das turmas não dispunham, optou-se por uma adaptação da mesma utilizando, no lugar das carinhas, fichas a serem preenchidas individualmente.

Já para o denominado público flutuante (aquele composto por pessoas que se dirigiam à Caravana aleatoriamente, sem compor um grupo ou sem definição prévia de agendamento ou de atividade específica), foi adotado um instrumental diferenciado. Nesse caso, foram confeccionados banners que ficavam expostos em cavaletes ao lado do espaço onde cada atividade era desenvolvida e um (a) técnico (a) convidava o (a) s participantes a avaliarem-na, afixando um adesivo no *banner* em resposta a cada uma das seguintes perguntas:

1- Como você avalia a atividade?

2.a. A atividade despertou seu interesse por buscar mais conhecimentos sobre o tema?

Ou ainda numa variação desta última:

2.b. A atividade traz conhecimentos importantes para você?

Avaliação durante  
Circuito Ambiental  
em Campos dos  
Goytacazes. Fonte:  
projeto Territórios  
do Petróleo (2014-  
2016).



Para a pergunta 1, as respostas variavam entre Péssima, Ruim, Regular, Boa e Ótima e para as demais: Não, Sim Pouco e Sim Muito.

Os adesivos afixados nos *banners* eram tabulados diariamente no encerramento das atividades. Posteriormente, eram retirados e o *banner* higienizado para ficar disponível para as avaliações do dia do seguinte.

Houve também a utilização de um livro de críticas e sugestões e de um *flipchart*, que ficavam estrategicamente disponíveis no balcão ao lado da saída para registro das impressões do(a)s participantes sobre o projeto, bem como acerca do espaço e das atividades desenvolvidas na Caravana.

Para a Mostra de Cinema Ambiental, Mesa-Redonda e a atividade teatral Territórios em Cena, foram desenvolvidas fichas que propiciavam a recolha de dados formais das impressões do público ao final de cada atividade. Este participava de forma voluntária já que, ora devido ao adiantado da hora, ora por não se disponibilizar, parte do público acabou não respondendo à avaliação.

Ao identificar o baixo retorno nas avaliações destas atividades logo nas Caravanas das primeiras cidades, a equipe executora foi orientada



Avaliação após Mostra de Cinema da caravana do projeto Territórios do Petróleo em de São João da Barra. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

a incentivar a participação, abordar aleatoriamente os participantes e solicitar que respondessem às questões feitas oralmente ou preenchessem, caso assim o desejassem, a ficha. Os(as) técnicos(as) também deveriam se colocar à disposição para ajudar nas respostas, caso necessário, aplicando a avaliação no formato de questionário, de modo que mesmo aqueles(as) que tivessem dificuldades com a escrita pudessem participar.

Apenas nas primeiras mostras de cinema as avaliações foram realizadas de forma oral, ao final do debate, por amostragem e contando com a adesão voluntária dos participantes. O(a) mediador(a) fazia a pergunta, e as respostas eram computadas de imediato. Como em algumas ocasiões o tempo previsto para a atividade foi ultrapassado no calor dos debates que se seguiam à exposição do filme – o que ocasionava baixa adesão à avaliação –, optou-se pela realização da mesma por meio de ficha com perguntas direcionadas e perguntas abertas, deixando o(a) participante à vontade para responder. As fichas foram organizadas em pranchetas, e a equipe executora abordava o maior número possível de participantes e aplicava a avaliação de duas formas: em forma de pesquisa para que aqueles que tivessem dificuldades com a escrita, ou com o próprio participante preenchendo a ficha. Esse formato de questionário foi adotado a partir da passagem da Caravana pelo segundo município e foi mantido até o último.

As avaliações que seguiram o formato de questionário, realizadas nas mostras de Cinema Ambiental ao longo da primeira e da segunda volta da Caravana, contabilizaram 1.202 (mil duzentos e dois) respondentes. Na ficha de avaliação constavam quatro perguntas direcionadas: 1- Como você avalia o filme escolhido? 2- Como você avalia o tema discutido após o filme? 3- Como você avalia a participação/interação do público após o filme? 4- Você gostaria de assistir/participar de outro momento como este? Com as seguintes opções de respostas: péssimo, ruim, regular, bom e ótimo, sim e não.

Tal como ocorrido com a mostra de cinema, as avaliações da Linha do Tempo no primeiro município foram realizadas oralmente.

Esta estratégia mostrou-se inadequada no segundo município, uma vez que aumentou muito o número de visitantes e, assim, optou-se por se confeccionarem *banners* contendo perguntas às quais seriam respondidas com adesivos correspondentes a Péssimo, Ruim, Regular, Bom e Ótimo. Tal estratégia foi pensada no intuito de tornar a avaliação mais independente, necessitando somente deixar uma pessoa responsável por indicar aos visitantes o local para se avaliar a atividade. Os banners compuseram o Circuito Ambiental e, à medida que os grupos saíam do Jogo, da Linha do Tempo e dos Totens, o(a) integrante da equipe responsável pela atividade já os convidava para realizar a avaliação.

É importante ressaltar que não é possível avaliar qualitativamente com precisão os resultados do circuito devido ao fato da avaliação não possuir espaço para comentários.

## **Etapa de Formação**

Nesta etapa desenvolveram-se cinco Oficinas temáticas, cada uma com oito horas de duração, em cada município da área de abrangência do PEA Territórios do Petróleo. Essas Oficinas visaram a instrumentalizar os participantes e contribuir na qualificação de suas participações sociais e políticas.

A estratégia para recolher os *feedbacks* dos participantes foi proposta inicialmente para ocorrer durante um encontro de avaliação realizado logo após a quarta Oficina. No entanto, no primeiro município em que foi executada esta atividade, ao darem início ao preenchimento das fichas de avaliação, os comunitários queixaram-se da dificuldade de avaliar detalhadamente atividades ocorridas dois ou talvez três meses antes. A equipe pedagógica, sensível a esta ponderação, optou então por orientar os (as) mediadores (as) a aplicar as fichas de avaliação ao final de cada Oficina e obter de imediato a percepção dos(as) participantes sobre os conteúdos, a infraestrutura física (materiais e ambiente), a capacidade de interação e compartilhamento dos conteúdos, bem como as habilidades e competências previstas em cada Oficina.



Participantes durante a atividade da II oficina de avaliação municipal em Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

## Oficinas municipais de avaliação

Além das avaliações já mencionadas, foram realizadas duas Oficinas municipais de avaliação e monitoramento das ações em diferentes momentos do processo, nas quais foram utilizadas estratégias variadas, em função das atividades desenvolvidas no período em pauta: debate, carta e ficha de avaliação e quadro-síntese para conteúdos teórico/conceituais; e atividades práticas (produção de fotos, vídeos, textos em vários formatos etc.) para avaliar a aquisição de habilidades e conteúdos mais instrumentais.

Por último, é importante destacar que, considerando a presença de pessoas não alfabetizadas e a preocupação da equipe executora com a obtenção de *feedbacks* do(a)s participantes durante todas as atividades desenvolvidas ao longo das duas etapas (Etapa de Sensibilização e Etapa de Formação), técnicas informais foram desenvolvidas por meio de conversas com os participantes sobre como estavam se sentindo naquele momento, e qual era sua percepção geral sobre as ações do projeto.

Ao final de cada evento, o(a) mediador(a) sempre foi orientado (a) a deixar aberto “o microfone” para uma rodada de avaliação oral para que todos(as) os(as) interessados(as) pudessem se expressar.

### **Avaliação permanente da equipe: reinventando ações nos Encontros no Territórios**

Uma prática constante diz respeito ao processo de avaliação permanente desenvolvido internamente com a equipe executora, por meio de reuniões realizadas no âmbito da universidade, com periodicidade de intervalos variados, podendo ser quinzenais ou a cada três semanas, geralmente após o encerramento das atividades da Caravana em determinado município, ou após as Oficinas de Formação.

Na oportunidade, era apresentado e discutido o relatório de atividades e os resultados das avaliações já tabulados. A equipe executora debatia as dificuldades, percalços e situações extraordinárias vividas e ponderava sobre estratégias a serem adotadas, na perspectiva de preparar-se para enfrentar os desafios e os imponderáveis que não se encontram sob o seu controle.

Além disso, ao longo do período foram realizadas duas jornadas de avaliação, planejamento e (re)orientação das ações, que contaram com a presença/participação de toda a equipe executora, composta pelas coordenações e os(as) técnicos(as) nos vários níveis. Nesses eventos, foram apresentadas as ações em curso e os resultados parciais obtidos, abrindo a possibilidade de a equipe apontar, discutir e analisar o contexto de realização das atividades, os desafios enfrentados e as estratégias de superação dos mesmos, bem como partilhar avanços e necessidades inerentes à sua atuação. Também se analisavam as percepções dos (as) técnicos (as) locais, que mantinham contato mais próximo e permanente com os participantes.

Como exemplo de um dentre outros desdobramentos desses “espaços” avaliativos, ao longo da realização das Oficinas de Formação observou-se grande intervalo de tempo sem atividades formais nos municípios. Como ação não prevista anteriormente foram idealizados e desenvolvidos os “Encontros no Territórios”, série de reuniões onde exercícios práticos inspirados nas temáticas das Oficinas puderam ser executados sob a responsabilidade do(a) Técnico(a) Local em cada município.

### **Reflexão final**

Espera-se por meio deste texto elucidar uma parte fundamental para o acompanhamento da política pública, que o PEA Territórios do Petróleo enquanto parte do licenciamento ambiental federal desenvolve, e dividir parte das preocupações que acompanharam as equipes executoras de tornar o percurso o mais transparente e participativo possível, tendo clareza da necessidade de reflexão e aperfeiçoamento constantes. Vale destacar, outrossim, que se espera que o crescimento e amadurecimento das equipes junto aos participantes permitam aperfeiçoar instrumentos e processos na caminhada para atingir os objetivos propostos pelo PEA.

# Ações avaliativas e percepções sobre a aprendizagem no PEA Territórios do Petróleo

- Carmem Imaculada de Brito
- Danielle Nogueira Batista
- Silvia Alicia Martinez

A perspectiva teórica que deu suporte às avaliações desenvolvidas durante a Etapa de Sensibilização na Caravana foi a da pesquisa-ação, por esta possibilitar o necessário envolvimento da equipe executora com os participantes, convertendo-se em instrumento necessário para analisar as práticas participativas desenvolvidas no campo e por promover interação e a colaboração entre a equipe técnica e os participantes.

Os dados obtidos e as reflexões apresentadas podem expressar a importância da pesquisa-ação não só como método de avaliação, mas, principalmente, como estratégia de informação capaz de contribuir para a compreensão do problema e para facilitar escolhas que se refletem em decisões mais consistentes e pertinentes, contribuindo, enfim, para que se possam alcançar os objetivos.

A metodologia da pesquisa-ação é considerada um sistema aberto, porque diferentes rumos podem ser tomados no decorrer do seu desenvolvimento em função das demandas encontradas. Inicia-se evidentemente com um planejamento. Porém, conforme afirma **Thiollent** (2011), há um ponto de partida, que é a fase exploratória, e um ponto de chegada, referindo-se à divulgação dos resultados. No intervalo, porém, haverá uma multiplicidade de caminhos em função das diferentes situações diagnosticadas ao longo do processo.

Neste texto, nos propomos a apresentar e discutir os resultados das avaliações realizadas referentes às atividades da Caravana nos dez municípios contemplados pelo PEA Territórios do Petróleo. Para tornar mais ágil esta apresentação, optou-se por agrupar os resultados das questões fechadas em duas categorias: satisfatória (bom e ótimo) e insatisfatórias

### PARA SABER MAIS:

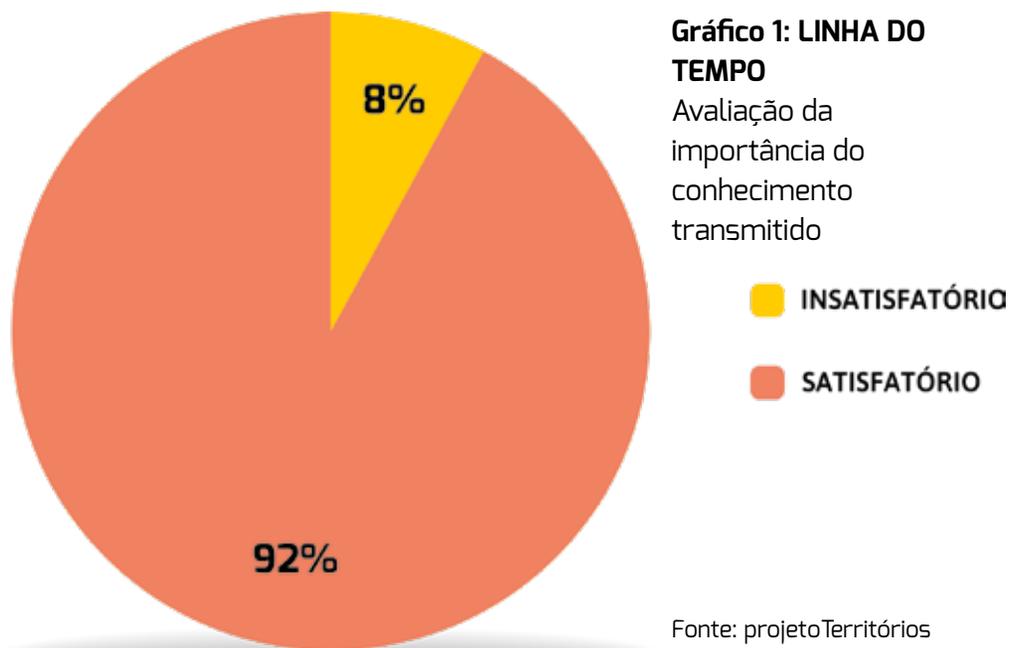
**Michel Thiollent** é autor de várias obras que tratam de métodos de pesquisa e pesquisa-ação.

(péssimo, ruim e regular). Esta estratégia foi adotada para as seguintes atividades: Linha do tempo, Totem, Mostra de Cinema, Jogo, Mesa-Redonda e Teatro. Do conjunto das perguntas realizadas, nesta análise de resultados foram selecionadas para serem apresentadas apenas as respostas a questões que diziam respeito ao conhecimento, em atenção aos objetivos do PEA.

Também foram sintetizados alguns comentários realizados pelos participantes às questões abertas.

### 1. Linha do Tempo

A linha do tempo, na primeira e segunda volta da Caravana, contou com a avaliação de 3.091 (três mil e noventa e um) visitantes, dos quais 2.836 (dois mil, oitocentos e trinta e seis), correspondentes a 92%, responderam positivamente à pergunta “Como você avalia a importância desse conhecimento?”, enquanto apenas 255 (duzentos e cinquenta e cinco), ou seja, 8% dos visitantes avaliaram como insatisfatória a importância do conhecimento, conforme se pode verificar no Gráfico 1.



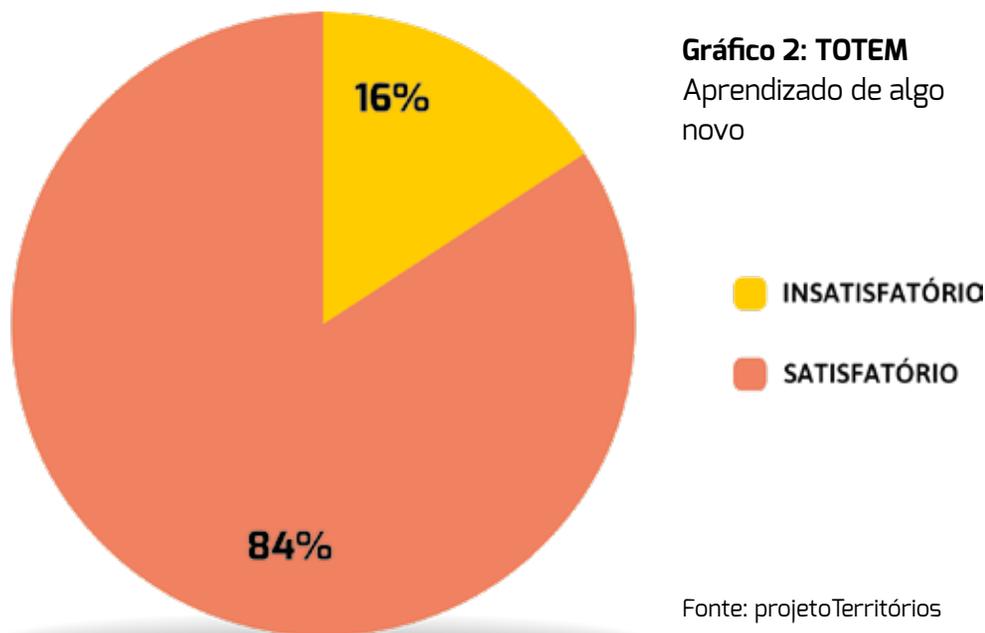
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

A análise dos resultados confirma que a atividade agradou ao público, o que pode ter ocorrido por vários motivos, dentre os quais destacamos: o ineditismo da proposta, que contou com organização e apresentações dinamizadas e o tema atrativo, que contribuiu para promover o acesso a informações novas para boa parte dos (as) visitantes.

O resultado insatisfatório pode ser imputado a várias causas, mas é forçoso reconhecer que a temperatura elevada, verificada no interior das tendas nas quais ocorreram as atividades da Linha do Tempo, Jogo e Totens, pode ter contribuído para exponenciar a desatenção, a falta de interação, a dispersão e a agitação verificadas pela equipe técnica em relação aos visitantes.

## 2. Totem

Foram realizadas 2.219 (dois mil duzentas e dezenove) avaliações, das quais, novamente, expressiva maioria de 84% declarou ter aprendido algo novo, enquanto 327 (trezentos e vinte e sete), equivalente a 16% dos participantes, avaliaram como insatisfatório o aprendizado, conforme se pode verificar no Gráfico 2.

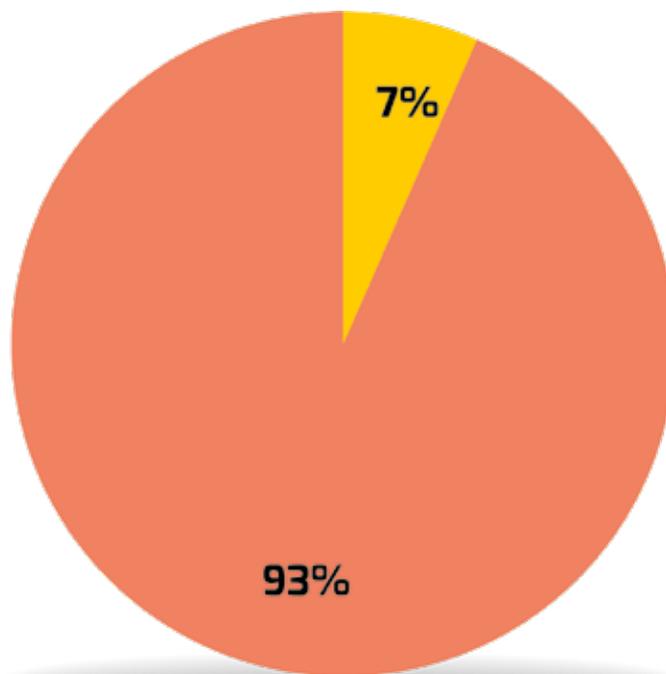


Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

De acordo com a análise dos resultados, é possível perceber que os visitantes que passaram pelos Totens ficaram satisfeitos, demonstrando que as informações contidas nestes equipamentos podem ter trazido conhecimentos novos, bem como proporcionado ao público em geral questionamentos, debates, entendimentos e reflexões sobre os dados relativos aos municípios que compõem a área de abrangência do PEA Territórios do Petróleo; assim como as instituições envolvidas no financiamento, execução, fiscalização e avaliação das atividades desenvolvidas.

### 3. Mostra de Cinema Ambiental

Na Mostra de Cinema Ambiental I, indagando sobre a escolha do tema, das 1.202 (mil duzentas e duas) pessoas que avaliaram a atividade, 1.114 (mil cento e catorze), ou seja, 93% consideraram o tema satisfatório, enquanto 80 (oitenta), relativo a 7% dos participantes o consideraram insatisfatório, como pode ser verificado no Gráfico 3:



**Gráfico 3: MOSTRA DE CINEMA**  
Avaliação sobre o tema discutido após a exibição do filme



Fonte: projeto Territórios do Petróleo(2014-2016).

Entre os fatores identificados que podem explicar a boa aceitação da atividade por parte do público, encontram-se as seguintes justificativas: a pertinência do acervo escolhido e dos temas debatidos, que dificilmente são abordados em reuniões políticas ou sociais e que são de grande interesse da população; por ser uma atividade inovadora que incentivou e atendeu às expectativas dos participantes, levando-lhes esclarecimentos importantes; e por propiciar conhecimento e participação da comunidade em geral, discutindo a necessidade de mobilização e engajamento em prol da ampliação da inserção social e política crítica. A seguir alguns depoimentos registrados nas avaliações:

**Muito válido a iniciativa deste projeto, pois conseguiu tirar a população da inércia, pois muitos por serem humildes, não sabem de seus direitos perante o poder público. Espero que essa realidade se transforme a partir deste belo projeto. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 6).**

**Gostei muito da caravana, muito importante para as pessoas terem conhecimento sobre os fatos ocorridos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015g, p. 7).**

**Ideias como essa fomenta a vontade da comunidade retomar o pensamento de querer mobilizar a sua própria comunidade sobre a importância do meio ambiente e sua sustentabilidade. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015f, p.11).**

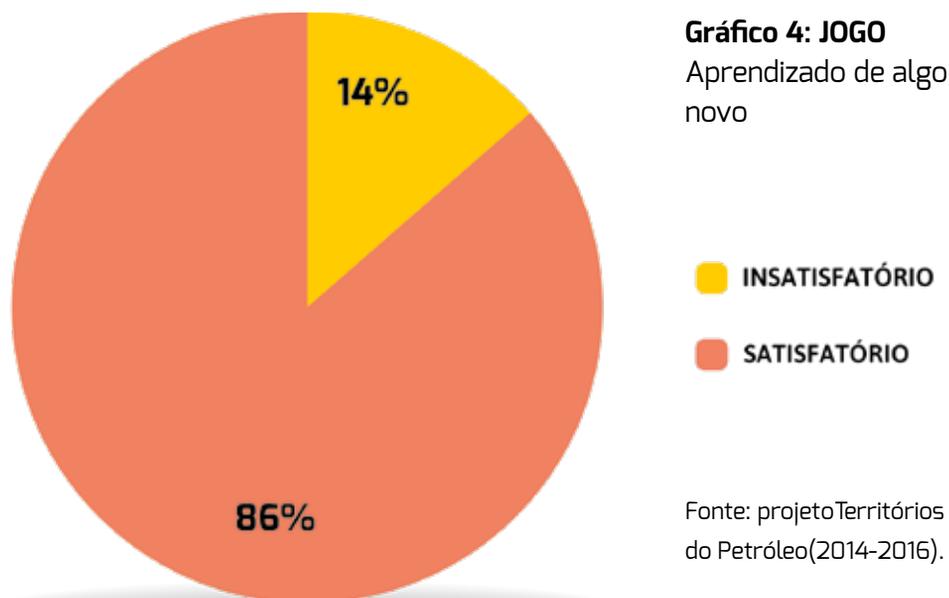
**Achei o primeiro filme “A Ilha” muito infantil, mas também não sei a que público ele se destina. Quanto ao filme sobre São João da Barra, ficou muito restrito ao Açú, não retratando os problemas do município, outros problemas também de suma importância, como a questão do avanço do mar em Atafona e a problemática da pesca e além de todo o impacto social da implantação do Porto do Açú também em outros distritos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 9).**

A partir das sugestões e críticas recebidas como parte da avaliação podemos identificar alguns fatores que justificam o resultado insatisfatório, como: mais explicações sobre o assunto, aprofundando melhor os danos causados pela exploração de petróleo; uma maior divulgação e mobilização nos bairros, nas escolas e universidades, aproximando mais o contato com a comunidade e levando a informação; mostrar aos participantes os movimentos sociais da localidade referente; um tempo maior para avaliação; que seja trabalhado dentro das escolas; um tempo maior para discussão dos assuntos ambientais e sociais; ampliar o debate com participação da comunidade acadêmica e o poder público; uso de uma linguagem mais informal.

Essas observações somadas ao resultado percentual de 7% de insatisfação, suscitaram a reflexão e o compromisso de melhoria para as próximas atividades.

#### 4. Jogo

O Jogo na primeira e segunda voltas da Caravana foi avaliado por 2.029 (dois mil e vinte e nove) visitantes, que responderam à seguinte pergunta vinculada ao conhecimento: Você aprendeu algo novo no jogo? Do número total de respondentes, 1.736 (mil setecentos e trinta e seis), ou seja, 86%, responderam que o aprendizado foi satisfatório, enquanto 293 (duzentos e noventa e três) visitantes, correspondendo a 14%, mostraram-se insatisfeitos com a dinâmica do jogo, conforme se pode verificar no gráfico 4 abaixo.



Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Tal como verificado nas demais atividades, os resultados alcançados no jogo permitem afirmar que este foi bem recebido pelo(a)s visitantes, que declararam ter aumentado o seu nível de conhecimento e aprendizado sobre educação ambiental, além de propiciar a discussão sobre competição e cooperação. Apesar de o instrumento de avaliação desta atividade, que respeitando a dinâmica do Circuito Ambiental foi desenhado para ser respondido de forma ágil, não apresentar um campo específico para críticas e sugestões, a observação *in loco* permite concluir que a insatisfação foi causada pela pouca experiência dos participantes; por timidez; dificuldade de cooperação; alta temperatura incidindo diretamente no tabuleiro e pelo horário apertado para o retorno à escola. Estes sem dúvida foram fatores que podem ser atribuídos à insatisfação.

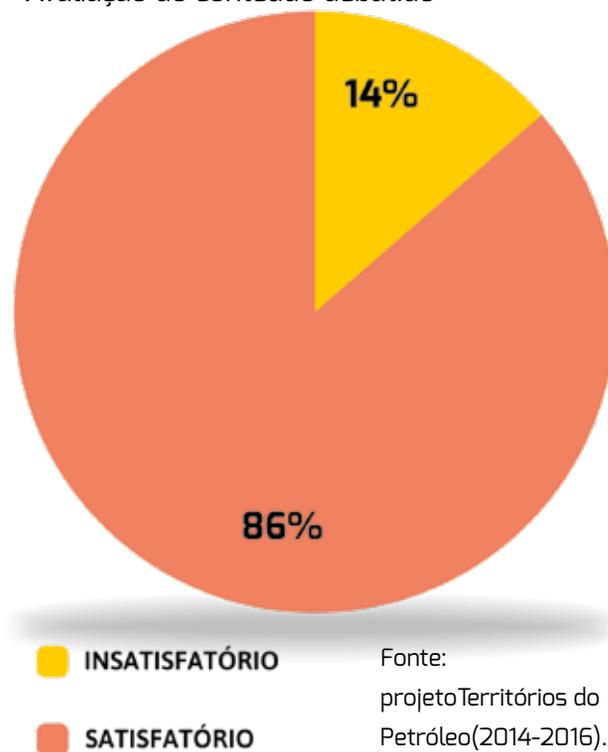
### 5. Mesa-Redonda

Além das atividades relacionadas ao que se convencionou chamar de Circuito Ambiental, a Caravana contava, ainda, com a Mesa-Redonda, Oficina do Futuro e a atividade teatral Territórios em Cena, ações devidamente avaliadas por meio de questionário com perguntas direcionadas e perguntas abertas, deixando o(a) participante livre para responder.

A participação na Mesa-Redonda era realizada por meio de convite individual ao público direto do projeto, como lideranças comunitárias ou pessoas que participaram ativamente de outras atividades da Caravana. Daí o número mais restrito de participantes. As avaliações relativas às Mesas-Redondas contaram com a adesão de 187 (cento e oitenta e sete) visitantes. Desses, 160 (cento e sessenta), ou seja, 86%, consideraram a atividade satisfatória, sendo que apenas 26 (vinte e seis) respondentes, cerca de 14%, acharam insatisfatório, como se pode verificar Gráfico 5.

**Gráfico 5: MESA-REDONDA**

Avaliação do conteúdo debatido



Aqueles(as) participantes que elogiaram a atividade declararam que puderam ampliar seu conhecimento por meio do debate público de temas relevantes e condizentes com o contexto local. Destacaram a possibilidade da atividade ter aberto espaço para a participação de lideranças e da população em geral. Além dos elogios, recebemos também sugestões e críticas justificando o resultado insatisfatório, como pode ser observado nos depoimentos a seguir, que serão levados em consideração no planejamento do Ciclo II:

**A linha do tempo poderia ser mais para adquirir mais conhecimento. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2014, p. 9).**

**Mais tempo para o público comentar e dar opiniões. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 19).**

Apesar de algumas críticas, cabe destacar também os elogios:

**Muito bom poder participar desta Mesa-Redonda onde podemos aprender sempre e saber que somos peças importantes desde momento em que vivemos. Espero poder participar mais da aprendizagem como este. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 14).**

**A Mesa-Redonda é muito boa. Ajuda a tirar as dúvidas sobre *royalties*. O conteúdo é bom para o município. A Mesa-Redonda é uma forma de todos os moradores darem a sua opinião. O formato de Mesa-Redonda é o povo que participa. E o espaço é importante para o público. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2014, p. 14).**

Parabéns pelo trabalho! Ótimo espaço de aprendizado. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015d, p. 10).

Parabéns pela iniciativa! Acredito que o resultado final do Territórios do Petróleo será de excelente relevância para todos nós. Obrigada pelo convite. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015f, p. 15).

Toda equipe está de parabéns, por trazer informações tão relevantes para a população. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015g, p. 12).

Equipe de edição e filmagem da Mesa-Redonda em Campos. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).





Mesa-Redonda em  
Campos.  
Fonte: projeto  
Territórios do  
Petróleo (2014-  
2016).

## 6. Oficina do Futuro

Assim como a Mesa-Redonda, esta atividade foi planejada com a peculiaridade de contar com um número restrito de participantes, por meio de convite individual a lideranças ou pessoas que se destacaram na participação das atividades da Caravana. Ainda, foi uma das poucas ações da etapa em questão na qual todos os participantes aderiram à avaliação, realizada por meio de questionário, com algumas perguntas direcionadas e outras abertas.

Os 96 (noventa e seis) participantes, unanimemente, consideraram importante a realização da atividade, respondendo positivamente à pergunta: Como você avalia a importância da Oficina para a comunidade? Portanto, 100% dos participantes avaliaram positivamente a atividade.

As estratégias de trabalho adotadas por meio das dinâmicas “Muro das lamentações” e “Árvore dos sonhos” foram bem recebidas pelos participantes, e a infraestrutura propiciada pela carreta-escola

favoreceu o desenvolvimento da proposta a contento. A seguir alguns depoimentos sobre a Oficina:

**A iniciativa da Caravana e toda a equipe é fantástica. Parabéns! (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 14).**

**Para mim foi muito satisfatório poder participar de uma oficina como essa, quero agradecer a todos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 16).**

**Estou encantada com todo o projeto. Aumentou o meu conhecimento e o prazer pelo meio ambiente (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015d, p. 12).**

**Elogio a dinâmica realizada, a estrutura do projeto que é muito boa e despertou grande expectativa quanto à oportunidade de capacitação para nossa incidência política. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015g, p. 14).**

**Muito feliz por fazer parte desse projeto que estamos construindo juntos. Parabéns! (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 14).**

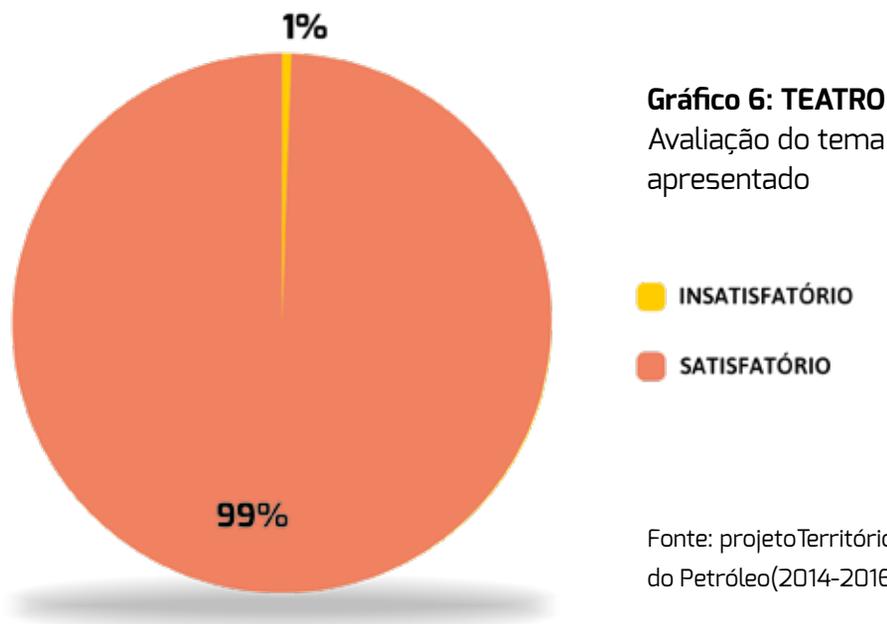
Apesar de na parte quantitativa da ficha de avaliação não haver ponderações negativas, houve algumas críticas e sugestões, como podemos observar a seguir:

**Ressaltando novamente o fato de não se precipitar em escolher o tema para uma diretriz de trabalho. Um espaço de debate com discursos mais livres, não tão direcionado. Contatar outros canais para divulgar (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015f, p. 14).**

Cabe destacar que houve reflexão por parte da equipe acerca da questão levantada neste depoimento, mudando a atividade no sentido de não escolher no momento da Oficina um tema prioritário para ser focado pelo grupo, pelo motivo que o respondente apontou: merecia maior aprofundamento e reflexão por parte do grupo, principalmente sobre os impactos dos *royalties* em cada município.

## 7. Teatro

As apresentações da peça “Contos e causos de Prosa Parada” foram avaliadas por 292 (duzentos e noventa e dois) participantes, que preencheram ficha de avaliação ou foram entrevistados por técnico(a) do projeto. Desse total, 288 (duzentos e oitenta e oito) respondentes consideraram satisfatória a atividade e o tema abordado, enquanto 04 (quatro) respondentes, apenas 1%, os consideraram insatisfatórios. Podemos verificar no gráfico 6 abaixo.



As apresentações do teatro agradaram muito ao público participante não só pela interação, como também pelo dinamismo em abordar temas cruciais sobre os municípios que motivavam e propiciavam esclarecimento à população. A seguir alguns depoimentos dos participantes:

O teatro apresentou cenas cotidianas que muitas vezes por falta de informação a própria população não sabe o direito e a quem recorrer. Bastante dinâmico e interativo mostrando a nossa realidade atual. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 11).

As esquetes apresentadas representam a realidade do município de Cabo Frio onde não sabemos bem como os *royalties* são empregados. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015c, p. 11).

Achei bem interessante para compreendermos melhor os problemas decorrentes na nossa cidade. Muito boa essa iniciativa para informar a população. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015d, p. 9).

Achei bastante interessante, os temas foram abordados de maneira leve, convidativa; as questões político-sociais discutidas com as pessoas diretamente envolvidas- o povo chamado à discussão: já que o povo não tem vez, que tenha vez. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015e, p. 13).

Adorei o tema. Foi maravilhoso participar de um teatro que pode ajudar a cidade. Foi ótima a apresentação dos atores. Foi muito especial pra mim. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015f, p. 14).

Muito interessante e bem empregada a filosofia do teatro do oprimido, bem dentro da proposta do Boal. Espero que vocês consigam mobilizar muitas pessoas e sensibilizá-las para

**consciência dos problemas sociais. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015g, p. 10).**

**É uma proposta muito boa, pois estimula o cidadão comum a usar a voz, a ver seus direitos na sociedade e como garanti-los. Fiquei encantada. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 12).**

Outros depoimentos também seguem nesta mesma direção, mas não estiveram isentos de crítica:

**A iniciativa é excelente, só precisa de maior divulgação. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015g, p. 11).**

**Informar os atores para aumentar o volume da voz para o público localizado nas últimas cadeiras ouvirem melhor. Pedir a participação do público em mais de uma situação. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 12).**

Sendo a avaliação um instrumento para direcionar ou dar sentido às ações executadas, sua análise é indispensável e importante para compreender se os objetivos das atividades da Caravana do projeto Territórios do Petróleo foram atingidos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que essa análise das atividades demonstra que a Caravana incentivou o debate, a crítica e a reflexão acerca dos temas apresentados. Os relatórios elaborados pela equipe técnica retratam a percepção de que a grande maioria dos (as) participantes foi capaz de estabelecer relações entre os conteúdos desenvolvidos nas várias atividades, fortalecendo assim o conhecimento e o acesso às informações relativas às temáticas tratadas pelo projeto.

Outro elemento que merece reflexão foi a presença e participação de jovens engajados politicamente e preocupados com a realidade do município, colaborando para aguçar suas percepções e interesses

sobre os temas tratados na Caravana. Percebeu-se também a presença constante e atuação qualificada de lideranças locais durante as atividades, assim como a participação dos demais projetos de educação ambiental – PEAs - no âmbito do licenciamento federal, que estão em desenvolvimento na Bacia de Campos.

Destaca-se este fato como um resultado muito relevante da Caravana. A promoção de um espaço comum de divulgação das ações de todos os PEA, a articulação e integração das atividades ofertadas estão alinhadas aos objetivos do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos – PEA-BC conduzido pelo Ibama. O que permite dizer que esses momentos proporcionaram o fortalecimento do PEA-BC, além de dar visibilidade às ações desenvolvidas no programa, com o direcionamento de diferentes ações educativas que convergem para uma gestão ambiental regional, conforme previsto na Nota Técnica CGEPG/Dilic/Ibama Nº 01/10.

Outro elemento importante a ser destacado, que apareceu fortemente nas avaliações, foram as mensagens registradas nas questões abertas.

Cinco aspectos mereceram a congratulação do projeto pelos visitantes: 1) as atividades realizadas; 2) os temas abordados; 3) os mediadores; 4) a disposição dos espaços na tenda; e 5) as possibilidades de interação que a Caravana oferecia, informando à população sobre os atuais acontecimentos e impactos socioambientais que os municípios sofrem.

Analisando a origem dos participantes, foi possível observar que a Caravana recebeu públicos diversos oriundos de vários estados: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Paraná, Pará, Sergipe, Alagoas, Amazonas, com maior incidência do primeiro. Houve também visitantes de outros países: Moçambique, Peru e Inglaterra.

Os visitantes declararam que souberam das atividades por diversos meios: passando no local da instalação da Caravana; residiam perto; por meio dos projetos de educação ambiental; pela Internet; por panfletos; por matéria publicada na televisão; por cartazes e folders do projeto; pela mobilização

corpo a corpo feita pela equipe do projeto; por amigos; família e vizinhos.

Vale dizer: o projeto não publicou nem pagou matérias nos meios de comunicação. Em alguns municípios houve demandas espontâneas por parte das emissoras locais de televisão para a realização de matéria divulgando o evento.

O projeto também recebeu sugestões de melhoria, como a de tornar mais objetivas as informações incluídas na linha do tempo e disponibilizá-las de forma impressa. Houve ainda indicações de melhoria na divulgação e de maior contato com a comunidade. Foi também apontado que o tempo para a avaliação das atividades foi pequeno.

### **8. Ao modo de síntese**

Esse trabalho pretendeu elucidar a opinião dos participantes nas atividades da Caravana do projeto Territórios do Petróleo, somado ao exercício de conhecimento e prática sobre o que se pensa, diz e faz sobre avaliação.

O uso de fichas como instrumento de avaliação, as quais continham questões abertas e direcionadas, assim como a coleta e análise de depoimentos e de outras estratégias avaliativas tendo por base os princípios do referencial teórico da pesquisa-ação, abre a possibilidade de realização de diagnósticos e de novas orientações para o futuro.

Assim sendo, as avaliações realizadas tiveram caráter diagnóstico, pois contribuíram na identificação dos aspectos em que se apresentavam dificuldades, abrindo possibilidades de reflexão sobre a prática e a realização de mudanças ao longo do desenvolvimento das atividades. Ou seja, as avaliações permitiram buscar formas de solucionar problemas ainda durante o processo e não apenas no final das atividades, fortalecendo e contribuindo com a proposta do projeto.

A análise dos resultados das avaliações nos possibilitou refletir sobre a prática dos técnicos sociais, dos cidadãos engajados no projeto e da coordenação, bem como sobre as ações executadas pelo projeto no decorrer do tempo, possibilitando a intervenção para propiciar melhorias, corrigir erros e dialogar sobre possíveis mudanças. Ainda, essa análise aportou elementos significativos para o planejamento e gestão das atividades subsequentes.

Nesse sentido, este estudo possibilitou uma reflexão sobre a avaliação

processual e sobre as práticas que ocorreram nas atividades da Caravana, assim como sobre seus resultados, os quais apontam para a necessidade de se traçar novos caminhos dando continuidade às práticas ou renovando-as.

A avaliação foi um processo que interessou a todos os envolvidos, sendo as decisões tomadas a partir dos resultados e realizadas de forma coletiva, o que propiciou, por seu turno, a reflexão sobre o porquê e para que avaliar.

A busca por esses conhecimentos possibilitou afirmar que as discussões sobre avaliação no âmbito da educação ambiental é uma necessidade fundamental no sentido de contribuir com processos formativos mais críticos. Essa condição implica explicitar também qual a função da avaliação, suas finalidades, indagando a quem serve ou para que serve e avançando para além dos instrumentos. Isso porque a avaliação ultrapassa os procedimentos, se constitui em um processo de reflexão, de investigação e interpretação de uma determinada situação.

Com base nas reflexões propostas e argumentos apresentados, ao longo desse trabalho evidenciou-se o quanto a avaliação foi uma ação fundamental tanto para o desenvolvimento e bom desempenho da Caravana, quanto para a obtenção de informações relevantes de forma participativa para a elaboração de atividades futuras.

A articulação entre pesquisa e educação é uma das características mais importantes da pesquisa-ação, fortalecendo a troca de conhecimentos através do processo de participação e contribuindo para a produção de novos conhecimentos.



# A avaliação como termômetro da ação e bússola para o planejamento

- Michelle Nascimento Weissmann
- Marcelo Carlos Gantos

A construção da proposta de ações educativas para a próxima fase do PEA Territórios do Petróleo teve como base a análise da avaliação dos participantes ocorrida ao longo dos dois primeiros anos de sua atuação. Tal análise permitiu que a equipe executora identificasse as características dos grupos envolvidos e a percepção dos mesmos em relação às ações desenvolvidas, concatenando com as proposições para o próximo Ciclo.

O processo de análise das avaliações, colocado em prática, buscou interpretar as proposições dos participantes frente às atividades reconhecidas como relevantes para suas práticas, coletivas ou mesmo individuais, objetivando a permanência delas no escopo de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo para suas comunidades. Além disso, o referido processo aprimorou as ações educativas e, em decorrência, o aprendizado e a participação dos cidadãos na perspectiva de promover condições para ações e transformações de situações.

Desta forma, os instrumentos avaliativos utilizados permitiram observar as reflexões dos participantes e, a partir disso, desenhar as ações que serão futuramente desenvolvidas. A pesquisa, neste contexto, tornou-se uma ferramenta de ajuda para a caminhada do projeto na busca da solidariedade, da coletividade e da participação social, visto que as proposições dos participantes motivaram a elaboração da continuidade do PEA Territórios do Petróleo.

As atividades contempladas pela Caravana foram avaliadas de maneira positiva e sua continuidade estimada pelos visitantes. Todas as atividades que foram desenvolvidas durante sua presença nos municípios foram reconhecidas como relevantes no processo de aprendizagem e de motivação dos cidadãos para a incidência política. Além disso, pode-se verificar que algumas atividades propiciaram a aproximação dos participantes com as atividades desenvolvidas pela empresa – Petrobras.

Deste modo, o processo de avaliação e as ferramentas metodológicas utilizadas sistematicamente, permitiram a percepção, por parte da equipe, pela permanência de algumas das atividades contempladas na Caravana evidenciadas como importante para o próximo Ciclo do projeto.

O processo de avaliação qualitativa adotado registrou – como foi sendo destacado em diversos capítulos deste livro – que a dinâmica inovadora seguida para o desenvolvimento das ações educativas foi analisada pelos participantes como uma boa oportunidade de conhecimento e debate coletivo.

Assim, a equipe executora do projeto adotou a avaliação dos participantes como ponto de partida para idealizar a próxima fase do projeto. Seguem abaixo depoimentos registrados nas avaliações das atividades:

**Muito inspirativo, gostei muito da apresentação e dos temas citados. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015a, p. 11).**

**A caravana está sendo ótima para o conhecimento da população e na formação de cidadãos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 16).**

Considerando seu papel de sensibilizar a comunidade e identificar atores potenciais para a composição do grupo que constituirá os

Núcleos de Vigília Cidadã, a Caravana foi mantida com uma mudança significativa que permitirá a sistematização de suas atividades. Esta mudança refere-se ao fato da Caravana deixar de ser itinerante e se fixar em dois municípios estrategicamente localizados, de modo a facilitar o acesso e o alcance de todas as localidades contempladas na área de abrangência do projeto. Assim, haverá a constituição de dois Espaços de Interpretação do PEA Territórios do Petróleo, onde algumas atividades da Caravana ficarão sediadas.

O Circuito Ambiental, que contempla as atividades da Linha do Tempo, do Jogo de Cooperação e dos Totens interativos, terá continuidade no próximo Ciclo, promovendo o acolhimento dos visitantes e a divulgação de conteúdos dos temas que são inerentes a um projeto de educação ambiental no licenciamento, ou seja, a um projeto participativo para a intervenção social, aos municípios da área de abrangência do PEA Territórios do Petróleo e aos contextos socioeconômicos dos mais diferentes grupos sociais.

A complementaridade de conteúdo ofertada pelas atividades do Circuito Ambiental foi considerada como estimuladora de debates qualificados em outros espaços de discussão, tanto na própria Caravana, quanto em outros momentos proporcionados pelas atividades formativas oferecidas pelo projeto.

**Muito bom esse tipo de divulgação onde abre espaço para debates e mais conhecimentos. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 16).**

Em atenção ao contexto exposto, o Circuito Ambiental permanecerá como atividade a ser promovida no próximo Ciclo, com calendário permanente durante todo o período de atuação do projeto. Este grupo de atividades tem como resultado esperado ampliar a mobilização dos atores envolvidos e a consciência dos mesmos sobre seu papel de cidadão político.

A Mostra de Cinema é outra atividade que permanecerá no

Ciclo II, devido a sua força de encantamento e ao seu potencial de estimular a participação das pessoas. A perspectiva adotada nas exhibições de filmes cuidadosamente selecionados visou promover o reconhecimento da população tradicional e/ou local, resultando numa grande satisfação da equipe ao perceber o interesse dos participantes em debater sobre os temas propostos.

O acesso ao mundo cinematográfico, distante de algumas comunidades inseridas na área de abrangência do projeto, proporcionou aos participantes um espaço de reflexão e debate sobre temas que se aproximam da realidade em que eles vivem. Isso foi determinante para a satisfação da maioria do(a)s participantes, expressa nas declarações e avaliações e também nas conversas com a equipe técnica, o que motivou esta última a se dedicar cada vez mais às atividades planejadas. A participação do público na maioria dos debates promovidos foi uma mola propulsora para a equipe executora, na medida em que esta verificava o entusiasmo e a credibilidade nos resultados alcançados pelo projeto norteador pelas diretrizes do licenciamento federal.

**...há uma interação significativa com o público, onde podemos nos expressar de acordo com os temas apresentados.  
(PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 7).**

Assim, de acordo com a análise das avaliações do(a)s participantes, a continuidade da Mostra de Cinema se apresenta como importante para o conjunto de ações educativas que contemplam o Plano de Trabalho para a próxima fase.

Da mesma forma se deu a definição de continuidade da atividade “Mesa-Redonda”, pois o ambiente promovido durante as discussões entre o (a) s participantes possibilitou que este(a)s destacassem como positivo o debate reflexivo e orientador sobre os temas definidos, demonstrando assim a importância da manutenção desta atividade, que objetiva

proporcionar momentos de diálogo entre especialistas e comunitários com perspectivas de esclarecer as dúvidas, partilhar informações e conhecimentos e assim contribuir para a melhoria de vida dos mesmos.

Para que se possa promover este debate com a abrangência dos municípios inseridos no PEA Territórios do Petróleo e com as especificidades de cada um deles, o formato continua itinerante, sendo a Mesa-Redonda realizada em cada um dos dez municípios. Os temas serão definidos conjuntamente com os integrantes dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) e a mobilização para a participação será ampliada às comunidades onde a atividade for realizada.

Alguns depoimentos do(a)s participantes evidenciam que promover este espaço é também promover alternativas de acesso à informação sobre temas e situações relevantes para a vidas dos munícipes e abrir espaço de “falas” da população.

**Foi muito proveitoso esse espaço de debate e alinhamento de conhecimento, com boa participação da população. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2015b, p. 14).**

**A mesa-redonda é muito boa. Ajuda a tirar as dúvidas sobre royalties. O conteúdo é bom para o município. A mesa-redonda é uma forma de todos os moradores darem a sua opinião. O formato de mesa-redonda é o povo que participa. E o espaço é importante para o público. (PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO, 2014, p. 14).**

O próximo Ciclo do PEA Territórios do Petróleo concentra a atenção em ações formativas direcionadas ao público direto, que na ocasião pretende-se sejam as lideranças congregadas e formadas na etapa atual que passaram a integrar os Núcleos de Vigília Cidadã. Estes serão constituídos por grupos de até vinte (20) pessoas que participaram das ações desenvolvidas atualmente, que declaram disponibilidade e interesse em participar das ações futuras do PEA Territórios do Petróleo, dentre outros critérios debatidos e elaborados participativamente.

Esses grupos têm como principal objetivo compreender as receitas

originárias das participações governamentais petrolíferas (*royalties* e participações especiais) para a divulgação qualificada deste processo, a fim de ampliar o acesso à informação como sugerido pelo Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014)

O público indireto, embora não seja alvo prioritário, será contemplado nas ações acima destacadas e no acesso às informações produzidas pelos NVC.

## PARTE IV

# À guisa de epílogo

Não é possível considerar concluída esta coletânea sem registrar o que foi realizado no interregno entre a elaboração da obra e a sua publicação, no que diz respeito ao primeiro ciclo do projeto Territórios do Petróleo.

Com essa intencionalidade, esta quarta parte está constituída por três textos. O primeiro reforça o papel da vigília cidadã e descreve os fundamentos das ações educativas que serão desenvolvidas pelos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) constituídos em cada município. Registra também o processo de constituição dos Núcleos de Vigília Cidadã municipais, apresentando uma breve descrição do perfil dos seus integrantes.

O segundo texto é o poema “Territórios de quê?” elaborado por Ana Paula Souza Filgueira, socioeducadora do projeto, e recitado no “Encontro Regional para Intercâmbio e Integração de Experiências”, atividade de culminância do primeiro ciclo.

Por último, em forma de Apêndice, se apresenta o texto fundante da atuação de cada NVC. Trata-se do documento: “Princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Vigília Cidadã”, que é portador das bases capitais do exercício cidadão a ser desenvolvido nos ciclos subsequentes. O exemplo que será apresentado foi elaborado no NVC de Macaé.



# Os Núcleos de Vigília Cidadã: conceitos e concretizações

• Marcelo Carlos Gantos  
• Silvia Alicia Martinez

Como foi anunciado no capítulo introdutório, esta obra se dedica à apresentação e análise das ações educativas desenvolvidas ao longo dos dois primeiros anos (Ciclo I, 2014-2016) do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Territórios do Petróleo: *Royalties* e Vigília Cidadã na Bacia de Campos, com foco em comentários e avaliações dos participantes que foram recolhidos nesse caminho.

A etapa de sensibilização, marcada pela presença bastante massiva de público que visitou a Caravana nos dez municípios em que o projeto se desenvolve, seguida pela etapa de formação de um grupo considerável de cidadãos que moram em diferentes comunidades desse território, tinham como objetivo final a constituição de dez Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) correspondentes a cada um dos municípios que compõem o recorte espacial de atuação do projeto.

Tal como havia sido planejado, a constituição desses núcleos só aconteceu no último mês do referido ciclo. Este livro, cuja escrita iniciou ainda quando se finalizava a etapa de formação, não estaria completo sem abordar esses NVC, numa forma de epílogo neste posfácio.

Os Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) têm como premissa operacional promover a discussão coletiva sobre o licenciamento ambiental, com ênfase na linha B da Nota Técnica CGPEG/Dilic/Ibama n. 01/2010 (IBAMA, 2010), que trata do controle social da aplicação de *royalties* e de participações especiais da produção de petróleo e gás natural. Seu objetivo mais amplo é diminuir a escassa informação da população sobre o tema, evidenciada e destacada no Diagnóstico Participativo do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (2014), documento indutor deste projeto.

A partir da análise circunstanciada dos impactos da indústria do petróleo, sua complexidade sistêmica e relação tanto direta quanto indireta com a vida cotidiana das comunidades, os NVC têm por função propiciar o desenvolvimento de competências e aperfeiçoamento de capacidades dos seus membros que permitam ampliar seu horizonte de compreensão para ler seu(s) mundo(s), entender a realidade circundante e descrevê-la, visando combater as deficiências e limitações de informação e compreensão sobre a temática dos *royalties* de forma a promover qualificação nos municípios e incentivar formas inovadoras de participação no controle social da renda petrolífera nos territórios da Bacia de Campos.

A Vigília Cidadã dos *royalties* enquanto formulação metodológica de ação coletiva comunitária propõe, basicamente, três tipos de objetivos sociocognitivos que serão foco das ações educativas planejadas na etapa seguinte do PEA:

- 1) Reunir, caracterizar, analisar e mapear informação sobre: a) a natureza sistêmica dos impactos da indústria do petróleo, os conflitos em torno deles, com suas diversas percepções e apropriações; b) o contexto da economia política dos recursos naturais; c) as discussões políticas da partilha dos *royalties* e sua contabilidade pública nos municípios da Bacia de Campos (BC) – arrecadação, composição orçamentária e destinos da utilização dos recursos.
- 2) Pesquisar, discutir e sintetizar a informação sobre os Territórios do Petróleo da BC para: a) interpretação e elaboração de notícias e informes; b) formação de visão crítica sobre questões como recursos naturais, impactos sociais, *royalties*, controle social, desenvolvimento e crise ambiental; e c) proposição de visões prospectivas baseadas em cenários econômicos e socioculturais futuros dos municípios da BC.
- 3) Difundir, comunicar e partilhar a informação em rede: qualificação em linguagens e formatos comunicacionais, disponibilizando acesso aos sujeitos da ação em suportes diferenciados.

O que é Vigília? É oposto de dormir e de sono. Vem do latim:  
vigília: “ato de velar, de prestar atenção”.  
vigil: “acordado, cuidando, vigilante”.

Definimos a Vigília Cidadã como um processo pedagógico não formal de educação ambiental em gestão, produção colaborativa e partilha de informação. Forja um serviço de suporte e orientação para a ação cidadã dos participantes dos NVC.

A Vigília Cidadã (VC) se apoia no pressuposto de que toda sociedade humana baseia sua sobrevivência na reprodução dos recursos e na ação transformadora que exercita sobre seu ambiente. A própria complexidade da sociedade é um efeito de seus processos de emergência e, por sua vez, do resultado da potência para auto-organizar a variedade e variabilidade de seus recursos. Assim, a experiência social se institui na forma de dispositivos de ação que denominamos NVC. Os núcleos permitirão estruturar relações técnicas, informacionais e simbólicas com o meio físico, transformando a natureza e seus contextos, as próprias culturas, as formas e instituições comunitárias, as tecnologias e os vínculos interpessoais. Nesse movimento proposto, os sujeitos da ação educativa e os coletivos sociais se “cultivam” a si mesmos num processo de aprendizagem e construção permanente de dispositivos de apropriação e transformação dos recursos próprios e de seus diferentes domínios ambientais.

A Vigília Cidadã neste contexto consiste no cultivo de ambientes sociais em seus múltiplos contextos (materiais, sociais culturais e psicológicos). Esta tarefa é concebida como um processo mediante o qual uma comunidade apreende práticas e dispositivos que lhe assegurem o acesso aos recursos estratégicos mediante um trabalho de estruturação sobre o espaço e o tempo de sua existência.

O cultivo destes ambientes sociais compreende:

- a cogestão social de um conjunto de atividades, práticas e rotinas que implicam estar informado, informar e partilhar informação de forma permanente;

- o estudo, compreensão e representação do ponto de vista dos sujeitos da ação educativa quanto aos cenários, mutações e permanências da vida cotidiana nos territórios fluminenses do petróleo;

- o desenvolvimento colaborativo de estratégias comunicacionais locais mediadas por tecnologias em ambientes digitais e convencionais;

- o aprimoramento das linguagens, visando à representação e adaptação de conteúdos em formatos contemporâneos e de fácil acesso. (GANTOS, 2015).

Nesse caminhar, os integrantes dos NVC desenvolverão atividades de pesquisa, gestão, produção e partilha de informação. A formação se apoia e complementa no desenvolvimento prático de tarefas e estratégias comunicacionais colaborativas, mediadas por saberes e conhecimentos locais, tanto por meio da aquisição de perícia no uso de dispositivos digitais e redes (*softwares*, Internet, computador, celulares, câmaras digitais), quanto pela releitura de recursos tradicionais difundidos no âmbito das experiências de educomunicação no bojo da educação ambiental no licenciamento, como, por exemplo, fanzines, boletins, círculos de conversa e mesas-redondas.

A dinâmica dos NVC prevê que seus integrantes realizem reuniões periódicas para pautar e desenvolver a agenda de VC por meio de ações próprias que implicam o planejamento, a execução, a avaliação e o monitoramento de ações e atividades locais e regionais. Espera-se que esta dinâmica possibilite a ampliação do acesso a linguagens e conteúdos atuais colaborando na cogestão social comunitária da informação, tendo em vista o estímulo para atingir de forma autônoma o controle social.

As ações e atividades dos NVC, inclusive as visitas técnicas e encontros intermunicipais dos núcleos, serão mediadas por socioeducadores vinculados ao projeto, cuja função é o estímulo à participação comunitária para facilitar o melhor entendimento dos temas desenvolvidos pelo PEA e o apoio técnico, dentro das diretrizes do licenciamento ambiental federal que regulam as práticas e o acionar dos PEAs.

Assim sendo, os NVC, formados por até vinte (20) cidadãos, funcionarão como espaços de educação ambiental comunitários voltados para o exercício da Vigília Cidadã (VC) e apoio à formação socioambiental e cívica de seus integrantes.

Para reforçar as suas ações e/ou suas atividades nas sedes e outros locais do município, está previsto que os NVC contem com o apoio de “voluntários”, observadores convidados e membros de outros projetos que formam o Programa de Educação da Bacia de Campos (PEA-BC), conduzido pelo Ibama. São sujeitos, que orientados por metodologias participativas do licenciamento ambiental e da VC, colaborarão no apoio e na articulação juntos aos diversos atores locais disseminados em bairros e localidades do município de referência.

## O processo de constituição dos Núcleos de Vigília Cidadã municipais

A identificação dos participantes dos NVC teve início a partir da Etapa de Sensibilização ocorrida conjuntamente à passagem da Caravana Territórios do Petróleo pelos dez municípios da BC, onde cada grupo foi se configurando e fortalecendo no decorrer das atividades formativas.

No final da Etapa de Formação, explicitamente na II Oficina de Avaliação Municipal, foram apresentados os critérios iniciais para composição dos NVC, deixando a cargo dos participantes alterá-los ou propor novos critérios, tendo sido debatidos e acordados coletivamente.

Os requisitos para o acesso à participação dos cidadãos na fase decisiva da formação planejada foram: a disponibilidade e interesse manifesto em continuar participando do projeto; o reconhecimento pelos pares das suas características de liderança ou de formador de opinião; e a participação plena em três ou mais atividades ocorridas durante o primeiro ciclo formativo.

Os integrantes do NVC de Campos assinam o livro de Memórias do NVC em São João da Barra.  
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).





Mediadoras apresentam os objetivos da reunião no encontro de consolidação dos NVC de Quissamã e Carapebus. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016).

Posteriormente, já na atividade denominada “Encontro de Consolidação e Debate sobre a Sistemática de Funcionamento dos Núcleos de Vigília Cidadã”, foi formalizada a existência dos núcleos nos dez municípios. A atividade foi considerada um “marco” na institucionalização dos NVC, tendo sido registrado e consagrado este momento com a abertura de um Livro Ata por município, a coleta das assinaturas de todos os participantes e a proposta de uma agenda inicial de reuniões.

Nessa ocasião, foram discutidos os “Princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Vigília Cidadã” e referendados em um documento, espécie de regimento do núcleo. Esses “Princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Vigília Cidadã” foram discutidos por cada município, cujos membros imprimiram suas considerações. Entretanto, não diferem substantivamente entre eles já que a discussão foi realizada a partir de uma base comum elaborada pela equipe técnica. Neste mesmo livro, na forma de Apêndice, é apresentado o documento que faz referência a esses “Princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Vigília Cidadã” relativos ao grupo de Macaé, escolhido aleatoriamente.

No processo de constituição dos NVC, o **“Encontro Regional para Intercâmbio e Integração de Experiências”** ocupou um papel relevante. Este evento, de dois dias de duração, contou com a participação de 133 membros dos NVC, além de representantes de outros PEA, do Ibama e da Petrobras. Tal como idealizado, constituiu um momento propício para a troca e discussão de ideias, o conhecimento dos membros de outros núcleos e a integração entre os participantes.

De modo geral, os objetivos propostos foram atingidos, gerando um perceptível sentimento de pertencimento dos participantes como membros dos NVC.



O objetivo do “Encontro Regional para Intercâmbio e Integração de Experiências” foi dar continuidade ao processo de análise dos resultados das ações desenvolvidas no primeiro Ciclo e ao processo de atualização do Diagnóstico Participativo (DP) do PEA-BC. Desse modo, além da integração, procedeu-se à análise dos objetivos e metas alcançados regionalmente pelo projeto durante o primeiro ciclo de execução; à apresentação sobre as participações do público ao longo dos dois anos; e à avaliação do nível de compreensão dos sujeitos da ação educativa em relação à desinformação sobre os *royalties* e participações especiais do petróleo.

O Encontro Regional ocorreu em 16 e 17 de abril de 2016, em Campos dos Goytacazes. Durante o Evento também aconteceu uma Reunião dos PEA. Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2014-2016),

## “Quem somos nós?”: uma pequena descrição do perfil dos integrantes dos NVC

Uma preocupação que acompanhou a equipe de professores(as) e socioeducadores(as) foi saber com qual público afinal o PEA estava trabalhando, em função do desafio posto pela Nota Técnica de integrar nas ações um público composto por sujeitos com perfis tão diferentes como as suas origens. Por fim, no final desse processo de consolidação dos NVC, foi possível sistematizar, conhecer e apresentar quem eram os(as) membros dos núcleos.

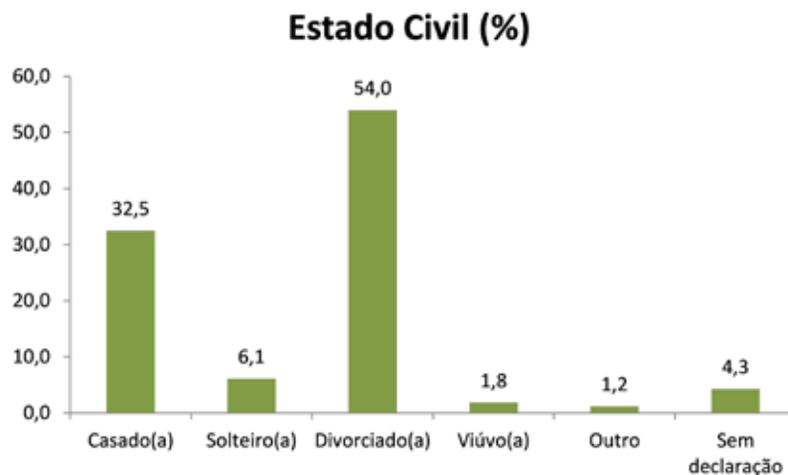
Tal como exibido no “Encontro Regional para Intercâmbio e Integração de Experiências”, o perfil dos integrantes dos NVC constituídos, vistos na sua totalidade e não separados por município, evidencia grande heterogeneidade entre os(as) participantes, seja de idade, formação ou práticas de participação em espaços políticos. Se por um lado esta característica está em concordância com o objetivo de atender um público diversificado, por outro representa um grande desafio ao lidar com expectativas diferenciadas.

Dentre os(as) integrantes dos dez (10) NVC há mais mulheres (53,4 %) do que homens (46,6 %).

Sobre o estado civil, a maior parte destes(as) integrantes (54%) é divorciada, mas há casados(as) (32,5 %), solteiros(as) (6,1%) e viúvos(as) (1,8%), sendo que 4,3% não declararam seu estado, e 1,2% disse ter uma situação diferente.

**Gráfico 1:**  
**Estado civil dos**  
**membros dos**  
**NVC.**

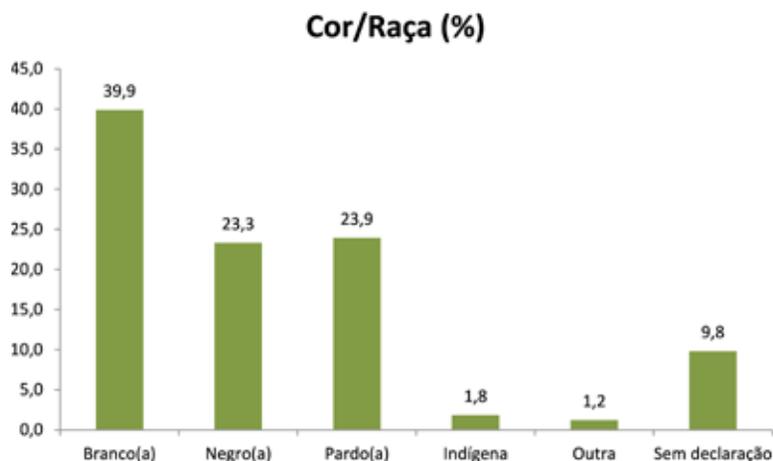
Fonte: projeto  
Territórios do Petróleo  
(2016).



Acerca da declaração da cor/raça, quase 40% dos(as) participantes do NVC declararam que eram brancos(as), quase 30% se consideram pardos(as), 23,3% declararam ser negros(as), seguidos de 1,8% de indígenas e 1,2% de “outra”. Quase 10% nada declararam sobre a sua cor ou raça.

**Gráfico 2:**  
**Declaração de cor/raça dos membros dos NVC.**

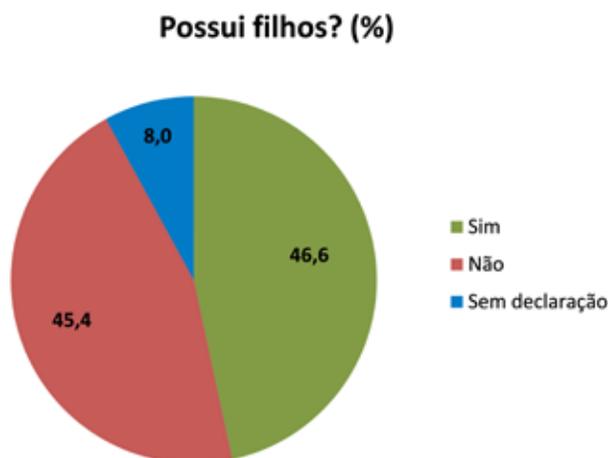
Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2016).



A respeito dos(as) integrantes dos NVC que têm ou não têm filhos(as), a situação é bastante semelhante. Assim, observamos que 46,6% têm filhos(as) e 45,4% não os(as) têm e ainda que 8,0% nada informaram.

**Gráfico 3:**  
**Quantidade de membros dos NVC que possuem filhos.**

Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2016).

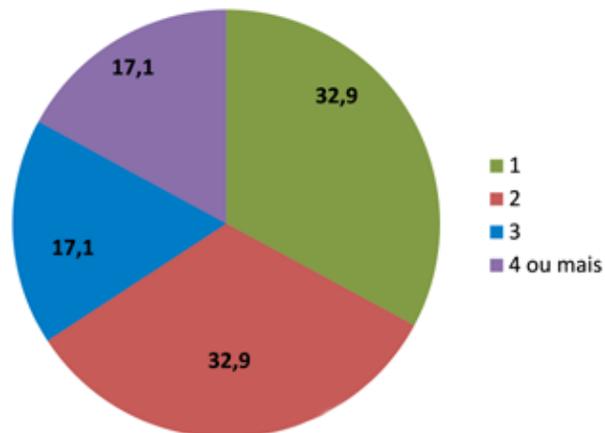


A quantidade de filhos(as) dos(as) que os(as) têm é variada: 32,9% têm um(a); 32,9% têm dois(duas), 17,1% têm três e 17,1% têm quatro filhos(as) ou mais.

**Gráfico 4:**  
**Quantidade de filhos dos membros dos NVC.**

Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2016).

**Quantos filhos possui? (%)**

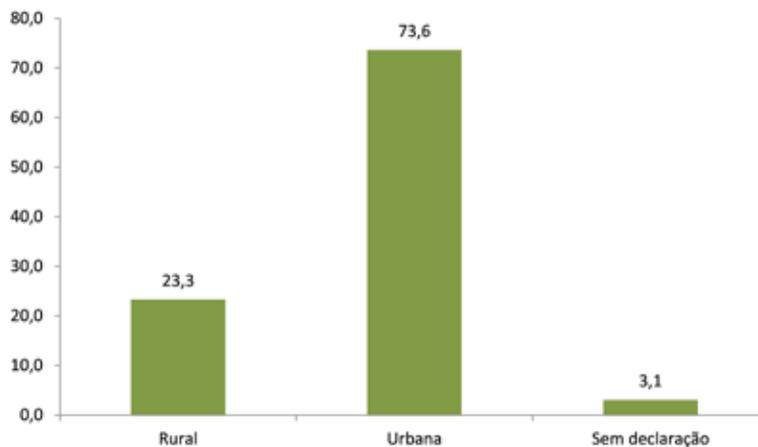


Sobre a moradia, 78,6% declararam morar na zona urbana, enquanto 23,3% informaram morar em áreas rurais dos municípios.

**Gráfico 5:**  
**Situação do domicílio dos membros dos NVC.**

Fonte: projeto Territórios do Petróleo (2016).

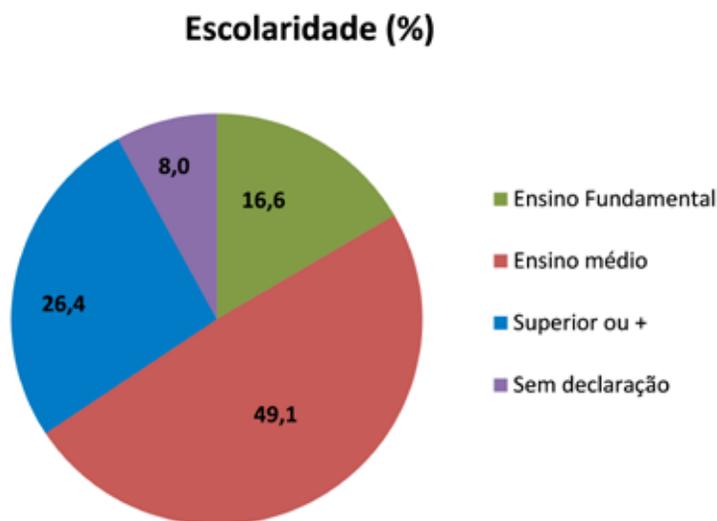
**Situação do Domicílio (%)**



Um dado interessante é sobre a escolaridade dos(as) integrantes do NVC. Quase a metade (49,1%) declarou ter cursado ensino médio, 16,6% fizeram apenas ensino fundamental, 26,4% manifestaram ter feito ensino superior e 8% nada declararam.

**Gráfico 6:  
Escolaridade dos  
membros dos  
NVC.**

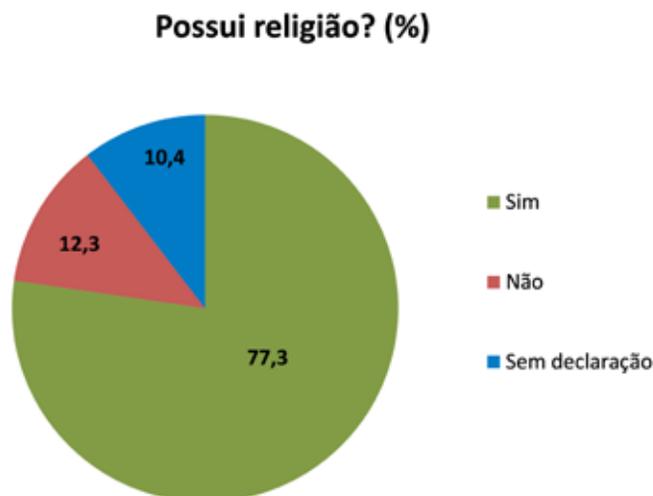
Fonte: projeto  
Territórios do Petróleo  
(2016).



A maior parte dos membros dos NVC (77,3%) disse seguir alguma religião. Entre as religiões encontramos 40,5% de evangélicos, 25,8% de católicos, 2,5% de espíritas e 1,2% de adeptos do candomblé. Por outro lado, 2,5% declararam “outra”, e 4,9% não informaram.

**Gráfico 7:  
Religiosidade dos  
membros dos  
NVC.**

Fonte: projeto  
Territórios do Petróleo  
(2016).



**Gráfico 8:**  
**Religião dos**  
**membros dos**  
**NVC.**

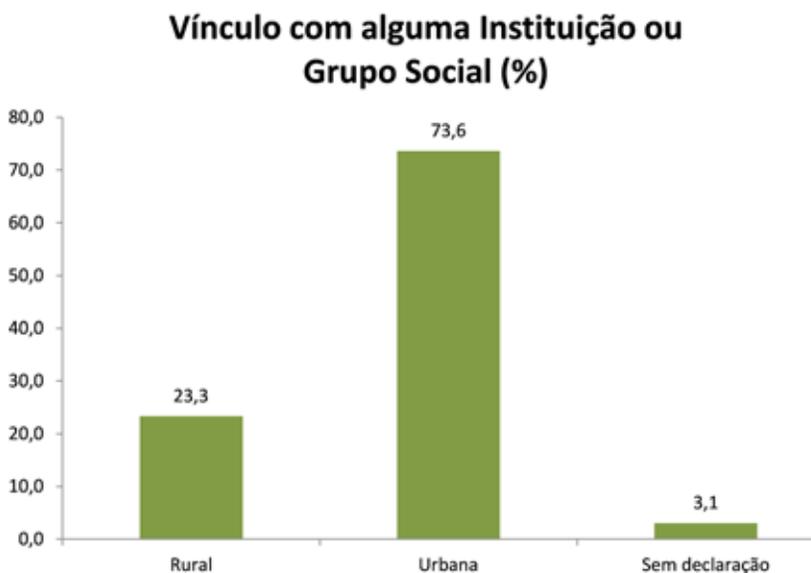
Fonte: projeto  
Territórios do Petróleo  
(2016).



Por último, os integrantes dos NVC foram convidados a declararem se tinham vínculo com alguma instituição ou grupo social. A maioria (73,6%) disse que essa instituição ou grupo era urbana, 23,3% disseram que tinham vínculo com instituições ou grupos vinculadas ao mundo rural, e 3,1% não declararam ter vínculo.

**Gráfico 9:**  
**Participação em**  
**instituição ou**  
**grupo social dos**  
**membros dos**  
**NVC.**

Fonte: projeto  
Territórios do Petróleo  
(2016).



## A modo de considerações finais

Após esta cuidadosa e necessária descrição de quem são os integrantes dos NVC, e demonstrada sua grande heterogeneidade enquanto grupo social, cabe uma interrogação: afinal, o que nos define como grupo?

E como de toda pergunta se espera uma resposta, deixa-se claro o que nos define enquanto grupo é o fato de sermos um conjunto de pessoas diferentes vinculadas por objetivos comuns, cujas relações se fundem numa série de papéis interligados numa interação coletiva que é territorializada.

O vínculo ou unidade de ação de nosso grupo se produz em virtude da conduta que evidenciamos e dos propósitos que seguimos.

**Pichon-Rivière** (1985) caracteriza a noção de grupo como um conjunto restrito de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por suas mútuas representações internas, propõe-se, em forma explícita ou implícita, a uma tarefa que constitui sua finalidade.

“Aprender está estritamente ligado às relações humanas; não se aprende com qualquer pessoa, mas sim com aquela(s) com quem se tenha alguma identificação.”

Enrique Pichon-Rivière criou em 1967 a Escola de Psicologia Social, tendo por base o grupo operativo. A escola, com formação de cinco anos, está aberta a qualquer pessoa, sem exigência de nenhum tipo de requisito prévio, nem mesmo os estudos primários.



# CAPÍTULO 20

## Territórios de quê?

• Ana Paula Souza  
Filgueira

Desde quando surgiu nestas terras  
Muita coisa aconteceu.  
Não demorou muito para logo criarem  
Conselhos, centro de estudos,  
Movimentos a favor e  
Muitos interesses.

Eis que ocupo em abundância a Bacia de Campos.  
Que deriva do nome da cidade de Campos dos Goytacazes.  
Tais acidentes geológicos  
Tornaram estas cidades exploradoras e produtoras  
Do grande ouro negro!  
Tais territórios foram chamados de:  
A maior província petrolífera do Brasil.

Mas territórios de quê?  
Pra quem?  
Não me interessa saber  
Como tantos dizem por aí...  
O petróleo é nosso ou terá que ser redividido?

Que povo é esse que  
Se diz tão rico se  
O principal rio do estado está morrendo?  
Pede socorro em meio aos dejetos.

Pagam um alto preço  
Com o tal progresso e tantas inversões de valores.  
Que povos são esses  
Que nunca ouviram falar  
De qualidade de vida de fato?  
Querem promover o turismo,  
O lazer e grandes eventos...  
Mas não pensam na falta de saneamento.

Que territórios são esses  
Que se sentem afrontados  
Quando o povo cobra políticas públicas?  
Sequer conseguem combater a violência,  
O crescimento desordenado,  
A falta de emprego  
Que causam na humanidade,  
Tanto desassossego.

Que territórios são esses,  
Donos de riquezas singulares,  
Que não são capazes de preservar o próprio chão?  
Saúde zero...  
E tão pouca educação!

Até quando os lixos  
Serão nossos cartões postais?  
Escolas sendo fechadas...  
Saúde mesmo? Nunca mais!  
Nem tudo está às escuras...  
Há quem olhe pelo povo  
e invista nas gerações futuras  
Aonde estão estas pessoas  
Que se dizem cidadãs,  
Mas não exercem o controle

Do que está descarrilhado?  
Seriam, de fato, organizados  
Ou desorganizados?

Não! A desorganização maior é deles!  
Estes que estão aí à frente.  
Que se escondem meio a tantas siglas,  
Nomes, sobrenomes  
Que não sabemos se servem pra quê  
Ou por quê?

Que leis são essas,  
Que regem os orçamentos destas cidades?  
Quem as aprova?  
Quem as executa?  
Como as acompanha?

Só sei que são aprovadas  
Diante de um público aberto  
Bem fechado.  
Será que tudo foi bem planejado?  
Não! Porque nem este  
ou aquele bairro foi contemplado  
e sequer consultado.

Tudo isto vem do ouro negro...  
Do nosso território.  
Território de quê?  
Pra quem?  
E você vai fazer o quê?  
Acorde! Vigie!  
Que o melhor vem.





# APÊNDICE

Após a discussão dos critérios para composição dos NVC pelos participantes, foram acordados coletivamente, em cada um dos municípios, os “Princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Vigília Cidadã”, os quais foram referendados em um documento, espécie de regimento de cada núcleo.

Esses documentos não diferem substantivamente entre si, já que a discussão foi realizada a partir de uma base comum elaborada previamente pela equipe técnica.

A modo de exemplo, a seguir se apresenta um desses documentos, o correspondente ao NVC de Macaé, sendo a parte do texto destacada em itálico aquela que foi acordada por este grupo, e que pode diferir dos outros núcleos, já que depende das decisões de cada grupo municipal.



# Princípios, valores e diretrizes de funcionamento dos núcleos de vigília cidadã

## **CAPÍTULO I – DOS PRINCÍPIOS E DOS OBJETIVOS DOS NVC**

O Núcleo de Vigília Cidadã foi criado para promover a discussão coletiva sobre o licenciamento ambiental, com ênfase na linha B da Nota Técnica CGPEG/Dilic/Ibama nº 01/2010 sobre os impactos da indústria do petróleo e sua relação com a vida cotidiana das comunidades, propiciando o desenvolvimento de capacidades que permitam aos seus membros ler seu(s) mundo(s), entender a realidade circundante e descrevê-la, visando combater o déficit informacional sobre os *royalties* de forma a promover a participação no controle social da renda petrolífera na Bacia de Campos.

O Núcleo de Vigília Cidadã se reunirá nas instalações fornecidas pelo PEA Territórios do Petróleo.

## **CAPÍTULO II – DA NATUREZA E COMPOSIÇÃO**

O Núcleo de Vigília Cidadã é um grupo representativo formado por até 20 (vinte) cidadãos que funcionará em espaços de educação ambiental comunitários voltados para o exercício da Vigília Cidadã (VC) e apoio à formação socioambiental e cívica de seus integrantes. Cabe

ao núcleo desenvolver um conjunto de ações cuja finalidade é operar gradativamente processos educativos apoiados na pesquisa, geração, partilha e disseminação de informações sobre *royalties* na Bacia de Campos (BC).

Critérios para os participantes dos NVC:

Ter participado de três ou mais atividades do projeto Territórios do Petróleo;

Possuir um perfil participativo, formador de opinião e de liderança;

Ter interesse e disponibilidade para continuar participando do projeto.

Critérios de inclusão de novos participantes:

Ter participado de quatro reuniões de conhecimento do projeto Territórios do Petróleo e quatro meses de participação efetiva nas atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Vigília Cidadã;

Critério de substituição de participantes:

Haverá substituição no caso de 60% de falta não justificada no período de seis (6) meses.

São consideradas justificativas:

Motivos médicos

Motivos laborais e estudantis;

Compromissos em espaços político-sociais (espaços de controle social em geral e outras organizações sociais).

Regras para suplente:

A suplência se dará por ordem de atingimento dos critérios estabelecidos no tópico de inclusão.

O Núcleo de Vigília Cidadã poderá contemplar um representante de cada PEA existente no município, que terá como finalidade contribuir

nos processos de integração, articulação e complementaridade das ações de Educação Ambiental no âmbito do licenciamento federal.

Para reforçar as suas ações e/ou suas atividades nas sedes e em outros locais do município, o NVC contará ainda com o apoio de pessoas interessadas nos temas que serão debatidos, orientados por metodologias participativas do licenciamento ambiental e da Vigília Cidadã (VC), que trabalharão no apoio e na articulação junto aos diversos atores do município.

Esta iniciativa do PEA Territórios do Petróleo está em desenvolvimento na região da Bacia de Campos desde 2014 e sua abrangência contempla os municípios litorâneos do Estado do Rio de Janeiro, sendo eles: São João da Barra, Campos dos Goytacazes, Quissamã, Carapebus, Macaé, Rio das Ostras, Casimiro de Abreu, Armação dos Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo.

O PEA Territórios do Petróleo está vinculado ao Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC), compondo as ações com outros projetos da mesma natureza, mas com objetivos específicos.

### **CAPÍTULO III – DO FUNCIONAMENTO E DA PARTICIPAÇÃO**

O NVC funcionará no espaço de educação ambiental denominado “sede”, voltado ao exercício da Vigília Cidadã (VC); ao apoio à formação socioambiental e cívica de seus integrantes e à administração municipal do PEA na qual ocorrem as atividades de formação e gestão do PEA Territórios do Petróleo.

A responsabilidade de uso e administração será da equipe técnica do PEA. As reuniões serão previamente planejadas junto com os membros do Núcleo de Vigília Cidadã, sendo que o uso deverá ser pautado nos princípios da ética, do respeito, da convivência democrática

e participativa, além dos demais valores que norteiam o projeto Territórios do Petróleo.

Da carga horária e periodicidade de encontros:

O Núcleo de Vigília Cidadã fará reuniões no 1º (primeiro) e 3º (terceiro) sábados do mês, podendo haver supressão de uma das reuniões em caso de atividades formativas ou quando o grupo achar necessário.

Do funcionamento, participação e comportamento no espaço do projeto:

Devem ser observados as seguintes normativas:

Respeitar tempo de fala que será definido a cada reunião

Respeitar o caráter apartidário do espaço.

As pautas serão definidas na reunião anterior, podendo haver inclusão de itens quando o grupo julgar necessário.

Haverá licença obrigatória ao sujeito da ação educativa no caso de candidatura eleitoral durante o período do processo.

O regimento poderá ser alterado, com no mínimo 30 (trinta) dias de antecedência de divulgação da proposta de alteração quando o grupo julgar necessário, sendo necessário para aprovação quórum mínimo de 2/3 (dois terços) dos membros ativos.

## **CAPÍTULO IV – DO USO COLETIVO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS**

O PEA Territórios do Petróleo irá disponibilizar espaços físicos para manter em funcionamento e oferecer aos sujeitos da ação educativa atividades pedagógicas e informativas desenvolvidas pelos membros do Núcleo de Vigília e técnicos do PEA Territórios do Petróleo.

Da utilização do espaço:

Não poderá ser utilizado para fins pessoais e/ou político-partidários.

## **CAPÍTULO V – ATRIBUIÇÕES DA EQUIPE TÉCNICA**

A equipe técnica fica responsável por dar apoio à preparação, mobilização e execução das atividades, elaboração de atas das reuniões e pelo apoio físico envolvendo equipamentos, reserva e organização do local de reuniões, material didático e registros das atividades.

## **CAPÍTULO VI – VALORES, PRINCÍPIOS E ESPAÇO COMPARTILHADOS**

Uma das principais características do PEA Territórios do Petróleo é o público diversificado, sendo este previsto em consonância com as diretrizes delineadas pelo Órgão Ambiental (CGPEG/Ibama) e identificada e postulada a partir dos dados provenientes do Diagnóstico Participativo do PEA-BC (2012).

A ideia de se levar uma discussão pública em torno da distribuição e aplicação dos *royalties* e participações especiais pelo poder público municipal, bem como acoplar em um mesmo espaço pessoas com valores, princípios e visões muito diferentes, traz como desafio o uso responsável do ambiente, de modo que este seja bem aproveitado por todos.

Diante disso, este documento visa dar voz às pessoas para que apontem de que maneira gostariam que estes espaços de discussão de temas relevantes para todos fossem utilizados ou não, definindo em conjunto quais seriam as regras de convívio nesses locais, dando inclusive uma definição a essas regras.

Além disso, é de suma importância que os participantes que irão compartilhar o mesmo ambiente de convivência apontem quais seriam os princípios e valores que os cercam, a fim de que mantenham o respeito e a integração entre os mesmos. Diante disso, a pergunta que se faz aos sujeitos da ação educativa com relação aos espaços



compartilhados entre eles seria: Como você gostaria que este espaço fosse visto?

A partir de uma discussão coletiva, descrevemos abaixo, os princípios e valores acordados coletivamente pelo grupo.

Dos princípios e valores:

Postura ética

Princípio da impessoalidade

Princípio da imparcialidade no processo de tomada de decisão.

## **CAPÍTULO VII – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

As disposições do presente documento, denominado “Princípios e Diretrizes dos Núcleos de Vigília Cidadã”, poderão ser complementadas por meio de resoluções a serem aprovadas em plenária dos sujeitos da ação educativa e por maioria absoluta (50% mais um) dos seus membros.

O presente documento entra em vigor após a composição dos membros do NVC contemplado pelo PEA Territórios do Petróleo, dispensando qualquer publicação oficial.

Macaé, 02 de abril de 2016.

# Referências bibliográficas

## **Introdução**

GANTOS, Marcelo Carlos (Org.). **A Caravana Territórios do Petróleo:** Ressignificando a educação ambiental na Bacia de Campos. Campos dos Goytacazes: Eduenf, 2016.

## **Parte 01 - Etapa de Sensibilização**

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS. Relatório final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC. Referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos – PEA-BC. Soma, set. 2014.

## **Capítulo 01 - Totem interativo & educativo: informação na ponta dos dedos**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Carapebus. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2014a.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Quissamã. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2014b.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Armação dos Búzios. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015a.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Arraial do Cabo. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015b.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Cabo Frio. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015c.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015d.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Casimiro de Abreu. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015e.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Macaé. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015f.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Rio das Ostras. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015g.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015h.

### **Capítulo 02 – Jogar para todo mundo ganhar**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Arraial do Cabo. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

### **Capítulo 03 – O uso da energia na linha do tempo**

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Carapebus. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2014.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Arraial do Cabo. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Cabo Frio. Campos dos Goytacazes, 2015b.

#### **Capítulo 04 – Teatro no “Territórios”: o cidadão sobe ao palco**

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Cabo Frio. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Casimiro de Abreu. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015b.

#### **Capítulo 05 – A gente se vê no cinema: documentários socioambientais na Caravana**

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Ed. Papyrus, 2005.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Carapebus. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2014.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Cabo Frio. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015a.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Armação dos Búzios. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015b.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Macaé. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015c.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Rio das Ostras. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015d.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015e.

### **Capítulo 06 - A Mesa-Redonda e a participação social em debate**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

### **Capítulo 07 - Oficina do que somos e do que queremos ser**

CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana Beatriz. Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos. Petrópolis: Vozes, 1995, 125p.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Caravana Territórios do Petróleo em São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

### **Capítulo 08 - O desafio da participação a partir da Reunião de Devolutiva (RD)**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da Reunião de Devolutiva da Caravana Territórios do Petróleo em Cabo Frio. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

### **Capítulo 09 - “Territórios em movimento”: rumo às comunidades**

CAMPOS, RJ, aparece na 7ª colocação em participação no PIB nacional. Portal de Notícias G1, 19 dez. 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2015/12/campos-rj-aparece-na-7-colocacao-em-participacao-no-pib-nacional.html>. Acesso em: 16 out. 2016.



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS. Relatório final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC. Referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos – PEA-BC. Soma, set. 2014.

### **Capítulo 10 - A fotografia “revelando” impactos socioambientais e políticas públicas**

HÖFLING, Eloisa de Mattos. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.21, n. 55, Nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama)** nº 1, 23 jan. 1986. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 1986. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/port/conama/legislacao/CONAMA\\_RES\\_CONS\\_1986\\_001.pdf](http://www.mma.gov.br/port/conama/legislacao/CONAMA_RES_CONS_1986_001.pdf).

OFICINA fotografia digital: estudos de impactos socioambientais e políticas públicas por meio da produção de imagens. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015. Slide.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS. Relatório final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC. Referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos – PEA-BC. Soma, set. 2014.

### **Capítulo 11 - Licenciamento e educação ambiental na gestão pública**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da oficina Licenciamento e educação ambiental na gestão pública realizada em Armação dos Búzios. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015a.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da oficina Licenciamento e educação ambiental na gestão pública realizada em São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015c.

### **Capítulo 12 - Na trilha do controle social dos royalties**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da oficina “Cidadania, controle social, orçamento público e royalties realizada em Carapebus. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de atividades da oficina “Cidadania, controle social, orçamento público e royalties realizada em São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015b.

### **Capítulo 13 - Oficina de redes, mídias e ... questões inconvenientes**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Detalhamento das atividades da oficina “Redes, mídias digitais e linguagem jornalística”. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015.

### **Capítulo 14 - Educomunicação no dia a dia da Vigília Cidadã**

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Educomunicação Socioambiental**. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

GANTOS, M. C. Projeto “Territórios do Petróleo” como ferramental de educação ambiental crítica. In: GANTOS, M.C. (org.). **A Caravana Territórios do Petróleo**: resignificando a educação ambiental na Bacia de Campos. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2016. p. 69-90.

OFICINA de Educomunicação I. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2016. Slide.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Roteiro metodológico da Oficina de Educomunicação I. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2016.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, set.-dez. 2000. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/comueduc/article/view/36934> . Acesso em: 02 fev. 2016.

SOARES, I. O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, jan.-abr. 2002.

Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/37012>.  
Acesso em: 02 fev. 2016.

## **Capítulo 15 - Avaliação, revisão, reinvenção: o permanente aprendizado do projeto Territórios**

IBAMA. Nota Técnica CGPEG/DILIC/IBAMA Nº 01/10. Rio de Janeiro: Ibama, 2010. 37 p.

QUINTAS, J. S.; GONCALVES, C. W. P. ; CARVALHO, I. C. M.. Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. 3. ed. Brasília: Edições IBMA, 2006. v. 1. 206p.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS. Relatório final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC. Referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos – PEA-BC. Soma, set. 2014.

## **Capítulo 16 - Ações avaliativas e percepções sobre a aprendizagem no PEA Territórios do Petróleo**

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Carapebus. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2014.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Arraial do Cabo. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015a.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Atafona, São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015b.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Cabo Frio. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015c.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Casimiro de Abreu. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015d.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Farol de São Tomé, Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015e.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Macaé. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015f.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana Territórios do Petróleo em Rio das Ostras. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015g.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-Ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

### **Capítulo 17 - A avaliação como termômetro da ação e bússola para o planejamento**

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS. Relatório final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC. Referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos – PEA-BC. Soma, set. 2014.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana de Carapebus. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2014.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana de Atafona, São João da Barra. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015a.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL TERRITÓRIOS DO PETRÓLEO. Relatório de avaliação da Caravana de Cabo Frio. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015b.

### **Capítulo 18 – Os Núcleos de Vigília Cidadã: conceitos e concretizações**

GANTOS, M.C. Conceitos básicos do acionar cotidiano do projeto Territórios do Petróleo. Campos dos Goytacazes: PEA Territórios do Petróleo, 2015, Slide.



IBAMA. Nota Técnica CGPEG/DILIC/IBAMA Nº 01/10. Rio de Janeiro: Ibama, 2010.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. El proceso grupal. Del psicoanálisis a la psicología social (1) Buenos Aires, Ediciones Nueva visión, 1985.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA DE CAMPOS. Relatório final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC. Referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos – PEA-BC. Soma, set. 2014.







A realização do projeto Territórios do Petróleo é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA